

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Piteira Santos

**AMANHÃ
NO "DL"**

**Santos Simões
escreve sobre
o nosso jornal**

**RTI pronta
a funcionar?
Cardeal apoia**

Pág. 2

**O Encoberto
de Santa
Comba Dão**

Pág. 14



O «arranque» do chefe: Sá Carneiro quer liderar o processo político. E que responde o PSD?

SÁ CARNEIRO À PROCURA DA LIDERANÇA NACIONAL

Depois da sua proposta de Constituição Sá Carneiro vai conseguir do PS e do CDS encontros com o seu partido, procurando dar aos socialistas-democratas a imagem de liderança do processo político nacional num momento em que o IV Governo oscila nas frágeis bases em que foi edificado por iniciativa directa de Ramalho Eanes, como se sabe, mas com o aplauso do PSD.

Os socialistas, aparentemente a reboque das propostas do presidente dos socialistas-democratas, já aceitaram encontros bilaterais no que deverão ser acompanhados pelo CDS embora ainda se não conheça a resposta deste partido à proposta que lhe foi endereçada pelo PSD.

Para o PSD estes encontros terão «incidência fundamental» sobre a revisão constitucional, as grandes reformas estruturais necessárias ao desenvolvimento da democracia e sobre o pro-

grama do Governo: Mas a proposta social-democrata vai mais longe: a futura candidatura à Presidência da República ocupa lugar de destaque na agenda dos debates.

Num artigo hoje publicado no órgão oficial do seu partido, «Povo Livre», Sá Carneiro não exclui (embora a condene) a possibilidade de Eanes vir a renunciar à Presidência. Preparando-se para tal hipótese, que poderia ser seguida de nova candidatura de Eanes. Sá Carneiro coloca desde já duas condições: uma, que não surja em 1980 uma candidatura das Forças Armadas outra que não haja uma candidatura pessoal, desenvolvida à margem dos partidos. Uma e outra destas condições desenham um perfil de candidato: o do actual Presidente da República cujas declarações recentes (repetindo outras formuladas em Agosto do ano passado) de que não teme

reptos, foram tomadas como indicação de uma muito provável recandidatura.

Com a crescente instabilidade do Executivo Mota Pinto, que Sá Carneiro não se esquece de frisar mais do que uma vez, ganha novamente vulto a hipótese de eleições gerais antecipadas. Só que agora poderão ser acompanhadas de outra consulta eleitoral, esta tendo em vista Belém.

Pág. 12

Inglaterra à beira da ruptura

A situação social inglesa, agrava-se, lenta mas inexoravelmente. Parafraseando Churchill, podemos dizer que nunca tantas promessas governamentais produziram tão poucos efeitos em tantos trabalhadores.

Com efeito, colocando-se contra a corrente dos avanços registados nas negociações entre os «TUC» e o Governo Trabalhista, as bases sindicais lançaram ontem um novo desafio ao primeiro-ministro, James Callaghan. O Sindicato Nacional dos Funcionários Públicos, que é o grande impulsor das actuais greves, anunciou a intenção da sua acção em todas as circunscrições dirigidas por trabalhadores. O seu secretário-geral, Alan Fisher, afirmou que se o Executivo insistir em limitar os aumentos salariais a 10 por cento, as escolas e os cemitérios serão encerrados e os serviços de limpeza sofrerão uma paralisação total, em Londres, Birmingham, Bristol, Cardiff e numa dezena de outras grandes cidades.

Tudo indica, pois, que o novo limite de 10 por cento anunciado com tão aparente firmeza por Callaghan ao Parlamento no passado sábado se encontra já tão ultrapassado como o anterior de 5 por cento.

A crise ultrapassou já o nível laboral para abraçar toda a cena política.

«Paras» belgas em Kinshasa

Pág. 16

FMI vê Orçamento antes dos deputados

Os «homens sem rosto» do FMI, que ontem chegaram a Portugal, chefiados pelo belga Fontenay para negociar com o Governo um «programa de estabilização» que passa por um empréstimo de 50 milhões de dólares e pela aplicação de diversas medidas tutelares da economia e — segundo tem sido afirmado — limitativas no plano político, vão apreciar o Orçamento Geral do Estado antes de este

ter sido facultado aos próprios deputados que são os legítimos representantes do povo português.

Como exemplo de ingerência não poderá haver melhor. Tal submissão, afirma-se em muitos sectores políticos e financeiros, nem sequer vem melhorar a capacidade negociadora do Governo, contribuirá, na opinião dos meios financeiros e políticos, para a limitar.

As negociações para o empréstimo dos 50 milhões só devem iniciar-se depois de os técnicos do FMI terem apreciado o cumprimento das condições contidas na «Carta de Intenções» subscrita no ano passado. Tais condições parecem ser foram zelosamente cumpridas com os resultados que se conhecem: uma economia com uma crise agravada e a degradação do nível de vida das populações.

Pág. 11

SEGUNDO O PIQUETE DE GREVE

Telefones de Lisboa avariados em mais de cinquenta por cento

Os telefones de Lisboa estavam ao fim da manhã a ser seriamente afectados pela paralisação total de três dias determinada pela Comissão Negociadora Sindical do Acordo Colectivo de Trabalho dos TLP. As percentagens de avarias eram em muitos casos já superiores a 50 por cento (como acontecia em duas centrais da Andrade Corvo) e rondava noutros os 100 por cento (por exemplo, na central das Amoreiras).

O piquete de greve que nos forneceu estes elementos afirmou-nos, por outro lado, que subiram hoje as adesões à luta, uma vez que nela se integraram não só os quadros técnicos, como os directores de Serviços.

Hoje é o segundo dia de greve. Por isso são de prever piores consequências no que respeita a comunicações telefónicas, a partir da tarde e para o dia de amanhã. De facto não estão a ser reparadas as avarias que entretanto vão surgindo.

Convém ressaltar que, desde sempre e como noutras ocasiões, os trabalhadores asseguraram as comunicações telefónicas urgentes.

Por outro lado, um comunicado do Sindicato dos Telefonistas de Lisboa recordava que a unidade dos trabalhadores é mais importante que os efeitos económicos e prejuízos, de que, aliás, a administração poderia tirar efeitos políticos. Mas trata-

se, acrescentamos, de uma consequência natural da greve.

Amanhã efectuar-se-ão plenários para decidir da eventualidade de novas formas de luta se entretanto não forem concedidas as regalias pretendidas e que se referem a tabelas salariais, diuturnidades, subsídios de almoço, etc.

No Porto, onde a luta assumiu proporções diferentes (duas horas de paralisações diárias), foi esta manhã entregue, no Ministério do Trabalho (delegação), um pré-aviso de greve total e por tempo indeterminado, ou seja, igual à que neste momento se verifica em Lisboa.

Pág. 10

MAI anuncia controlo mais apertado dos estrangeiros

O Serviço de Estrangeiros, organismo dependente do Ministério da Administração Interna, propõe-se dinamizar a sua actividade em relação aos estrangeiros que em Portugal se dedicam ao tráfico de droga, contrabando de diamantes e jóias, e outras «actividades ilícitas». Mas para tal o director daquele departamento de Estado fala abertamente, e mesmo com calor, na necessidade de um «Serviço de Informações» (o SIR?). Sem ele, afirmou o coronel José de Vilhena Ramires Ramos, a actuação do Serviço de Estrangeiros nunca poderá ter a eficácia que se pretende conferir-lhe.

Isto mesmo foi dito durante uma reunião com os representantes da Comunicação Social realizada hoje de manhã num hotel de Lisboa. O coronel Ramires Ramos dirigiu também um apelo à população em geral, no sentido de ser comunicada a presença de um estrangeiro, ainda que a título gracioso, na residência de cada qual. Só com esta «colaboração» o Serviço de

Estrangeiros poderia efectuar o seu controlo, seguindo portanto de perto as passadas dos estrangeiros e as suas actividades.

O controlo abrange obviamente todos os hotéis, pensões, parques de campismo, etc. Na posse dos dados entendidos como necessários, o «Serviço» poderá, por exemplo, visar ou não os contratos de trabalho de estrangeiros. E o contrato poderá não ser visado pelo Serviço se este entender, designadamente, que o contratado não tem «idoneidade moral». Tanto bastaria para uma eventual expulsão do País.

O controlo sobre cidadãos estrangeiros feito na fronteira e incidindo depois sobre o direito de residência e sobre os passaportes, cujos vistos, conforme os casos, poderão ir de 60 dias a um ano, é insuficiente, na opinião do coronel Ramires Ramos. Também o dispositivo legal não basta, segundo afirmou. Por isso estão em projecto novas leis que

Continua na pag. 24

"Instabilidade a partir da exoneração de Igrejas Caeiro" — afirma CT da RDP

● Assembleia de funcionários esta tarde

Para proceder à análise da situação na Radiodifusão Portuguesa, a Comissão de Trabalhadores desta empresa convocou para esta tarde (18 horas) uma assembleia geral de funcionários.

Afirma-se na convocatória da referida assembleia, que a CT da RDP é alheia a «um clima de instabilidade» que a Comissão Administrativa havia mencionado em recente nota.

Mas a estrutura representa-

tiva dos trabalhadores da estação nacional assegura que se vive de facto um clima de instabilidade na empresa, clima esse que se instalou «a partir da exoneração de Igrejas Caeiro, tendo vindo a agravar-se com o anúncio do estatuto transitório, a exoneração da antiga comissão administrativa, a nomeação do assessor para os programas e do chefe da Redacção, a suspensão do programa «Contraponto» e, mais recentemente, a rescisão dos contratos de tra-

balho de José Cândido de Sousa, jornalista, e Adelino Gonçalves, locutor, a poucos dias de se tornarem definitivamente quadros da empresa, uma vez que completariam 3 anos de serviço».

A Comissão de Trabalhadores da RDP afirma-se determinada a lutar por todos os meios ao seu alcance contra os despedimentos dos contratados a prazo, «sejam eles de que partido forem ou não tenham partido algum».

Grelha remodelada na RDP a partir de 1 de Março

Por decisão da actual administração da RDP, os programas 3 e 4 (rádio comercial) passarão a funcionar sob uma direcção única nas instalações do ex-Rádio Clube Português.

Foi convidado para director João David Nunes, até agora director do 1.º Programa.

Os programas 1 e 2 serão, por

seu lado, reunidos nas instalações da ex-Emissora Nacional, sob a direcção de Oliveira Pires, actual responsável dos Cursos de Formação da RDP.

Prevê-se que as novas funções sejam exercidas a partir de 1 de Março.

Segundo um responsável da estação emissora nacional, «a

vocação da RDP é fazer rádio e não ocupar-se com actividades múltiplas como vender discos e, até criar trutas ou ter um pomar, como é o caso em certas delegações».

Segundo a mesma fonte poderá mesmo encarar-se a hipótese de libertar a RDP das orquestras que lhe custam cerca de 130 mil contos por ano e de entregar a um departamento governamental a produção de programas em onda curta para emigrantes.

Vai ser criado um Gabinete de Planeamento de Programas e espera-se depois do Verão apresentar já uma grelha remodelada.

Segundo apurou a ANOP junto da citada fonte, foi já promulgado pelo Presidente da República o Estatuto de Excepção para a RDP, a exemplo do que vigora para a RTP, e que tem provocado contestação dos órgãos representativos dos trabalhadores. O Estatuto destina-se a permitir à Administração uma maior margem de manobra para a reestruturação prevista.

Cooperativa "Nova Esperança" exige "Contraponto"

Os corpos gerentes da Cooperativa de Consumo Nova Esperança, de Azambuja, manifestando-se contra a suspensão do programa «Contraponto», aprovaram uma moção que repudia «vivamente» a tomada de posição por parte da Comissão Administrativa da RDP.

Acentua-se na moção a solidariedade com «o movimento que luta por todos os meios pela garantia e defesa de uma informação livre e independente ao serviço dos mais desfavorecidos».

Exige-se, finalmente, uma rádio que dignifique o 25 de Abril.

Conselho de Imprensa foi empossado

Efectuou-se esta tarde, na Assembleia da República, a cerimónia de posse dos membros do Conselho de Imprensa, em substituição do que funcionou até à data.

Designados pelos partidos com assento no Parlamento, os elementos do novo CI são António Reis (PS), Vilhena de Carvalho (PSD), Carlos Robalo (CDS) e Monteiro dos Santos (PCP).

A posse foi conferida pelo Presidente da Assembleia da República, Teófilo Carvalho dos Santos.

RTI diz ter apoio do Patriarca e confia no ministro Proença de Carvalho

Dizendo contar com o apoio do Patriarca de Lisboa e manifestando acentuada confiança na actual equipa governamental, e particularmente no ministro Proença de Carvalho, os fundadores da denominada RTI (Rádio, Televisão Independente) afirmaram ontem, em conferência de Imprensa, que estavam prontos — desde que autorizados com os respectivos alvarás — a transmitir programas de rádio e televisão (mesmo a cores...) dentro de três meses.

Na mesa da conferência, presidida pelo capitão Tomás Rosa, sentaram-se, entre outros, Orlando Vitorino, Pedro Moutinho, Manuel Bivar, Luís Câmara Mário Nobre e Penha Coutinho, este último conhecido cronista do semanário «Tempo» sob o pseudónimo de «Manuel de Portugal».

Segundo Tomás Rosa, a RTI terá amanhã uma audiência com Proença de Carvalho, devendo para já, nessa reunião ser pedida ao ministro a frequência da Rádio Ribatejo.

Entretanto, a grande questão que mobiliza os esforços dos mentores da RTI é tornar a «dificuldade» posta pelo artigo 38.º da Constitui-

ção portuguesa que estabelece que a televisão não pode ser objecto de propriedade privada. Um parecer jurídico encomendado ao dr. Lucas Pires (cuja ausência na conferência foi lamentada devido a tarefas na Assembleia da República) está, por outro lado, a ser utilizado como principal argumento na contestação judicial da RTI. Esta considera pertencer ao sector cooperativo e não ao privado.

FINANÇAS

Os promotores da conferência escusando-se, embora a revelar as fontes de financiamento do seu projecto («não precisamos do Estado para nada», disse o ex-ministro do Trabalho) puseram, no entanto, à disposição dos jornalistas um livro «Dossier-RTI» onde, entre outra documentação, são divulgados os nomes dos seus principais apoiantes e sócios.

Desde os irmãos Galvão de Melo, aos industriais norte-nhos, Salvador Caetano, Manuel Violas e Carlos Viveiros Avides Moreira (apoiantes já de «O Diabo», ao major Sancho Osório, ao ex-secretário de Spínola, José Valle de Figueiredo, a Vera Lagoa, a Nuno Nazaré Fernandes, passando por numerosos responsáveis dos extintos

partidos Liberal e do Progresso envolvidos no 28 de Setembro de 1974, há ainda na lista inúmeros profissionais da Rádio e TV antes do 25 de Abril. Outro ilustre sócio é o presidente da CIP, Vasco de Melo. Do primeiro grupo de sócios sobressaem igualmente os nomes de Pinheiro de Azevedo, Odete de Saint-Maurice, Batista Rosa, Luís Arouca, Américo Leite Rosa, etc.

Foi ainda dito, na conferência, que a RTI conta com a colaboração de profissionais de relevo» da RDP e da RTP. A revelação dos seus nomes foi, porém, recusada por questões de «segurança» dos citados profissionais.

Segundo Mário Nobre, a RTI quer ser «moderna, atrante, popular e pluralista». Penha Coutinho quase jurou que sim, que seria pluralista.

Pedro Moutinho citou como exemplo a BBC e disse esperar muito dos contactos no Brasil, França e EUA. Do Brasil já contrataram Armindo Blanco para dirigir a revista que vão publicar. Finalmente, dos Açores e Madeira já receberam, promessas de abertura à participação nos programas regionais de Rádio. E prometem continuar!...

Trabalhadores na Imprensa vão prosseguir a luta em prol dos seus direitos

«Os trabalhadores abrangidos pela proposta sindical do CCTV da Imprensa, há cerca de 49 e 25 meses (respectivamente administrativos e gráficos) não têm revisão da sua contratação colectiva» — foi hoje afirmado, em conferência de Imprensa pela Comissão Negociadora Sindical da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Cartonagem.

De acordo com os dados publicados pelo Instituto Nacional de Estatística, «desde a entrada em vigor do mais recente contrato, Janeiro de 1977 até Dezembro de 1978, o custo de vida aumentou 57,6% excluindo os aumentos na habitação».

Sublinhou-se que esta aumento percentual é maior, «se se considerar a entrada em vigor (Janeiro de 75) do CCT que actualmente abrange os administrativos e revisores de Imprensa».

«Os trabalhadores na Imprensa têm, como todos os outros, direito e necessidade de repor o seu poder de compra perdido através dos escandalosos aumentos do custo de vida, e

de lutar pela melhoria das suas condições de trabalho» — afirmaram os componentes da CNS.

Diriam também que «os representantes das entidades patronais têm utilizado todas as manobras possíveis para arrastar indefinidamente as conclusões do CCTV».

«Inicialmente (disseram) recusaram-se a aceitar a proposta sindical, «por motivos de férias» da principal associação patronal. (...) Prosseguiram adiando e faltando às reuniões de negociação — e, finalmente, pediram a conciliação ao Ministério do Trabalho, subtraindo-se, em parte, às suas responsabilidades».

Depois de ter lembrado as paralisações já havidas no sector, a Comissão Negociadora Sindical terminou por afirmar que «os trabalhadores estão dispostos a prosseguir a luta, porque sentem os seus direitos e interesses violentamente postos em causa». Nesse sentido, «vão realizar-se plenários de empresa, de zona e de delegados sindicais para análise da situação e aprovação de medidas a tomar».

CA da RTP nomeia delegado para a estação madeirense

FUNCHAL, 7 — Manuel Correia será o novo delegado da Comissão Administrativa da Radiotelevisão Portuguesa na Madeira, devendo assumir as suas funções no final desta semana.

Por outro lado o jornalista Pedro Luís de Castro, da RTP-1, transitará para a Madeira, onde assumirá as funções de assessor de Manuel Correia.

Manuel Correia, que tem desempenhado cargos directivos

em diversos hotéis do Algarve, virá preencher em definitivo a vaga deixada em aberto com a saída, em Outubro passado, do anterior delegado, tenente Cruz Dias.

O lugar de delegado da Comissão Administrativa da RTP na Madeira tem sido assegurado interinamente pelo chefe dos Serviços Técnicos da RTP/Madeira, Carlos Alberto Fernandes.

"Terceiro Mundo" deturpado

Na Conferência Intergovernamental sobre a Política da Comunicação na Ásia e na Oceania, a decorrer em Kuala Lumpur, o ministro da Informação indiano, Lal Advani, subcreveu as acusações feitas contra as agências noticiosas internacionais pelo primeiro-ministro

malaio, Datuk Hussein Onn, declarando que as agências do mundo desenvolvido deturpam a política e os actos dos países do Terceiro Mundo.

«É lamentável que o actual mapa-mundi da informação seja dominado pelos países prósperos do Ocidente», frisou.

Apoio de trabalhadores de escritório "Diário dos Açores" faz 110 anos (e está prestes a ser vendido)

Um grupo de trabalhadores de escritório da empresa Transportes Manuel F. Fernandes, Lda, insurge-se contra a suspensão do programa «Contraponto».

«Solidarizamo-nos (lê-se num abaixo-assinado) com toda a equipa responsável por aquele programa arbitrariamente suspenso pela CA da RDP».

PONTA DELGADA, 7 (ANOP) — O «Diário dos Açores», o quotidiano mais antigo do arquipélago, entrou ontem no 110.º ano de publicação.

Considerado «instituição familiar» (pertenceu sempre à mesma família) e «independente», o «Diário dos Açores» deverá ser vendido em breve.

Nesse sentido, segundo in-

formou à ANOP um elemento da empresa, já há contactos encetados com diversas entidades privadas.

Vespertino fundado em 1870 por Tavares Resende, é actualmente dirigido por Carlos Carreiro e pretendeu manter sempre «uma directriz apartidária e em defesa dos ideais insulares açorianos».

ASSINATURAS DL

(VIA NORMAL PARA O CONTINENTE E ILHAS)

Considerem-me assinante a partir do dia _____ de _____ de 1979; ☐ 3 meses (565\$00) pelo período de: ☐ 6 meses (1130\$00)

NOME _____

MORADA _____

(NÃO ESQUEÇA O CÓDIGO POSTAL)

Juntar cheque ou vale do correio e enviar para:

Diário de Lisboa Rua Luz Soriano, 44 1200 LISBOA

O «Diário de Lisboa» é um vespertino de expansão nacional. A nossa distribuição cobre, com elevado grau de penetração e de eficácia, grande parte do País, mas o jornal não chega a muitos pontos do interior no mesmo dia, não atinge todos os núcleos populacionais onde residem potenciais leitores.

Além da notícia do dia, da informação relativa aos acontecimentos, o «Diário de Lisboa» insere matérias cujo interesse de leitura ultrapassa largamente as 24 horas que condicionam a periodicidade da publicação, que tem além do interesse informativo, um interesse formativo, educativo e cultural.

Decidimos, para ir ao encontro dos leitores, principalmente daqueles que residem fora de Lisboa, manter até ao fim do ano, os preços de assinatura do «Diário de Lisboa».

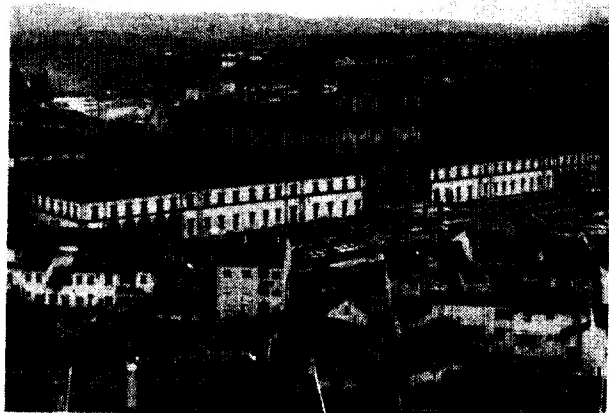
Esta decisão, de manter o preço do jornal nas assinaturas por três e seis meses, facilitará, também, formas de apoio ao «Diário de Lisboa», como, por exemplo, a subscrição de assinaturas a favor de familiares e de amigos residentes fora de Lisboa.

ponto a ponto



A delegação portuguesa presente em Berlim à sessão extraordinária do Conselho Mundial da Paz, que é presidida por Costa Gomes e inclui personalidades da vida política e sindical nacional, designadamente Carlos Candal (PS) e Manuel Lopes (CGTP-IN), teve um encontro com a delegação do Irão, durante o qual «foram trocadas impressões sobre a situação no Irão e as iniciativas de solidariedade a levar a cabo em Portugal».

No próximo sábado, dia 10, na Capricho Bejense, terá lugar uma cerimónia comemorativa do XX aniversário da Revolução Cubana. A iniciativa pertence à Associação de Amizade Portugal-Cuba, que está a organizar em diferentes pontos do País idênticas sessões. Representantes da Embaixada cubana e autoridades locais assistirão à cerimónia de encerramento das comemorações, que incluem uma exposição documental sobre a Revolução Cubana.



A comissão organizadora das comemorações do 8.º centenário do Mosteiro de Alcobaça, presidida pelo bispo auxiliar de Lisboa, D. António Marcelino e composta pelo vigário de Alcobaça, Alexandre Ciopa, pelo presidente da Câmara (Miguel Guerra), além de outras individualidades, convidou Eanes a presidir ao acto inaugural. O Chefe do Estado aceitou.



O embaixador da Checoslováquia em Lisboa, Miroslav Hruza, esteve em Belém a apresentar cumprimentos de despedida ao Presidente da República, por abandonar em breve o seu posto. Ainda ontem, o general Ramalho Eanes recebeu o embaixador português na Dinamarca, Leite Cruz.

O general Neves Cardoso, comandante-geral da PSP, esteve na tarde de anteontem a despedir-se, no comando distrital de Coimbra daquela corporação a despedir-se do respectivo pessoal. Neves Cardoso, que deixa as funções de comandante da PSP, por ter atingido o limite de idade, esteve ainda ontem em Viseu também em cumprimentos de despedida.

O novo comandante-geral da PSP deverá ser o general Lopes Alves, com tomada de posse previsto até final de Fevereiro.



CRIATIVIDADE CIENTÍFICA E MANDARINATO INSTITUCIONAL EM SAÚDE PÚBLICA

JAIME PINTO

Os países que querem avançar decididamente no caminho do progresso não podem limitar-se a desmembrar situações circunstanciais, mas antes se projectam em cometimentos de sequência lógica e de dinâmica assegurada até à resolução causal das crises que as motivam. É fácil colmatar deficiências remediando os aspectos mais gritantes, camuflando afinal a verdadeira essência dos problemas; mas é extremamente difícil especialmente para as pessoas que dos problemas não procuram capitalizar glórias, abordar os corajosamente em toda a sua significação. Porque os problemas, além dos seus aspectos específicos, constituem no seu conjunto e interdependência, índices da maior fertilidade se os soubermos compreender em toda a sua significação.

A atitude mais ou menos responsável, mais ou menos fútil, depende fundamentalmente da consciência profissional e do sentido de responsabilidade dos dirigentes científicos e, por absoluta analogia, dos dirigentes políticos.

O dirigente científico produtivo é o que induz os seus colaboradores no caminho da metodologia científica, objectiva e crítica, pela conscienciosa definição do ponto de abordagem dos problemas e da escolha circunstanciada dos caminhos a adoptar para o seu estudo. Transmite-lhes as suas técnicas, as suas concepções e, até, as suas re-

servas de ponderada prudência, derivadas daquela experiência que só é inerente a uma vida de intenso trabalho pessoal.

Os chefes que nunca usufruíram desse tipo de actividade, têm a natural tendência em situar-se ao nível meramente burocrático e, quando descem aos laboratórios, é geralmente para sugerirem cometimentos absolutamente improvisados, por vezes absurdos, do que resulta um alinhamento geral da instituição que dirigem ao baixo nível da sua imagem e semelhança.

A investigação científica é uma vocação; mas tem de alicerçar-se numa sólida preparação e numa inteligência esclarecida, humilde e aberta. Um chefe científico, que nunca tivesse feito verdadeira investigação, constitui um absurdo, uma aberração das mais perigosas e esterilizantes. A carência de qualificação para trabalhos criativos, leva-os muitas vezes a obterem uma compensação consagrando-se à elaboração de livros de síntese ou de doutrina. Mas a falta de ligação directa às realidades da metodologia científica, crítica e selectiva, leva-os, porém, a acumulação bizantina, indigerida, de noções gerais sacadas da mais diversa bibliografia de tipo escolar, por vezes contraditórias.

O chefe pseudocientista acumulará frustrações em contacto com os subordinados que realizem verdadeira investigação; e, se for de temperamento narcísico e agressivo, cedo inicia ten-



tativas de depreciação. Quando não pode pôr em causa a sua competência por eles terem obtido, anteriormente, inegável consagração ao nível internacional, resta-lhes a solução de pôrem dúvidas sobre o interesse prático dos trabalhos abordados.

A verdadeira tonalidade da sua intenção revela-se, contudo, quando, ao mesmo tempo e paradoxalmente, dão todo o seu apoio, e até induzem, trabalhos de tal maneira improvisados que se lhes não discortina nem os objectivos, nem os métodos nem as conclusões, servindo, quando muito, para encher papel e justificar aos incautos, as verbas, por vezes avultadíssimas, que com eles despendem.

Esse tipo de trabalhos tem

para eles, obviamente, interesse prático; e no sentido literal até! Porque lhes permitem angariar um falso prestígio e exibir uma falsa vitalidade na instituição que dirigem. O seu critério de utilidade é, portanto, viciado e hipócrita, além de que, apesar da situação hierárquica que usufruem, são absolutamente inqualificados para ajuizarem de temas científicos que os ultrapassam.

Deste modo se criaram burocratas da ciência e da saúde pública; nem verdadeiros cientistas nem sanitaristas competentes. Chegou-se ao ponto de funcionários administrativos se permitirem, também, ajuizar do interesse e alcance das pesquisas científicas realizadas nas insti-

Continua na pág. 4



PERGUNTAR NÃO OFENDE

Com a presença, na assistência, de quatro membros do Conselho da Revolução, foi ontem o Governo à Assembleia da República, a perguntas. Não averbou uma vitória política, nem marcou um êxito de propaganda. A sessão foi de uma monótona exemplar. Diz hoje um matutino que, Governo e parlamentares, jogaram ao rato e ao gato... Outro matutino considera que o Governo falhou a «operação de propaganda» — com vista — como todos sabemos — a preparar o ambiente para o debate sobre o Orçamento.

Realmente, mais do que a uma «operação de propaganda», assistiu-se a uma tentativa de reanimação. O Governo, de sua graça e nossa instabilidade o IV Constitucional, não agrada a gregos e não satisfaz troianos. Vive do vazio político e não consegue preencher o vazio governativo. O que fez — para além da recuperação latifundiária e do desastre da Comunicação Social — não merece relevo, nem pesa, atrasa mais do que adianta, a ninguém contenta. Alguns esperam o discurso de 25 de Abril, muitos aguardam um colapso para breve. O IV Governo Constitucional é um cadáver adiado. Dois anos ainda? Será exigir-lhes uma agonia lenta e sofrida.

Claro que Governo não poderia dispensar-se de mandar para o interrogatório da Assembleia da República o vice-primeiro-ministro, prof. Jacinto Nunes. Mas — todos o sentiram — tratava-se de jogar à defensiva. O debate nas matérias económicas e financeiras ficou adiado para a discussão orçamental. Os outros governantes, deram má conta do recado. E reconhecemos que este exercício parlamentar está viciado à partida: os deputados fazem perguntas, o Governo decide a quais responde. Na escolha dos temas, reside a trapaça. A lista das perguntas que não mereceram resposta é elucidativa. E suscita curiosidades. Ficamos a cogitar que será lícito e útil para essas perguntas, preteridas na selecção governamental, procurar resposta. Talvez o leitor goste de saber o que dizem os silêncios do IV Governo Constitucional.

OS ADIAMENTOS TÁCTICOS

Não terá sido o Orçamento Geral do Estado, que o Governo deverá enviar à Assembleia da República até ao próximo dia 15, o único factor de adiamento, ou de atenuação do debate parlamentar. Também a actividade legislativa está a sofrer o reflexo de certas travagens. O Partido Socialista faz depender do seu Congresso definições e decisões que tar-

dam. Outras forças políticas, e, talvez, o próprio Presidente da República, aguardam os resultados do próximo Congresso do Partido Socialista. Estamos a assistir a operações de exploração, a reconhecimentos do terreno.

Antes de fixar a sua actuação nos «Anos 80», tem o Partido Socialista, como já foi afirmado, que resolver o problema da sua actuação prática, da sua definição política, da escolha das alianças, neste ano que corre de 1979. Ano em que, com o das eleições para as autarquias, o problema dominante, no plano político, será o do lançamento de uma candidatura para as eleições presidenciais de 1981.

Com efeito, como já aqui se anotou, a eleição presidencial condicionará as eleições para deputados, e não estas, embora realizadas em data anterior, poderão ser daquela condicionantes. Notório e público é, igualmente, o facto de a eleição presidencial estar a ser associada a decisiva questão da revisão constitucional. Notório e público é o facto de se pretender dar à eleição presidencial um carácter programático que, para além de um convénio entre os partidos que entendam apoiar uma candidatura, venha a revestir o aspecto de uma proposta política autónoma e inovadora. O que, a verificar-se, criaria um movimento específico em torno de um programa preciso e visando a definição de uma «nova ordem constitucional».

Afigura-se difícil que, sem o Partido Socialista, se possa constituir uma «maioria presidencial». Por isso também, o Congresso do Partido Socialista retarda a oficialização de hipóteses que recentemente foram ventiladas e o anúncio de agrupamentos que estão na forja. Os «corpos sociais» foram chamados a tomar uma iniciativa. Mas os «partidos» não se mostram dispostos a ceder-lhes as posições, a iniciativa, a última palavra.

A CLARIFICAÇÃO NECESSÁRIA

Entre os pontos que o dr. Francisco Sá Carneiro pretende ver clarificados inclui-se: «uma definição clara quanto à futura candidatura à Presidência da República». O presidente do Partido Social-Democrata entende que importa sublinhar — e é isso que faz no seu artigo no «Povo Livre» — a «urgência» dessa definição.

Marchando no sentido de provocar essa clarificação, o dr. Francisco Sá Carneiro abre o jogo. O Partido Social-Democrata não pretende impor «a sua Constituição», esforçar-se-á por alcançar, por consenso, «a Constituição de todos os Portugueses». A fórmula utilizada se é redutiva, elegendo um número restrito de interlocutores, vem desanimar os defensores de um plebiscito presidencialista. E, quanto à candidatura à Presidência da República, a posição do dr. Francisco Sá Carneiro não é tão clara, como se supunha. O presidente do PSD afirma e recorda: «Creio, por último, e também já o disse publicamente, que na próxima eleição presidencial não deverá nem poderá haver um candidato das Forças Armadas, seja ele civil ou militar. Não poderá sob essa forma, pelo menos com o PSD, ressuscitar-se qualquer tipo de pacto MFA-Partidos». Não fica excluído, na letra do artigo, o candidato militar de forças políticas ou de alguns civis.

Porto: Plano de Actividades mais ousado que os anteriores

«Não é ainda obra perfeita, acabada, mas demonstra uma muito louvável preocupação de acertar com as recomendações que esta Assembleia expressou quando da apreciação de documento idêntico no ano passado» — afirmou o eng. Soares Cardoso, membro da Assembleia Municipal do Porto durante reunião recentemente efectuada por aquele órgão autárquico para apreciação do Plano de Actividades e do Orçamento da CMP para o ano corrente.

Os dois documentos foram aprovados na generalidade.

Por sua vez, o dr. Cassiano Abreu e Lima (APU) considerou que o Plano e o Orçamento deste ano são mais ousados e menos subordinados aos conceitos tra-

dicionais.

«Sobre o Plano (disse), a sua principal limitação reside na filosofia política que presidiu à sua elaboração, pois foi executado longe da população da cidade...»

Por esse motivo, não pode o Plano estar «longe das suas aspirações mais sentidas», bem como «da sua participação no estabelecimento de prioridades e na procura de soluções para os problemas».

Considerou, pois, aquele elemento da Aliança Povo Unidos que a tarefa fundamental do planeamento foi executada «burocraticamente e não democraticamente, dada a preocupação de atender mais àquilo que a lei estipula e não às carências da cidade».



«Um documento mais ousado e menos subordinado aos conceitos tradicionais» — eis como foi classificado o Plano de Actividades para o ano corrente elaborado pelo Município portuense

Portimão: primeira fase do porto terminada em 1980

Estará concluída, «na pior das hipóteses» no final de 1980, a primeira fase da construção do novo porto de Portimão.

Esta afirmação foi feita por Analide Guerreiro, director da Junta Autónoma dos Portos de Barlavento do Algarve, durante uma palestra que proferiu perante os membros do Rotary Clube de Portimão.

Esta parte da obra, que custa mais de 400 mil contos, dotará aquela cidade com um cais de 300 metros para comércio e turismo, uma zona de acostagem para «car-ferries», outro cais para descarga de traneiras e arrastões costeiros e de um plano inclinado para reparação e construção naval.

O porto de Portimão poderá assim, segundo Analide Guerreiro, registar, quatro a cinco anos depois de construído, um movimento de 160 mil toneladas de carga por ano. Prevendo-se que este número suba para 260 mil ao fim de oito anos de utilização.

As pescas e o turismo serão as actividades que mais beneficia-

rão com o novo porto, prevendo-se que Portimão passe a ser visitado por grandes navios em cruzeiros.

«A seguir a Lisboa e ao Funchal, o porto de Portimão tem possibilidades de vir a registar o maior movimento de turismo, o que beneficiará toda a região» — salientou, na sua exposição, o director da Junta Autónoma dos Portos.

Todavia, também se prevêem já alguns problemas com o início da actividade da zona portuária. Os principais prendem-se com o aumento de tráfego que se irá sentir na ponte rodoviária de Portimão, o que aconselharia a um desvio da Estrada Nacional 125, «mas essa obra custaria talvez 400 a 500 mil contos, o que se torna, na fase actual, pouco viável».

Outro problema previsível é o do aumento da poluição no estuário do rio Arade, pensando-se, no entanto, que com a construção de duas estações de tratamento de esgotos, cuja construção está já planeada, ele venha a ser resolvido.

«Esta água está contaminada!»

A Coordenadora das Comissões e Associações de Moradores do Porto (não abrangendo os bairros camarários) denuncia publicamente a situação escandalosa criada pela má qualidade da água consumida na cidade, o que vem sendo provado por análises.

«Já não bastava a falta de água: restava ainda permitir-se a sua contaminação» — salienta um documento que pergunta de quem é a culpa e o que faz a Câmara Municipal do Porto.

E pondo os pontos nos «ii».

«Não cumprindo o articulado na Lei do Poder Local, no tocante à obrigatoriedade das câmaras

cumprirem as decisões das Assembleias Municipais, a CMP decidiu não levar à prática uma proposta aprovada em reunião plenária da AM portuense, no sentido da realização de um inquérito aos Serviços Municipais de Águas e Saneamento».

O comunicado considera «muito positiva a posição da Assembleia Municipal do Porto ao decidir realizar, ela própria, o inquérito aos SMAS». Que termine o alerta: «Esta água está contaminada!»

«Todo o nosso apoio à conclusão do inquérito» — termina a Coordenadora das Comissões e Associações de Moradores.

«Voz do Operário» — em defesa da Reforma Agrária

Efectua-se, na próxima sexta-feira, às 21 e 30, na «Voz do Operário», uma sessão promovida pelo «Movimento da Opinião Pública em Defesa da Reforma Agrária».

Oradores:

Blasco Hugo Fernandes, Fernando Oliveira Baptista, Feliciano Raposo, Mário Murteira e Lino Lima.

O programa da sessão compreende um «canto livre».

«Pão de Açúcar» é azedo aos sábados

Face aos acontecimentos verificados no último sábado com a abertura das lojas do «Pão de Açúcar» da Boavista e de Gaia, a Assembleia Municipal do Porto voltou, uma vez mais, a debruçar-se sobre o caso.

Assim, foi aprovada uma moção pela maioria dos elementos municipais (houve duas abstenções por parte do CDS) que considera que o Governo, ao autorizar a abertura daqueles estabelecimentos aos sábados de tarde, «tripudia sobre os direitos dos trabalhadores do comer-

cio e os interesses dos pequenos e médios comerciantes, afronta a Constituição, viola o Decreto-Lei 79/77 (competência das autarquias para fixar os horários do comércio)», e ainda «atenta contra o poder local, desautorizando o Executivo do município portuense».

Consequentemente, a Assembleia Municipal decidiu «repudiar veementemente esta ingerência imoral, inconstitucional, ilegal e abusiva do Governo e exigir a revogação do referido despacho».

O ensino na RDA «esteve» em Almada

A exposição sobre o ensino na RDA e a luta do povo da Bulgária pela sua libertação, em Almada, acusou grande afluência de público.

A exposição foi inaugurada em 13 de Janeiro.

Ao encerramento, recentemente ocorrido, estiveram presentes o ministro conselheiro para o Ensino da República da Bulgária, o presidente da As-

sembleia Municipal de Almada, um representante da Câmara e um outro das colectividades locais de cultura e recreio.

Ao ministro conselheiros da Bulgária, o MDP ofereceu uma placa comemorativa da exposição, tendo o escritor Romeu Correia apresentado aquele diplomata com uma colecção de livros de sua autoria.

Imposto de Turismo a arrecadar (em princípio) pelos municípios

A tese de que o imposto de Turismo constitui receita fiscal a arrecadar na totalidade pelos municípios foi defendida por um alto responsável do Ministério da Administração Interna (MAI), no Governo Civil de Faro.

Em reunião com o governador civil, presidentes dos municípios, Assembleia Municipal e funcionários administrativos, o director-geral da Acção Regional e Local do MAI, Helena Torres Marques, passou em revista os aspectos de maior complexidade da Lei das Finanças Locais, prestando esclarecimentos sobre os mesmos.

«A questão do Imposto de Turismo foi, naturalmente, a mais discutida» — disse o governador civil de Faro, Almeida Carrapato.

«Mas, curiosamente, quer o director-geral, quer os assessores que com ele estiveram defenderam pontos de vista que

são coincidentes com os meus» — acrescentou.

Na mesma reunião, foi ainda abordado o problema da contribuição predial, que, tal como acontece com o Imposto de Turismo, passará a ser receita dos municípios.

Enfim a electricidade!

Quinta da Baixa, povoação anexa à freguesia de Vila Fernando, distrito da Guarda, tem, desde ontem, a sua rede de energia eléctrica. O facto deu azo a cerimónia inaugural, anunciando o presidente da Câmara Municipal da Guarda que serão também electrificadas, muito em breve, as aldeias de Vila Mendo, Monte Carreto e Santa Madalena.

CRIATIVIDADE CIENTÍFICA E MANDARINATO INSTITUCIONAL

Continuação da pág. 3

tuições; em vez de se acantonarem, eficientemente, nas tarefas que lhes cabem!

Esta é a panorâmica herdada do regime fascista, agora revigorada e invulnerabilizada em termos de se poderem organizar verdadeiras cabalas contra os cientistas mais competentes. Tolerar a incompetência, proteger a improvisação, aceitar a corrupção, ao mesmo tempo que se combate raiosamente os poucos que sabem fazer qualquer coisa a alto nível, é crime antinacional. Induzir analistas sem qualquer preparação para a investigação científica, a publicarem como trabalhos de pesquisa, resultados de análises illogicamente desgarradas, sem continuidade, sem plano e, até, sem dados alguns quanto à origem e data de colheita do material analisado, é atitude que nos dispensamos de classificar.

A apetência indelével para a derivação burocratizante, das tarefas técnicas e científicas

para que não revelaram vocação, nem capacidade, constitui grave deturpação dos objectivos atribuídos à instituição a qual, a curto prazo, degenera para o nível estandardizado e rotineiro de um conjunto de simples laboratórios de análises clínicas, cuja localização lógica seria evidentemente nos hospitais.

É por de mais sabido que os genuínos reaccionários detestam instintivamente a investigação científica, aceitando, quando muito, os seus subprodutos tecnológicos, pelos lucros que proporcionam.

A criação científica original constitui uma das bases mais fortes para a nossa credibilidade internacional, além do apoio sólido que dará ao ensino universitário e à indústria em geral. Sem ela, continuaremos também, nestes sectores, a ser subsidiários dos países estrangeiros.

E todos os esforços de recuperação nacional serão estéreis perante as manifestações impunes do revanchismo reaccionário.

Numa época de crise, como a

nossa, os países que se não queiram suicidar têm de recorrer precisamente aos seus maiores valores criativos e não esqueçamos que se eles resolverem emigrar, como tantos fizeram durante o fascismo, encontrarão no estrangeiro as condições e o respeito que lhes negaram na sua pátria.

A mediocridade não tem ideologia; sabe esperar e amolda-se a todas as formas, absorvendo naturalmente todo o oportunismo e todas as frustrações. E em vez de resolver os problemas, parasita-os sistematicamente, complicando-os artificialmente e protelando a sua solução. Parasitam-se os problemas quando nos servimos deles para os inventar agressivamente de modo acrítico, sem equivalente capacidade para os resolver quando nos são dados os meios e o poder para os usar. Parasitam-se os problemas quando nos servimos deles para autopromoção, prometendo a priori uma solução rápida, mas reconhecendo a posteriori que

eles são mais difíceis do que se pensava. Parasitam-se os problemas quando, em vez de citar para o seu estudo as maiores competências sectoriais, optamos por endossá-los a comprovadas mediocridades.

Terão os cientistas portugueses o direito de servir o seu país, ao mais alto nível, ou continuarão a ser sistematicamente traumatizados, caluniados e inibidos por elementos indignos sequer de serem seus preparadores? Felizmente que os direitos dos cientistas são hoje reconhecidos e podem ser defendidos à escala internacional; mas não deixa de ser sintomático que, em nome da competência, se dêem rédeas largas às maiores incapacidades; e se iniba invejosamente o verdadeiro trabalho produtivo. E, em nome da disciplina, que tem de ser ordenada para a criatividade e não mero código de cortêsias aos superiores, se tolerem atitudes de negativismo destruidor das mais sérias consequências para a investigação científica nacional.

Está em curso uma cabala reaccionária contra uma grande cientista portuguesa de renome internacional, sem dúvida alguma uma das maiores microbiologistas da actualidade, com trabalhos científicos originais publicados nos Estados Unidos, na França, na Alemanha Federal, no Japão e na União Soviética. A concretizar-se tal intenção, viemos expor circunstancialmente à opinião pública documentos sobre a categoria científica dessa senhora e provas iniludíveis da mediocridade profissional dos seus detractores, os quais afinal, é contra o País que estão a dirigir os seus ataques. E não prescindiremos de arejar, em ampla escala internacional, o que ainda se pode passar num País que mendiga ao estrangeiro auxílio financeiro, científico e técnico.

Por agora, sugiro ao actual secretário de Estado da Saúde uma discussão pública na TV comigo que certamente considerará oportuna, sobre:

1.º Política de saúde e política

de investigação médica e sanitária;

2.º Análise do que se tem realizado e publicado nestes sectores nos últimos anos;

3.º Debate sobre as prioridades dos temas em investigação sanitária.

O actual secretário de Estado fez parte de uma comissão encarregada de emitir pareceres sobre os projectos científicos apresentados ao então Ministério da Saúde, e julgamos ser do maior interesse para o público ouvi-lo definir-se sobre estes e outros temas que muito bem entender.

No sentido de autenticar e responsabilizar plenamente o que aqui fica escrito, permitam-se-nos que saquemos, da nossa ficha profissional, as seguintes informações gerais, não atinentes a qualquer tipo de propaganda pessoal, dado que, por motivos que se deduzem facilmente desta exposição, não desempenhámos em Portugal qualquer tipo de função: seja clínica seja científica.

Câmaras algarvias e hoteleiros disputam Imposto de Turismo

A interpretação dos artigos 3.º e 5.º da Lei das Finanças Locais está a suscitar polémica no Algarve em torno da CRTA e sua regulamentação. Em questão está a cobrança do imposto de turismo e a favor de quem deve reverter. O governador civil de Faro, júlio de Almeida Carrapato, e os presidentes das Câmaras Municipais do distrito, sustentam que aquela tributação deve entrar nos cofres da autarquias locais, de acordo com a Lei 1/79. Representantes dos industriais de hotelaria, agentes de viagens, carros de aluguer sem condutor, barman e recepcionistas defenderam ontem, em reunião com os jornalistas num hotel da capital, que o IT deve ser entregue a CRTA e a orientação da actividade turística exercida por entendidos na matéria.

Daí que também sustentem que, em relação ao Algarve, a Lei das Finanças Locais terá de ser regulamentada, devendo a CRTA (Comissão Regional de Turismo do Algarve, ser reestruturada, «em termos, ambas (referem elementos representativos dos sectores profissionais acima referidos), de permitir maior força, eficácia e capacidade económica ao actual órgão de turismo». Acrescentam tam-

bém a importância da Lei n.º 1/79 como passo fundamental para a descentralização e regionalização mas fazem ver, e concretamente em relação ao Algarve, que há que acautelar a sua principal fonte de receitas e mercado empregador que é o turismo, além da perda irreparável que daí poderia resultar para esta actividade económica portuguesa se a sua orientação deixasse de pertencer a profissionais do sector.

E isso porque, como explicaram os promotores da conferência aos jornalistas, as Comissões Regionais de Turismo «estão organizadas em termos de permitirem uma adequada participação das várias organizações interessadas no fenómeno turístico sem perder de vista que são as pessoas ligadas de perto à actividade que a devem conduzir». Líquido e imperioso se tornará reconhecer a importância da existência da actual CRTA, cujo elenco até agora dirigido por Cabrita Neto soube impulsionar, dinamizar e valorizar o que o turismo algarvio tem para mostrar a nacionais e estrangeiros, para além de ter levado a cabo iniciativas que só homens do meio ou a ele ligado por razões diversas

poderiam ter promovido.

Para além da polémica que avulta entre os promotores da reunião com os representantes dos órgãos da Comunicação Social em torno dos Artigos 3.º e 5.º, ambos a reportarem-se a receitas fiscais (as que os municípios arrecadaram e quais são essas receitas, pela ordem inversa da enunciação dos referidos artigos), e da intenção daqueles em não entrarem em confrontos que «possam prejudicar o turismo do Algarve, pois o que pretendemos é o seu benefício», fica a expectativa quanto a verem resolvida a questão com lucidez e em prol da região, uma vez que «todo o problema levantado à volta da CRTA não é mais que uma manifestação de luta pelo poder político».

MCT ainda não assinou Código do Vendedor Ambulante

As alterações ao Código do Vendedor Ambulante não entram ontem em vigor porque o decreto que as regula ainda não foi assinado pelo ministro do Comércio e Turismo, embora já o tenha sido pelo ministro de Administração Interna — declarou à ANOP um informador do Ministério do Comércio e Turismo.

Das alterações ao Código do Vendedor Ambulante destacam-se a definição de quem pode praticar a venda ambulante, a obrigatoriedade do uso de cartão de identificação e a lista de produtos vedados a tal tipo de comércio, como sejam os farmacêuticos, as bebidas alcoólicas e os electrodomésticos.

"METRO" O ANO PASSADO Quase cem milhões de viagens vendidas

Cerca de cem milhões de passageiros (mais exactamente 98 milhões e 600 mil) utilizaram o «Metro» durante o ano passado. De acordo com aqueles números, confrontados com os de 77, o movimento em 78 foi 6,5 por cento superior ao do ano anterior.

A utilização do mais moderno transporte público no ano findo foi seis vezes superior à de 1960, que atingiu apenas 15,8 milhões de utentes. Do total de passageiros, cerca de 50 por cento viajaram munidos de passe social.

O «Metro» de Lisboa cobre um percurso de 18 quilómetros entre Sete Rios-Alvalade e Entre Campos-Alvalade, com 20 estações. Transportou desde Dezembro de 1959, data da sua inauguração, até ao fim do ano

de 1978, 860 milhões e 500 mil passageiros.

Há presentemente estudos para ampliação da rede: os novos projectos prevêem novas estações terminais em Benfica (prolongamento de Sete Rios) e em Alcântara, e a possibilidade de comboios com seis carruagens.

ESCRITAS SELADAS

Livros de Escrituração

Actas, Razão, Diário, Inventário e Balanços
Vendem-se no Rei dos Livros
Rua da Conceição, n.º 1
Telef. 369545 — LISBOA-2

Este é o ano de esperança para os bombeiros

«Os bombeiros já esperaram tempo de de mais. Só pedem tutela, coordenação e esperança. Se até isto lhes negam valerá a pena continuar a esperar?». Esta pergunta formulada pela Liga dos Bombeiros não expressa negativismo mas a necessidade de não deixar passar mais um ano sem alterar a actual situação em que se encontram os bombeiros.

Existem actualmente no País trinta mil bombeiros distribuídos por 400 corporações que reivindicam prioritariamente a revisão da legislação que os regula. De facto, as leis não reconhecem na prática a quase totalidade das acções de socorro e de dinamização cultural levadas a cabo pelos bombeiros.

Os bombeiros têm solicitado às entidades oficiais a criação de um órgão que centralize, oriente e coordene todas as actividades no sentido de se proceder a uma completa reestruturação da organização.

O problema da reestruturação poderá ser resolvido nomeadamente com a criação de um Serviço Nacional de Bombeiros englobando um gabinete operacional que coordene a nível de planeamento global e de comando integrado com órgãos que não se sobreponham às estruturas existentes.

Na situação presente multiplicam-se os circuitos de comando diluindo-se as responsabilidades não se juntando algo de significativo à capacidade dos recursos humanos e materiais existentes de que o Serviço Nacional de Ambulâncias é um exemplo.

Presentemente o sector encontra-se totalmente abandonado sem uma estrutura de coordenação e apoio técnico adequado, verificando-se a ausência de qualquer lógica interna. As estruturas paralelas que foram criadas para preencher as lacunas, na prática agravam a situação já de si precária.

Entretanto, a Comissão Nacional de Reestruturação apresentou um conjunto de proposta consideradas realistas e viáveis e que foram já reconhecidas por mais de um ministro da Administração Interna como susceptíveis de execução por fases a iniciar de imediato.

O problema de financiamento é dos que requer uma maior atenção, nomeadamente uma política de tutela por parte do Estado, dado que a actual verba ronda os trinta mil contos sabendo-se que uma auto-escada, imprescindível em caso de acidente em edifícios de mais de dez andares, custa nove mil e quinhentos contos.

O problema do ensino requer igualmente especial atenção reivindicando-se a criação de uma escola antifogo que permita a formação disciplinada dos bombeiros no sentido de lhes serem ministrados os modernos processos de luta contra incêndios pondo termo ao actual ensino desorganizado que se processa sem qualquer coordenação.

Pastoral do domingo em análise

Terminam hoje na Casa de Retiros do Bom Pastor, a Benfca, os dois dias de estudo e reflexão sobre a pastoral do domingo e a sua celebração.

Os trabalhos do encontro iniciaram-se com uma exposição de D. António Marcelino, bispo auxiliar do Patriarcado, sobre «A Eucaristia e construção da comunidade». Seguiu-se uma mesa-redonda subordinada a «O domingo e a família», «A irradiação missionária» e «Os tempos livres e as actividades sociocaritativas».

Hoje o professor da Universidade Católica Portuguesa, Freitas Ferreira, fala de «Eucaristia: sacramento e profecia».

a máquina é exigente

O mundo industrial é motorizado e mecanizado.

A melhor maquinaria equipa as fábricas.

Na rede rodoviária surgem novas máquinas.

Motores e máquinas dão-se as mãos na mecanizada Agricultura.

Navios e aviões são equipados com os mais avançados mecanismos.

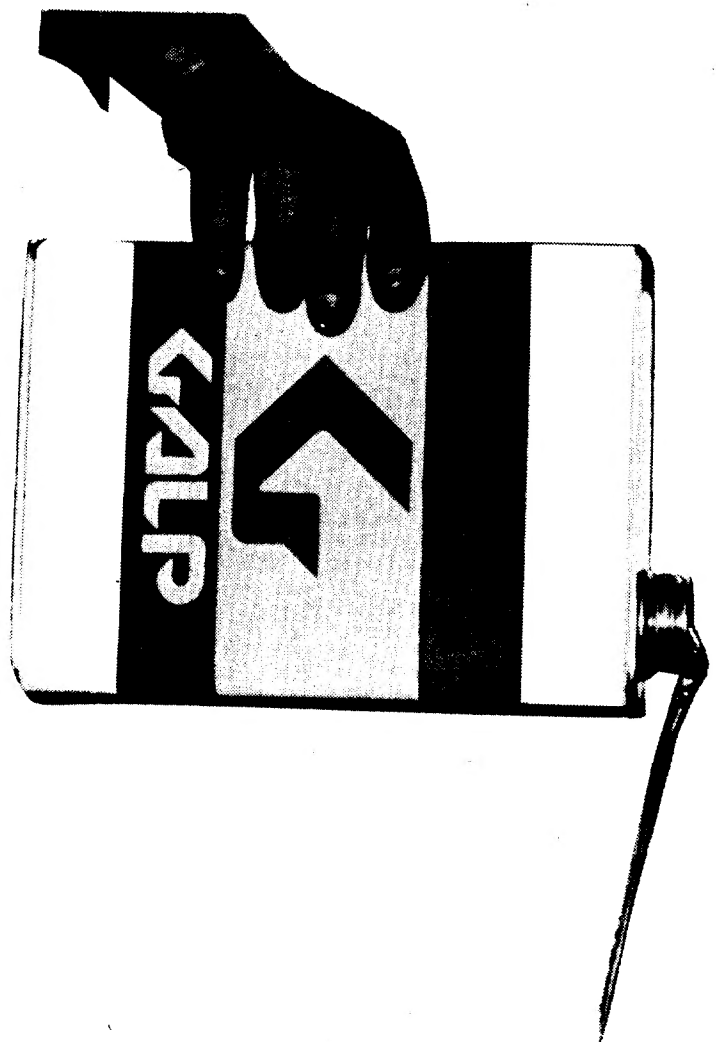
É uma exigência da vida de nossos dias.

Porém, a máquina é exigente.

Grupos de técnicos altamente especializados estudaram e analisaram comportamentos de serviço de óleos base e aditivos que satisfizessem todas as exigências da máquina.

E no organismo complicado da máquina o lubrificante é o seu sangue.

Os lubrificantes GALP são qualidade.



damos serviço e qualidade



O Douro "lambe" a Ribeira

PORTO, 7 — Na noite passada a zona ribeirinha viveu horas de sobressalto. As águas do rio Douro continuavam a subir, bem como alguns dos seus dez afluentes, entre os quais o Sousa, o mais próximo na margem direita.

Esta manhã, pelas 8 horas, as águas do Douro, na Régua, atingiam 11,6 metros, com tendência para subir.

No entanto, na cidade o tempo amainara. O Porto de Leixões continua aberto à navegação, estando encerrada a barra do Douro.

O total de precipitação registado hoje às 9 horas no Observatório da Serra do Pilar, referente às últimas 24 horas, foi de 47,8 litros por metro quadrado, o dobro do que se verificara ontem à mesma hora e em igual período.

O sol raiou logo às primei-

ras horas de hoje e o vento não se fez sentir.

Contudo, na zona banhada pelo rio Douro, na sua passagem por esta cidade, a situação é de expectativa, não surpreendendo que as águas venhas inundar a zona marginal nalguns pontos.

A linha do Douro, como habitualmente, é uma das mais afectadas pelos temporais.

A remoção de terras e pedras entre as estações do Férreo e do Pinhão continua a fazer-se com certas dificuldades, não se prevendo se ainda hoje a linha ficará livre.

Esta manhã, pelas 8 e 15, um pedregulho de grandes dimensões desprendeu-se e atingiu uma das vias da estação de Porto-Rei, da linha do Douro, afectando a circulação ferroviária naquela estação, a 15 quilómetros da Régua.

Mondego volta a subir • Tejo só durante a noite

Sobem as águas do Mondego, que em Coimbra se aproximam da cota máxima deste inverno, registada ao meio-dia de anteontem. No Tejo a tendência esta manhã era para descer, mas havia indicações seguras de as águas voltarem a subir a partir das 21 horas. No Porto a população ribeirinha, ainda que o alarme não tenha comparação com o de anos atrás, viveu ontem momentos de alvoroço quando o Douro deu sinais de inundar as margens (ler notícia nesta mesma página).

«Vai notar-se melhoria durante o dia de hoje, mas a partir da noite as águas subirão um bocado» — eis, em síntese, a informação da Hidráulica de Santarém contrastada já com as medições das 9 horas da manhã de hoje.

Na barragem do Fratel, com 2880 metros cúbicos por segundo registados a essa hora, atingia-se um nível acelerado de descarga, embora pouco influente na situação, já que o Fratel é conhecido como o «sobe e desce». Repare-se que na segunda-feira, às 21 horas, descarregava 1700 metros cúbicos, para descer às 3 horas de ontem (1640) e voltar a subir de seguida (2600 às 9 horas e 2880 às 12). A meio da tarde (15 horas) o débito descera acentuadamente, para ainda uma vez subir às 21 horas: 1468 metros cúbicos. Esta manhã a descarga estava no dobro.

No Castelo de Bode as medições têm sido mais uniformes: às 21 horas de segunda-feira, 870 metros cúbicos; às 18 horas de ontem, 520; três horas depois, 670. A medição desta manhã é,

pois, inferior à que foi feita 36 horas antes.

As cotas na Barquinha e na Ribeira de Santarém não são muito elucidativas, mas, se de bem que a cheia esteja a produzir estragos nos campos da zona, parece de momento afastado qualquer alarme grande. Na Barquinha, depois dos 6,85 metros de segunda-feira à noite, o nível desceu para 6 metros exactamente 24 horas depois; nova descida foi registada durante a noite de ontem para hoje, seguida de nova subida. A situação estabiliza agora nos 5,80 metros.

Os números da Ribeira de Santarém indicam uma cota máxima de 7,23 metros às 21 horas de segunda-feira, com posterior descida até 5,80 metros às 9 horas de ontem e nova subida nas 12 horas seguintes (6,87 metros às 21 horas). Daí para cá a descida foi notória, embora lenta: 6,80 às 3 horas de hoje, depois 6,61, às 6 horas, e agora 6,60, às 9.

Várias estradas da lezíria continuam cortadas pelas águas, estando isoladas as povoações de Valada, Reguengo de Valada e Reguengo do Alviela.

Em Coimbra a medição das 9 horas de hoje deu 3 metros exactos: é uma centuada subida em relação aos 2,22 da meia-noite e próxima-se dos 3,33 de segunda-feira às 12 horas. Um porta-voz da Hidráulica do Mondego foi formal:

«Espera-se que essa cota seja de novo atingida».

As insuas da margem esquerda do rio estão parcialmente inundadas, mas há uma ponta de informação tranquilizadora da zona serrana: os serviços da Hidráulica não telegrafaram para a sede, o que só fazem quando a precipitação pluviométrica é fora do vulgar. Tudo depende, claro, da chuva no curso inicial do rio.

Na Barregem da Agueira as descargas, embora volumosas, não são de molde a inquietar.

Um único incidente fez mobilizar esforços na Hidráulica: o rombo verificado numa «mota» entre o Arneal e Arzila, que está a ser colmatado.

EREIRA VOLTA A SER ILHA

MONTE-MOR-O-VELHO, 7 — Enquanto várias ruas desta vila continuam inundadas pelas águas do Mondego, na vizinha povoação da Ereira, mártir habitual nas épocas de cheia, os habitantes voltam ao estatuto de ilhéus e estão a utilizar barcos para as suas raras deslocações.

Sede de uma freguesia eminentemente agrícola, beneficiada aliás pelas periódicas subidas do Mondego, que lhe enriquecem os campos circundantes, a Ereira vive apesar de tudo pouco resignada com o isolamento.

Cirurgião do Nebraska em Portugal

Encontra-se em visita ao nosso país o cirurgião americano dr. Elmer Glenn, de Hastings (Nebraska), com largas amizades entre portugueses radicados nos EUA.

mento no Inverno, imputando culpas à JAE, que não atenderia devidamente às suas necessidades diárias.

No que toca a estradas cortadas pela cheia do Mondego continuam intransitáveis as seguintes: Montemor-Alfarelos, Santa Eulália-Ereira, Montemor-Verride, Lavariz-Granja do Ulmeiro e Ereira-Verride.

ALIMENTOS

Devido a quedas de barreiras encontram-se com trânsito condicionado estradas na área de Beja: EN 123, entre S. Martinho das Amoreiras e Nabo Redondo, e EN 266, entre S. Martinho das Amoreiras e Sabóia.

Pelo mesmo motivo (queda de barreiras) foi totalmente obstruída a EN 207, na zona de Braga, entre Fafe e Felgueiras.

IATE VEM À SUPERFÍCIE

FUNCHAL, 7 — Mergulhadores amadores conseguiram ontem fazer voltar à superfície, após 16 horas de mergulhos, o iate norte-americano «Flying Cloud», que se aundara na baía do Funchal durante os temporais que assolaram a ilha, no dia 23 do mês passado. O navio poderá ser recuperado, mas precisa de consertos no valor de 500 contos.

Falta de combustível no Norte

PORTO, 7 — Elementos da Comissão de Trabalhadores da Petrogal revelaram que «onze dias antes do naufrágio do «Tenorga» já a refinaria de Leça da Palmeira se encontrava sem rammas». Declaração de impacto, esta, feita ontem em conferência de imprensa efectuada nesta cidade.

Foram ainda os elementos daquela CT quem manifestou a sua preocupação pela falta de rammas para laboração da refinaria, e comentaram recentes afirmações do Governo de que a falta de combustíveis se deveria ao afundamento do cargueiro, ocorrido à entrada de Leixões.

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Assembleia Geral Extraordinária

3.ª feira 13 Fev. às 21h. Pavilhão dos Desportos

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo da alínea b) n.º 1 do art.º 34.º convoco a Assembleia Geral para reunir em Sessão Extraordinária no dia 13 de Fevereiro de 1979, 3.ª feira, pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- Ponto 1: Defesa da SEMANA INGLESA**
- Ponto 2: Definição da posição do Sindicato face à CGTP-IN;**
- Ponto 3: Conferência Nacional de Organização Sindical;**
 - a) Eleição dos Delegados;**

Lisboa, 22 de Janeiro de 1979

O presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Manuel Barros



UNIÃO

DOS SINDICATOS DE LISBOA

1979 É O ANO

INTERNACIONAL DA CRIANÇA

A UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA ASSOCIANDO-SE ÀS COMEMORAÇÕES DO A.I.C., SAÚDA AS CRIANÇAS DE TODO O MUNDO E EM PARTICULAR AS CRIANÇAS DO NOSSO PAÍS

Todos os anos, todos os meses e dias são para nós trabalhadores, dias da criança. Quando lutamos pela defesa das conquistas de Abril, quando lutamos contra o aumento do custo de vida, quando lutamos concretamente para que a Reforma Agrária ultrapasse a odiosa ofensiva que contra ela está a ser lançada, quando lutamos por um Serviço Nacional de Saúde que sirva verdadeiramente a população quando lutamos por um ensino descentralizado e democrático, estamos a zelar pelo futuro das nossas crianças e estamos a construir uma sociedade mais justa, sem situações de grave injustiça que hoje os nossos filhos ainda vivem.

ASSIM, A UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA, EXORTA TODOS OS TRABALHADORES À PARTICIPAÇÃO ACTIVA NAS INICIATIVAS LEVADAS A CABO PELO DEPARTAMENTO DE MULHERES DA U.S.L. NO ÂMBITO DAS COMEMORAÇÕES DO A.I.C.

VIVA O A.I.C. — ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

O DEPARTAMENTO DE MULHERES
DA UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA

CUMPRE-SE AMEAÇA DE "ANTÓNIA ANTÓNIA"

Isabel do Carmo transferida para a Cadeia de Custóias

A dirigente do PRP, a médica pediatra Isabel do Carmo, que se encontrava internada no Hospital-Prisão de Caxias devido a um acidente agudo de coração, foi agora transferida para a cadeia de Custóias, no Porto, numa acção, «ilustrativa das arbitrariedades a que se encontram submetidos os militantes antifascistas, sobretudo após a substituição do dr. Carlos Meira pelo dr. António Leitão na Direcção-Geral dos Serviços Prisionais», segundo se pode ler num comunicado emitido pela Comissão de Familiares e Amigos dos Presos Políticos Antifascistas.

De acordo com o comunicado «a transferência de Isabel do Carmo, completamente desaconselhada pelo cardiologista da prisão de Caxias, processou-se sem qualquer paragem num carro celular, acompanhada por forte escolta à frente e atrás, e por vezes com sirene, com a dirigente do PRP sustentando durante cerca de sete horas o filho de quinze meses nos braços. Dos dez postigos do carro celular apenas dois tinham vidros, pelo que Isabel do Carmo e o filho viajaram ao frio e à chuva».

«Para além disso — refere o comunicado — a transferência de Isabel do Carmo já havia sido «anunciada» por Antónia Maria Ramalho (a «Antónia, Antónia» do «Diabo» de Vera Lagoa), ao qual desde que a militante do PRP fora para Caxias havia desencadeado uma série de provocações contra ela e que tinham como objectivo endurecer as suas condições prisionais. No dia 26 de Janeiro, Antónia Maria Ramalho saiu em liberdade provisória, mas antes de sair, no entanto, proclamou em voz alta que ia mandar que corresse com as presas que ainda se encontravam no Hospital-Prisão, e que Isabel do Carmo iria para o Porto, que faria o possível para continuar a fazer a vida negra a quem lá ficasse e que uma vez que não poderia continuar a vigiar Isabel do Carmo, esta teria



Isabel do Carmo, agora em Custóias

que se ir embora. Afirmando ainda que se os guardas não se sabiam guardar a si próprios, muito menos podiam guardar as outras presas (disto há testemunhas). Efectivamente no dia seguinte a Antónia Ramalho pro-

clamar isto, as outras presas foram transferidas e, seis dias depois, o mesmo aconteceu a Isabel do Carmo. Curiosamente, antes da transferência, começaram a correr no Hospital-Prisão, telefonemas da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais com o mesmo conteúdo das afirmações de Antónia Ramalho ameaçando enfermeiros, médicos e guardas que apoiassem Isabel do Carmo.»

E depois de acrescentar «não ter sido esta a primeira vez a que se assistiu a uma consonância entre as afirmações de Antónia Ramalho e as atitudes anteriormente tomadas pelos responsáveis do Hospital-Prisão de Caxias e da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais», o comunicado acaba por apelar à opinião pública nacional e internacional para a solidariedade para com os militantes antifascistas presos, «já que só essa solidariedade poderá impedir que mais arbitrariedades, mais atentados à liberdade e dignidade dos militantes antifascistas sejam cometidas».

STM reduz pena de chefe da PIDE

Um chefe de brigada da ex-PIDEIDGS viu-lhe agora reduzida para 30 dias a pena de dois anos de prisão maior a que fora condenado. O «felizardo» contemplado pelo Supremo Tribunal Militar tem por nome Manuel António Correia Alves e entrou para a tenebrosa organização fascista como agente auxiliar em 1956.

Foi promovido ao posto que desempenhava quando chegou Abril de 1974, três anos antes, e parece não se ter sentido mal com as funções e a pancadaria que distribuiu por dezenas de

democratas. A pena de prisão de trinta dias foi dada como expiação atendendo ao período de prisão preventiva e ao perdão concedido pelo tribunal.

O STM decidiu também anular (e consequentemente repetir) os julgamentos de Armindo Cândido de Oliveira Carvalho Ferreira da Silva, inspector, e Ermelinda Mariete da Silva Fernandes Belo, agente de 2.ª classe, por «nulidades essenciais» que, segundo o seu parecer, existem nas sentenças finais.

LÚCIO LARA, SEGUNDO A ANOP Angola não deseja regresso dos colonos

O número dois da hierarquia angolana, Lúcio Lara, afirmou numa entrevista à revista «African Communist» que as autoridades angolanas não desejam o regresso dos colonos portugueses, segundo um «telex» divulgado pela ANOP.

Lúcio Lara teria afirmado naquela revista, segundo o texto divulgado pela agência noticiosa oficial, que os comerciantes e os poucos industriais portugueses e de outras nacionalidades que ficaram naquela antiga colónia teria «conservado o seu modo de pensar colonial». O número dois angolano teria continuado com a afirmação de que «como é natural é precisamente nestes meios que as tendências reacçãoárias permanecem mais vivas. Mas é uma reacção que tem medo, que não pode voltar a ser o que era. Esta reacção sofre uma derrota, foi decapitada, não tem uma base sólida. Em Angola, o poder pertence aos angolanos e não aos monopólios estrangeiros».

Depois de reconhecer, ainda segundo o «telex» da ANOP, que «a fuga dos colonos desestabili-

zou a situação e repercutiu-se particularmente sobre a economia do nosso país, aquele membro do Bureau Político do MPLA/Partido do Trabalho afirma que «o que resta desta comunidade em Angola perdeu completamente o seu carácter colonialista».

E acrescenta: «Eles já não têm o poder, nem a influência de que beneficiavam anteriormente. Hoje são representantes comerciais, industriais de países estrangeiros, cuja actividade é inteiramente controlada e que obedecem às leis do nosso país».

Lara, de acordo com a ANOP, reconhece ainda a permanência em Angola «de certos vestígios do colonialismo», acrescentando que «temos grandes companhias que exploram, nomeadamente, o nosso subsolo e que até extraem petróleo da plataforma marítima. Mas o Governo de Angola já estabeleceu com elas um sistema de cooperação, o qual assegura que a soberania do povo angolano é estritamente exercida e respeitada».

Srs. passageiros: o autocarro vai para a esquadra

Os passageiros do 35 que se dirigiam ao Hospital de Santa Maria, aí pelas 19 e 30 de ontem, iam cansados. Ensoopados. Ninguém falava. Acomodados, os chapéus de chuva pingavam para os sapatos.

A certa altura, porém, entra um passageiro (presume-se estudante universitário), com uma pasta e um livro na mão. Senta-se num banco lá de trás. E aqui começa a insólita aventura.

«O seu bilhete por favor?» — pede o cobrador. O passageiro exhibe um bilhete. «Já tenho». «Já tem? Mas este bilhete não serve para aqui. É de outra carreira».

«Pois é — responde muito calmo o passageiro — mas é que o «meu» autocarro avariou-se na Penha de França (estávamos muito distantes) e eu não vou pagar outro bilhete».

Os outros passageiros olham para ele, mas desviam a atenção. Pensam na chuva que ainda vão apanhar até chegar a casa. Mas o diálogo mete-se «pelos ouvidos dentro». «Paga, não paga, paga, não paga».

O cobrador conclui «Então tenho de chamar um polícia». «Chame» — responde-lhe o passageiro. O condutor, avisado, lá vai tentando encontrar um pelo caminho. Sem sorte para ele (e para nós). O autocarro continua a deslizar.

Estamos agora no Campo Grande. O autocarro seguia para o Hospital de Santa Maria. «Srs. passageiros: quem quiser pode descer, este autocarro segue para a esquadra».

Espanto por parte dos passageiros. No entanto, alguns saem. Ficam no autocarro de dois pisos apenas uns oito passageiros. Olham para o outro com ar de poucos amigos. No entanto, ele permanece impassível.

E lá vamos, de autocarro para a esquadra. «Aterrmos» mesmo em frente da Esquadra do Campo Grande. O cobrador sai e chama um polícia. Os outros vêm à porta. Não é todos os dias que um

cidadão vai parar à esquadra de autocarro.

Os oito cidadãos permanecem dentro do autocarro, enquanto passageiro e cobrador estão na esquadra. Passam dois minutos. Discute-se o assunto com uma certa imparcialidade. Apenas um reformado, excitado por este espectáculo «de borla», se manifesta furiosamente contra o passageiro. «Eu perco um dia de trabalho». Três estudantes estão em risco de ficar sem jantar, porque a cantina fecha às 20 e 30.

Passam cinco minutos. Olha-se de vez em quando para a esquadra. Passam 10 minutos: olha-se fixamente para a porta da esquadra.

Passam 15 minutos. Um dos passageiros grita: «Vem



ali o 38» (segue para o mesmo sítio). É uma confusão. Os oito passageiros chocam no corredor para abandonar o autocarro, correr até à paragem e conseguir, no último momento, apanhar o 38.

Soubemos, esta manhã, na esquadra, que apenas ficaram com a identificação do passageiro. O 35 com destino à esquadra, agora sem passageiros, seguiu lentamente para o Hospital de Santa Maria.

FERNANDA MESTRINHO

AINDA O CARTAZ "EANES CUMPRE?"

Adiado o julgamento do militante da OUT

Foi adiado para 6 de Março o início do julgamento de Carlos Mesquita, militante da Organização Unitária dos Trabalhadores (OUT).

Carlos Mesquita é acusado de ter produzido afirmações consideradas como «abuso de liberdade de Imprensa», numa entrevista concedida ao semanário «Página Um», na linha da campanha promovida pela OUT sob o tema «Os Trabalhadores Não Têm um Amigo na Presidência».

As afirmações de Carlos Mesquita reproduziam a análise feita na Comissão Central da OUT da qual nasceria a campanha «Os trabalhadores não têm um amigo na Presidência», a qual integraria também o cartaz «Eanes Cumpre?», por cuja divulgação foram presos e condenados, após julgamento sumário no Tribunal de Polícia, seis militantes daquela organização, entre eles Carlos Mesquita.

Neste julgamento figura como declarante, por parte da acusação, o então primeiro-ministro, Nóbrega Costa. Na defesa de Carlos Mesquita está o dr. Romeu Francês.

Morreu o etnógrafo João Ilhéu

ANGRA DO HEROÍSMO, 7 (ANOP) — O etnógrafo Frederico Lopes, que com o pseudónimo de «João Ilhéu» publicou vários estudos sobre os Açores, faleceu com 84 anos em Angra do Heroísmo.

Além de inúmeras obras de História e Etnografia, entre as quais se destacam «A casa regional terceirense» e «Festas do Espírito Santo», o tenente-coronel Frederico Lopes deixou livros de poesia e teatro. Foi igualmente colaborador da Imprensa Regional, nomeadamente no vespertino «A União», de Angra.

«João Ilhéu» era natural de Vila da Praia da Vitória, onde nascera em Maio de 1896.

Menor desaparecido

Avelino António Carvalho Teixeira, de 15 anos, desapareceu de casa de seus pais em Alverca, Casal das Lezírias. Vestia camisola de lã às riscas castanhas, calças de quadrados azuis brancos e sapatos pretos. O menor sofre de perturbações psíquicas, e a P.J. pede a quem possa fornecer elementos sobre o seu paradeiro que telefone para o n.º 533131 ou 53580.

Morte no "Curral de Dentro"

FUNCHAL, 7 — O jovem João Moniz, de 22 anos, que antontem tinha ido pescar com dois amigos para o «Curral de Dentro», no Norte da ilha da Madeira, caiu do rochedo onde se encontrava. O mar alteroso e a obscuridade não permitiram encontrá-lo. Ontem de manhã recomparam as buscas e o jovem foi encontrado morto perto do local da queda.

TEMPOS NOVOS

um tema principal de interesse explosivo: a carta do Partido Comunista dos EUA ao Partido Comunista Chinês

TEMPOS NOVOS

UMA REVISTA NOVA SOBRE O HOMEM NOVO

Venda e assinaturas: Livraria Bertrand, SARL. Livrarias C.D.L.

Assinatura anual — 360\$00
Número avulso — 12\$50

Emigrantes solidários com a Reforma Agrária

Num gesto de solidariedade para com a Reforma Agrária, a Comissão Intersindical Portuguesa, na Grã-Bretanha, constituída por trabalhadores portugueses que vivem naquele País, enviou a importância de 15.345\$00, destinada às UCPs

que se encontram numa situação afluente devido aos ataques do MAP.

Com esta oferta somam já 63 contos, a quantia que a referida comissão tem enviado aos trabalhadores da Reforma Agrária.

Produtores de batata de Vila Pouca de Aguiar

Os produtores de batata do concelho de Vila Pouca de Aguiar cumpriram a decisão que haviam tomado de bloquear os acessos àquela localidade, como forma de protesto pela inoperância da Junta Nacional das Frutas no escoamento de batata.

Mais de 800 pessoas partici-

param na luta, tendo sido interrompidas as vias rodoviárias e ferroviárias que atravessam Vila Pouca de Aguiar, apesar da presença das forças da GNR que desde a madrugada do dia de ontem tinham ocupado posições estratégicas em redor e dentro da povoação. Alguns manifestantes gritavam «O Povo unido

nunca mais será vencido», trazendo ali, àquela concentração, o espírito de Abril.

Entretanto o governador civil de Vila Real prometeu aos produtores de batata que, até ao próximo dia 14, a situação se iria resolver num sentido favorável à satisfação das reivindicações dos agricultores que se traduzem no escoamento de, pelo menos, 50 por cento daquele produto a 6\$50 o quilo.

Durante a reunião com o chefe do distrito, no salão dos Bombeiros Voluntários de Vila Pouca de Aguiar, um porta-voz dos agricultores afirmou que se, entretanto, o Governo nada fizer não só serão cortadas as vias de acesso novamente mas também os agricultores irão ocupar o armazém da Junta Nacional das Frutas naquela localidade.

Idêntico problema preocupa os agricultores do concelho de Montalegre, que já ameaçaram pro-

ceder ao corte de electricidade proveniente das barragens, situadas em Barrosos.

EM AVEIRO

O escoamento da batata também está a ser motivo de preocupação para os agricultores de Aveiro, que consideram este problema «longe de estar resolvido apesar dos esforços desenvolvidos pelas cooperativas da zona». Há, ali, oito mil toneladas de batata para escoar e começam já a colocar-se problemas quanto à sua conservação, visto o limite julgado para que o produto se mantenha num estado próprio para o consumo foi ultrapassado.

As cooperativas da região vão reunir amanhã, para, uma vez mais, manifestarem o descontentamento da lavoura e para serem debatidas as medidas a adoptar no sentido de se solucionar tão importante problema.

Ministro da Agricultura faz promessas à Liga de Évora

O ministro da Agricultura e Pescas, Vaz Portugal, prometeu a uma delegação da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores de Évora, com quem se avistou, que o preço do trigo iria ser revisado para a campanha de 78/79. Garantiu, ainda, que era sua intenção desburocratizar os créditos à agricultura, rever os preços dos produtos agrícolas junto do produtor e concretizar, em breve, o seguro agro-pecuário à agricultura.

Por outro lado os representantes da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores do distrito de Évora afirmaram que se «não forem tomadas medidas urgentes torna-se impossível a independência da agricultura, ameaçando a independência nacional».

Os agricultores, que têm a seu

cargo 76% da produção agrícola nacional, sem no entanto conseguirem (na maioria) tirar o salário mínimo nacional, acham que até agora nada foi feito para a reconversão da pecuária e para melhorar as pastagens no sentido de se aumentar a produção do leite e da carne.

A questão da falta de batata de semente estrangeira também foi colocada ao ministro, pela delegação da Liga de Évora, assim como a incapacidade da indústria em escoar a produção da próxima campanha do tomate.

A Liga de Évora revelou, ainda, que dentro em breve deverá apresentar na Assembleia da República uma alteração à Lei do Arrendamento Rural, que consideram lesiva dos seus interesses, sobretudo no que se refere ao arrendamento autónomo.

Festa de agrários em Nossa Senhora de Machede

Técnicos do MAP, acompanhados pelas forças da GNR, entregaram à agrária Maria Pia, uma reserva na UCP «1.º de Janeiro», da Cunheira, no distrito de Portalegre.

A agrária recebeu, ainda, 774 cabeças de gado e um tractor, pago com o dinheiro dos trabalhadores, pois na data de ocupação havia sido paga, apenas, uma prestação do seu valor.

Entretanto, depois de ter sido consumada a entrega de uma

reserva na herdade do Bussalhão, no distrito de Évora, em benefício do agrário Arsénio Pulga este decidiu festejar, ontem à noite, o acontecimento.

Compareceram no «convívio» diversos agrários que, numa atitude ostensiva, passearam-se nas ruas de Nossa Senhora de Machede, freguesia a que pertence a UCP «25 de Abril» onde a herdade do Bussalhão estava integrada, dirigindo provocações aos trabalhadores.

Agricultores de Loures

No próximo domingo realizam-se nas Oficinas da Câmara Municipal de Loures, das 14 às 17 horas, um Encontro de pequenos e médios agricultores daquele concelho.

A ordem de trabalhos da reunião, promovida pela Liga dos Pequenos e Médios Agricultores de Loures, aponta para a discussão de problemas relacionados com o arrendamento rural, preços e factores de produção, crédito agrícola, cooperativas, e se-

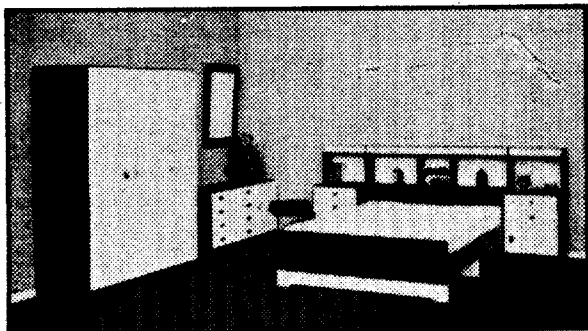
guro agro-pecuário, entre outros.

Com o fim de participarem no Encontro foram dirigidos convites às Ligas de Lisboa, Torres Vedras, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Sobral de Monte Agraço, Sintra, Vila Franca de Xira e Mafra, e bem assim à UCAL, Cooperativa Agrícola de Loures e Câmara Municipal, e aos técnicos agrícolas Carlos Amaro e António Riquelme.

MÓVEIS

ATENÇÃO

Visite os salões de exposição das nossas fábricas
NUNCA COMPRE OS SEUS MÓVEIS SEM NOS VISITAR PRIMEIRO,
MESMO POR CURIOSIDADE
VEJA A DIFERENÇA; É A FÁBRICA A VENDER-LHE DIRECTAMENTE



Quarto de casal desde 11 950\$00



Quarto de criança desde 8 500\$00

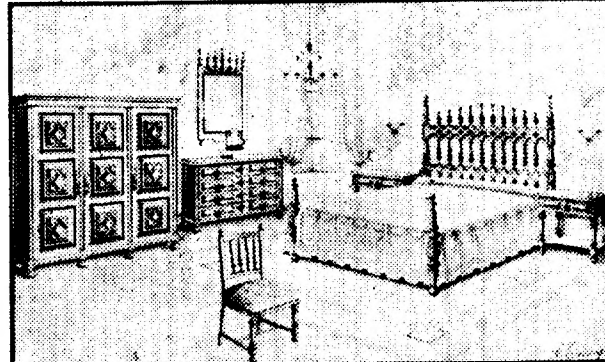
GRANDE VARIEDADE EM MOBÍLIAS E MAPLES DE LUXO



Cadeiras 1 950\$00 - 1 580\$00

Mesa 5 990\$00 - 4 950\$00

Estante 12 990\$00 - 12 850\$00



Quarto século XVII desde 20 850\$00

PREÇOS

ERA

É

Quarto casal moderno	24 000\$00	11 950\$00
Quarto criança moderno	15 000\$00	8 500\$00
Salas modernas c/ cristaleira	19 000\$00	12 500\$00
Jogo de maples desde	7 000\$00	4 500\$00
Quartos século XVII em mogno	29 000\$00	20 850\$00
Salas século XVII em mogno	38 000\$00	27 850\$00
Mesas de refeição cromadas tampo vidro	8 000\$00	4 950\$00
Cadeiras cromadas veludo ou napa	2 200\$00	1 580\$00

E AINDA ARCAS, COLCHÕES E MUITOS OUTROS ARTIGOS A PREÇOS NUNCA VISTOS.

GARANTIMOS TOTAL ASSISTÊNCIA

FACILIDADES DE PAGAMENTO

ABERTO À HORA DO ALMOÇO E ATÉ ÀS 21 HORAS

Organizações A. S. NUNES

VISITE O 1.º SUPERMERCADO DE MÓVEIS EM PORTUGAL

Av. 25 de Abril, 45 • Telef. 2769001 • ALMADA

SALÕES DE EXPOSIÇÃO: Av. 5 de Outubro, 55 • Telef. 546860 • LISBOA

Rua Luciano Cordeiro, 18-A • Telef. 577521 • LISBOA

R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B (Junto ao Pão de Açúcar) • COVA DA PIEDADE

"DL" NA UCP "FREGUESIA DA UNIDADE", DE ERVIDEL Velho anarco-sindicalista de 1917 também defende a Reforma Agrária

«Vamos todos à concentração de Beja mostrar a força que temos» — disse Francisco Vieira de Sousa, 39 anos, dirigente da UCP «Freguesia da Unidade», de Ervidel, na véspera da jornada de luta em defesa da Reforma Agrária, efectuada no passado dia 24 de Janeiro.

«Desde a minha juventude que luto contra os exploradores. Por isso também estarei amanhã em Beja...» — comentou mestre Gilberto da Graça, 80 anos, pedreiro, representante dos trabalhadores rurais de Ervidel (em 1917) num Congresso que se realizou em Évora na época em que os anarco-sindicalistas lideravam o movimento sindical.

Dois homens, dois estilos: Um, do presente; Outro, do passado. Ambos na mesma luta.

Francisco Vieira de Sousa fala-nos da sua cooperativa, parcela da Reforma Agrária. Área de 2250 hectares que emprega 135 trabalhadores efectivos e à volta de 250 eventuais. Onde o MAP já entregou uma reserva. Leite e azeitona são os recursos básicos da cooperativa, que o mestre Gilberto também sente um pouco sua.

A reserva (346 hectares), mais uma ilegalidade cometida pelo MAP, foi contestada pelos trabalhadores. Atribuída a José Marujo, filho do antigo rendeiro, que nunca esteve ligado à agricultura. Ainda contractaram as freiras responsáveis pela Fundação Geraldo Sousa e Castro, proprietária da herdade, que se manifestaram receptivas à sua proposta de arrendamento. O próprio ex-CRRA de Beja estava de acordo com tal solução. Isso, contudo, não impediu o MAP de entregar a herdade a um indivíduo que directamente nada tinha a ver com essa terra.

«Pedimos a José Marujo para provar que vivia da agricultura. Ele então apresentou provas com base numa cefeira que tinha em seu nome e em duas facturas de levantamento de trigo e adubo que assinou, em tempos, na ausência do pai...» — salientou o dirigente da UCP «Freguesia da Unidade».

Os trabalhadores perderam a herdade: o Monte dos Machados, utilizado para alimentação

do gado. Nele tinham cerca de 1000 ovelhas e 114 vacas encarnadas. Também ali contruíram uma pequena barragem.

Não desmoralizaram, porém. Continuaram a produzir nas sete herdades que lhes restam. E, apesar de terem o crédito cortado desde Dezembro de 1976, já montaram uma vacaria no valor de 3000 contos.

«Vendemos o leite das cento e tal vacas que possuímos para a Vigor. É leite especial...».

A UCP deve ao CAE (Crédito Agrícola de Emergência) 4500 contos. Investiu em benfeitorias cerca de 7800 contos. E hoje apresenta um saldo positivo da ordem dos 15 mil contos. Se o Governo transferisse o crédito para médio e longo prazo, a questão da dívida ficaria resolvida.

«Já fizemos essa proposta ao eng.º António Campos e a outros secretários de Estado, mas o assunto continua na mesma. Nós não precisamos de dinheiro para pagar os salários. Queremos, sim, que nos concedam crédito para podermos investir e aumentar a produção...»

AZEITONA

A azeitona constitui a principal fonte de rendimento da cooperativa. Este ano, ano de sorte, houve tanta azeitona que foi necessário empregar mulheres de empreitada, com um salário de 800\$00 por dia, na sua apanha.

«Decidimos ir para a empreitada porque de outra maneira a

azeitona estragava-se. Assim apanhámos 650 mil quilos e defendemos a nossa cooperativa».

Azeitona, mas não só. As terras da cooperativa produzem também trigo, melão, tomate, milho, fava, grão, cevada, pimentos, tomate, cártamo, girassol e produtos hortícolas. No último ano agrícola os trabalhadores cultivaram 60 hectares de melão, espanhol e de cheiro escocado pelos camionistas; tomate (cerca de sete hectares) enviado para a Cooperativa do Roxo e a ECA de Alvalade-Sado; trezentos hectares de girassol, vendidos à fábrica FORE, de Évora; e ainda dois hectares de pimento, um de milho, 150 de girassol, 80 de grão, 50 de fava, 200 de cevada e 1100 de trigo.

«Os agrários anteriormente só cultivavam trigo e cevada e um pouco de girassol. Nós lançamo-nos no tomate, milho de regadio, pimento e outras culturas. Também aumentámos o efectivo pecuário em mais de 200 por cento. Eles tinham apenas 458 ovelhas e 80 novilhos». O olival, este ano, rendeu, deduzindo as despesas, cerca de 4000 contos. O leite também lhes trouxe lucro. E se a UCP concretizasse o seu plano, dirigido para a produção de forragens e feno, o lucro obtido com o gado seria ainda maior...

«Agora estamos seguros, se entretanto não nos derem mais outro pontapé...»

Francisco Vieira refere-se à hipótese de o MAP se lembrar de marcar mais reservas na UCP «Freguesia da Unidade». E a propósito lembra que, antes da Reforma Agrária, os trabalhadores de Ervidel tinham de ir procurar trabalho no complexo de Sines ou na cintura industrial de Setúbal.

Ele é um homem consciente. Participou activamente nas ocupações. E já no tempo do fascismo lia as publicações clandestinas que prometiam aos assalariados agrícolas do Alentejo que «a terra é para quem a trabalha».

ESCOLA

Em Ervidel há uma escola com história. Conta-a mestre Gilberto da Graça — protagonista dessa história. Tem o nome de um democrata: o coronel Mourão, dinamizador da obra.

«As escolas estavam votadas ao abandono em 1927. Os pro-

fessores nem sequer levavam os alunos a exame. Então, o coronel Mourão pensou em fazer uma escola através da subscrição pública. Formou-se uma comissão popular para tratar do assunto. No entanto, passou o tempo e a obra não andava para a frente. Muitos dos que tinham prometido dar dinheiro ou material de construção voltaram com a palavra atrás. Mas o coronel não desistiu. Depois de ter conseguido um subsídio do Governo de cem contos, já em 1930, mandou construir a escola pondo muito dinheiro do seu bolso».

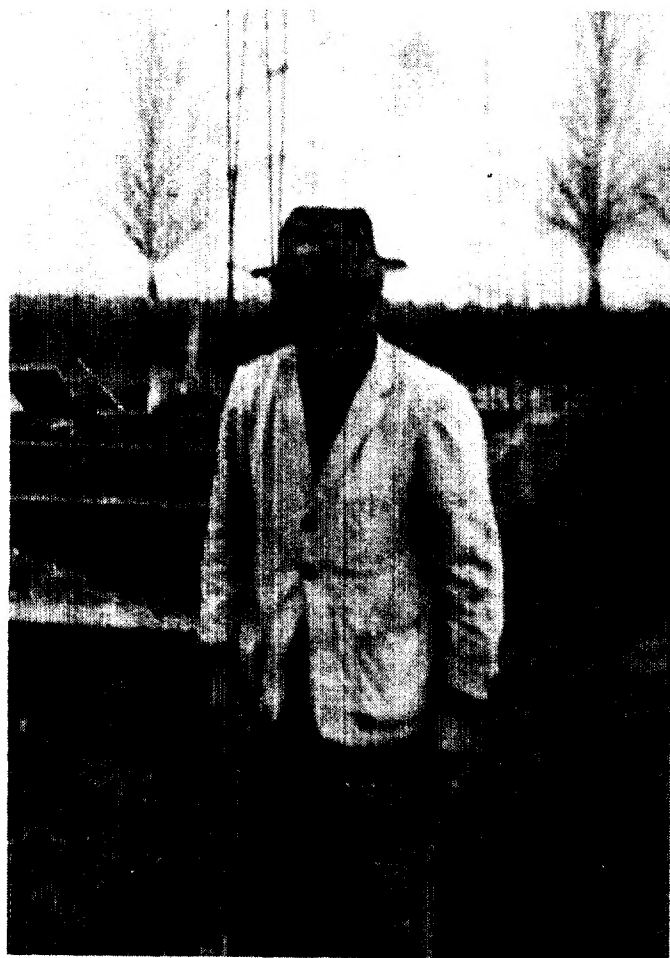
Mestre Gilberto, pedreiro, deu a mão-de-obra. A reacção local não gostou mesmo nada da ideia. Aliás, os reacconários sempre foram avessos à cultura. E porque o coronel Mourão era para eles «pessoa non grata» (tinha participado no 7 de Fevereiro, uma conspiração para derubar a ditadura de Salazar), começaram na intriga. Tanto fizeram que o governador civil de Beja acabou por interferir na questão.

«A proposta da construção da escola partiu do eng.º agrónomo Aboim Inglês, avô de Carlos Aboim Inglês, membro do comité central do PCP...»

Mestre Gilberto recorda o tempo em que desempenhou o cargo de secretário da Associação dos Trabalhadores Rurais de Ervidel. Nessa qualidade participou no Congresso de Évora, onde estavam sindicalistas destacados da época, como Vital José.

«Nessa altura eu assinava os jornais «Combate», «A Batalha» e «A Comuna». Pertencia à CGT. Mais tarde inscrevi-me no Socorro Vermelho. Apreendi a ler numa escola em Santiago do Cacém... Em 1932 a polícia de Salazar assaltou-me a casa. Passaram uma busca e encontraram os selos do Socorro Vermelho. O resto da papelada que me podia comprometer tinha-a escondida na escola. Levaram-me para Beja: queriam saber quem me tinha dado os selos. Dessa vez consegui enganar-me. Mostrei-lhes as cartas do Jornal «A Batalha» e garanti que não sabia quem me enviara os selos».

Mestre Gilberto (cérebro já um pouco cansado pela idade e ouvido bastante duro) salta de uns assuntos para os outros, baralhando o esquema das suas re-



Mestre Gilberto, o velho resistente anarco-sindicalista dos tempos da I Grande Guerra

cordações. Volta a falar da escola:

«No tempo do fascismo arrancaram os azulejos da escola e os alpendres para apagar a obra o nome do coronel Mourão. Fui eu quem colocou lá os azulejos e também fui eu que os tirei por ordem das autoridades. Quarenta anos depois, com o 25 de Abril, voltei a pôr, no mesmo sítio, os azulejos que tanto irritaram os fascistas».

O velho resistente relata como os azulejos voltaram a adornar a Escola Coronel Mourão.

«Numa sessão de esclarecimento que houve em Aljustrel no dia 27 de Abril de 1974, alguém se lembrou dos azulejos da escola de Ervidel. Pensava-se numa substituição e nunca nos originais. Toda a gente ficou espantada quando eu disse: tenho-os guardados na minha casa, vamos colocá-los na escola. E assim fizemos...»

Mestre Gilberto comenta o 25

de Abril, a Reforma Agrária e o ataque que a direita está agora a desferir sobre a democracia. Eis as suas conclusões políticas:

«Pensei que o 25 de Abril fosse uma revolução burguesa, que ficassemos a marcar passo como na França. Mas depois, com o Vasco Gonçalves, vi que era outra coisa. Aos trabalhadores da Reforma Agrária digo: «que as mãos não lhe doam». Agora estão sob fogo cruzado. A reacção permaneceu calada durante uns tempos, mas depois começaram os dólares a trabalhar...»

Na cabeça de mestre Gilberto baralham-se de novo as recordações: o presente cruza-se com o passado sem se saber onde um começa e o outro acaba... «É justo aos parasitas dar batalha porque a terra só pertence a quem trabalha» — palavra de ordem dos anarco-sindicalistas que o velho combatente repete com emoção.



GRANDE PROMOÇÃO FEVEREIRO

Últimas novidades Discos-Cassetes c/ 10%
L.P. Polystar — 150\$00

DISCOTECA FILINTO
Av. 5 de Outubro, 53-A Lisboa
Telefone — 535040

NOVAS LIGAÇÕES FERROVIÁRIAS ENTRE LISBOA E PORTO RÁPIDOS "MIRAGAIA" E "S. JORGE"

A par da inauguração dos novos combóios «Miragaia» e «S. Jorge» que são lançados oficial e comercialmente no próximo dia 29 e que serão os combóios mais rápidos entre Lisboa e Porto, com partida de cada uma das cidades às 10-45 m e chegadas às 13-57 m (três horas e doze minutos de percurso) — todos os rápidos verão na mesma data reduzidos os seus tempos de marcha em 10 minutos.

Simultaneamente todos os combóios directos entre Porto e Lisboa passam a parar em Ovar e Estarreja. Embora as horas de partida sejam praticamente mantidas, pede-se aos senhores passageiros que confirmem os horários respectivos com os Serviços da CP.



MUNICÍPIO DE LISBOA OBRAS COERCIVAS

Faço saber que editos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edito, notificando MARIA ALICE ALBUQUERQUE BORGES, residente em parte incerta, co-proprietária do prédio situado na Rua Silva Carvalho n.º 323, de que por despacho de 16 de Fevereiro de 1978, esta Câmara, nos termos do artigo 166.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, decidiu ocupar o referido prédio, para efeito, de executar as obras de reparação que lhe foram intimadas pela Câmara Municipal de Tomar em 29 de Março de 1977. Na devida oportunidade, a Câmara actuará e apresentará uma conta que terá força executiva.

NOTA: — Nesta data já se encontram notificados os restantes co-proprietários.

Paços do Concelho de Lisboa, em 31 de Janeiro de 1979

Por delegação do Presidente da Câmara Municipal

António Silva Graça

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções

Av. João XXI 5-D — Rua Infante 16 55-C LISBOA

estude!
GANHE
MAIS DINHEIRO!

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
Desde 1947
Recorte o cupão e envie-o
HOJE MESMO
(indique um só curso)

☐ COSTURA ☐ FOTOGRAFIA ☐ RELAÇÕES PÚBLICAS ☐ VENDAS / MARKETING ☐ CULTURA GERAL	☐ RADIO, ELECTRÓNICA, TV ☐ DESENHO E PINTURA ☐ ELECTRICIDADE ☐ INGLÊS ☐ SECRETARIADO
--	---

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒

GRÁTIS DL/10

Nome _____
Morada _____
Localidade _____

CEC Alvaro Torrão * Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 59 67 52

Greve nos TLP já afecta boa parte da capital

A greve total dos trabalhadores dos TLP de Lisboa, ontem iniciada, afectava esta manhã mais de 50 por cento da capacidade das centrais da capital motivo por que se tornava progressivamente mais difícil qualquer comunicação. O grau de adesão a esta forma de luta por melhorias salariais na negociação do ACT subiu hoje, até porque também quadros técnicos e directores de serviço cumpriram a determinação da Comissão Negociadora Sindical.

No Porto, como tem sido divulgado, a luta não revestiu a forma de greve total, estando a ser cumpridas, apenas, paralisações diárias de duas horas. Por esse motivo, não eram de algum modo comparáveis as consequências a nível de comunicações telefónicas naquela cidade.

As avarias em Lisboa, segundo apurámos junto de um piquete de greve, oscilavam entre os 50 por cento de que eram exemplo duas das centrais da Andrade Corvo, até à quase totalidade como no caso da central

das Amoreiras. Com a continuação da greve — que foi decretada por três dias e que, portanto, continuará amanhã — a situação deverá agravar-se, sendo de prever que, ao fim do dia, os telefonemas em Lisboa serão verdadeiramente difíceis de obter.

Como foi salvaguardado por ocasião do pré-aviso de greve, os piquetes estão atentos a casos de urgência que serão prontamente atendidos logo que sejam do conhecimento do pessoal dos TLP.

As adesões à greve, ontem, foram de 85 por cento em Lisboa, o que representa um ligeiro decréscimo relativamente a idêntica forma de luta recentemente concretizada. No Porto, aderiram à paralisação de duas horas, 58% dos trabalhadores.

Como vem sendo hábito, os dados fornecidos pela administração dos TLP são substancialmente diferentes: 60% em Lisboa e 27% no Porto (referidos ao dia de ontem).

Amanhã serão feitos plenários dos trabalhadores para decidi-

rem das formas de luta para o futuro, no caso de a administração da empresa continuar renitente no que respeita à concessão das regalias pretendidas e que se referem, além da matéria salarial, a diuturnidades, subsídios de almoço, pensões de reformados, etc.

No entanto, em comunicado emitido no dia 5, a direcção do Sindicato dos Telefonistas de Lisboa afirma: «Que a administração se convença de que qualquer mudança nas formas de luta será para as tornar mais eficazes e nunca para recuar.»

Aliás, nesse mesmo documento pode ainda ler-se: «Mais do que os efeitos económicos e prejuízos na eficiência das comunicações que não são por nós desejados, é a nossa unidade que maior poder terá sobre a administração para a demover da sua intransigência.»

A diferença entre a proposta dos trabalhadores e a contraproposta da administração, no que se refere a encargos salariais, é de cerca de 110 mil contos anuais, o que, de acordo com aqueles, é perfeitamente suportável.

Terá havido antifascistas saneados?

Dobrou já o cabo dos 50 e arrasta algumas mazelas (contingências da vida). É operário gráfico há longos anos, trabalhou onde pôde, e quanto pôde passou pelas oficinas do «Diário de Notícias», do «Diário de Lisboa», do «República»... Agora, está no desemprego. Chama-se António Fradique Caldeira, tem sido um activista sindical respeitado, é um homem politicamente íntegro.

Até aqui, um caso como tantos. Não fora a circunstância de ter sido despedido em Maio de 1962 pela empresa Nacional de Publicidade (hoje EPNC, empresa pública), com base em faltas «injustificadas» dado por se encontrar preso pela Pide... Não fora também o facto de não ter sido ainda reintegrado nesse seu posto de trabalho, apesar das muitas diligências que fez.

Recuando ao 1.º de Maio (sangrento) de 62: António Caldeira foi detido alguns dias antes, quando distribuía propaganda. Passou nos cárceres do Aljube algumas semanas. Libertado, quis retomar o trabalho na empresa, mas

impediram-no. Foi-lhe exigido um documento comprovativo da prisão passado pela Pide. A Pide negou-se. Ficou no desemprego. Simplesmente despedido, por mal ocultos motivos políticos. O Tribunal do Trabalho, solicitado a pronunciar-se, furtou-se a uma decisão responsável.

Mas veio o 25 de Abril, e com ele a reintegração dos antifascistas saneados do aparelho do Estado e das próprias empresas privadas. Em Novembro do ano passado António Caldeira recorreu junto da administração da Empresa Pública dos Jornais Notícias e Capital a sua reintegração fundamentando exaustivamente tal pedido, documentando-o pormenorizadamente.

Laconicamente, aconselharam-no a «candidatar-se ao preenchimento de vagas abertas na empresa». Successivas diligências junto dos serviços de contencioso e dos próprios membros do conselho de gerência nada trouxeram de novo — nem mesmo quando o Ministério do Trabalho deu razão ao apelo que fazia.

Pessoa que no dia 24 de Janeiro ainda detinha responsabilidade na empresa chegou a dizer-lhe que não reconhecia (nem a ele, nem a ninguém) em idênticas circunstâncias o direito a ser reintegrado nas funções. Sabendo, como se sabe, que o administrador em causa foi em tempos um exilado político, ex-desertor reintegrado no exército depois do 25 de Abril — o António Caldeira perguntou ao seu interlocutor se ficaria de braços cruzados caso não tivesse sido publicada a lei que permitiu restituir às Forças Armadas os oficiais saneados pelo fascismo. Não obteve resposta.

O certo é isto: há uma empresa pública que não se sente legalmente obrigada a reintegrar um antifascista. Moralmente, também não. A rota cartilha do antigamente insinua-se por onde menos seria de esperar. Felizmente, memória curta não a tem o povo.

António Caldeira, operário tipógrafo, vai continuar a insistir.

E. L.

Delegados sindicais suspensos

na Pastelaria "Suíça"

Dois delegados sindicais e membros da CT da Pastelaria Suíça foram suspensos pela entidade patronal e sujeitos a processo disciplinar por se recusarem a trabalhar para além do horário estabelecido no CCT.

Com efeito, os 150 trabalhadores da «Suíça» praticam desde 1975 um horário de 44 horas semanais, pretendendo o patrão que cumpram 45 horas, o que equivaleria a 150 horas por semana, sem remuneração.

«Além do mais», afirmam os trabalhadores suspensos em comunicado «saíram da Suíça

mais de 20 trabalhadores e só foi admitido 1, razão porque essa hora vem colmatar essas faltas, pelas quais o patrão arrecada mensalmente dezenas de contos, pois o trabalho é feito pelos que estão ao serviço».

A Inspeção do Trabalho, o Sindicato de Hotelaria do Sul e o Ministério do Trabalho já convocaram a gerência da «Suíça» para reuniões, mas todas as tentativas se goraram.

Os trabalhadores apelam no final do seu comunicado à solidariedade e unidade de todos os colegas.

COM QUATRO SUSPENSÕES...

Sorel: 25 de Abril "arrancado" pelas "mãos" da administração

Quatro trabalhadores da Sorel foram suspensos depois de se terem recusado a retirar das suas secretárias cartazes relativos ao 25 de Abril. As penas impostas pela administração da empresa foram de três dias a cada um dos trabalhadores, entre os quais se encontra um dos elementos da Comissão de Trabalhadores.

Os cartazes que estiveram na origem da sanha da administra-

ção da empresa referiam-se, como dissemos, às comemorações do 25 de Abril e encontravam-se, portanto, expostos, desde há muito tempo. Um outro apoiava o projecto de Estatutos B, do Sindicato dos Escritórios de Lisboa.

Para os trabalhadores, estes factos estão relacionados com a entrada de um novo administrador, Morais Sarmento, para aquela empresa que é conces-

sionária da «General Motors» e agente da «Citroen». Assim, a determinação para retirar cartazes foi dada em 13 de Julho, por «ordem de serviço».

Lia-se na «ordem» assinada por aquele administrador, que «os edifícios, locais e móveis da empresa não podem ser utilizados para afixação de quaisquer elementos publicitários, promocionais ou decorativos».

Contudo, para os trabalhado-

res, cartazes referentes ao 25 de Abril não estavam abrangidos por «publicitários, promocionais ou decorativos», sendo, tão só, «patrióticos».

De nada serviu a sua opinião. Uma noite, certa noite, o administrador fez-se acompanhar por um quadro de chefia e mandou-o arrancar o que lhe não agradava. Foram-se assim, as referências à gloriosa data de libertação de Portugal do fascismo e ao projecto B dos Escritórios. Mas ficaram os calendários com nus e marcas disto ou daquilo, como o apoio publicitário à Coca Cola.

A partir de então tem sido uma guerra de comunicados com a administração ao ataque. Nessa linha, uma «Ordem de serviço» ameaça que não abdicará da disciplina e que não aceitará o «reinado da mediocridade», a «anarquia», etc.

Evidentemente que para a CT esses argumentos não «pegam»: trata-se de «uma atitude de perseguição política e repressiva para com os membros da CT por estes defenderem com firmeza os interesses dos seus companheiros de trabalho».

Empossada a nova direcção da Hotelaria do Sul

«Os novos corpos gerentes têm consciência dos graves problemas que terão que enfrentar durante o mandato. Contudo, estarão sempre na primeira linha na luta pela defesa intransigente dos interesses da classe a que pertencem. Sabem, porém, que podem contar com o apoio de uma classe fortemente mobilizada para defender as suas conquistas e sabem que a força da sua unidade acabará por levar de vencida mais esta difícil etapa da vida portuguesa».

Estas foram as palavras com que o presidente da nova Direcção do Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul se dirigiu à classe que o elegeu, na cerimónia da tomada de posse que ontem decorreu nas instalações do Sindicato.

A vitória da Lista A, unitária e proposta pela Direcção cessante (70 por cento dos votos), sobre a lista afecta à UGT (20,7 por cento) e as linhas de orientação dos novos corpos gerentes, que se baseiam nas directrizes saídas do Congresso de Hotelaria, foram os outros dois aspectos focados no discurso do presidente empossado.

Por sua vez, o representante

da CGTP-IN reiterou os aspectos negativos da política do Governo de Mota Pinto: tentativas de destruição da Reforma Agrária, agravamento das condições de vida dos portugueses e regresso a uma Comunicação Social deturpada e alienante tal como existia no 24 de Abril.

Além da CGTP-IN fizeram-se representar na tomada de posse vários organismos de classe integrados no Movimento Sindical Unitário, associações profissionais e numerosos trabalhadores do sector.

1.º de Maio no "1.º de Maio" — defende o Sindicato das Madeiras do Norte

Em carta endereçada ao ministro do Trabalho, o Sindicato dos Operários das Indústrias de Madeira dos Distritos do Porto e Aveiro afirma que «a CGTP-IN, por direito e como instrumento máximo organizado dos trabalhadores, deve ter local condigno para a celebração do Dia Mundial do Trabalhador e por isso o Estádio 1.º de Maio, deve ser-lhe

DIZEM OS TRABALHADORES

O Estado deve assumir responsabilidades na "Tónus"

Os trabalhadores da empresa produtora de estruturas metálicas Tónus, de Setúbal, decidiram em plenário repudiar qualquer tentativa de entrega da empresa à entidade patronal, pois tal medida em nada contribuiria para salvaguardar os interesses das empresas e dos seus cerca de 200 trabalhadores.

«Antes pelo contrário, os agravaria», afirmam os trabalhadores na moção aprovada no plenário, «à semelhança do que

se tem passado noutras empresas, levando ao despedimento de muitos trabalhadores e à continuação da exploração dos mesmos, assim como ao começo de sabotagens de todo o tipo, que levam à continuação da degradação da economia do nosso país».

A Tónus está integrada, juntamente com a Moalis e outra empresa, no grupo TMT, que se encontra sob intervenção estatal.

Os trabalhadores deliberaram também protestar contra as atitudes assumidas pelo MIT que continua a resolver os problemas das empresas à revelia dos trabalhadores, «o que contraria frontalmente a nossa Constituição», e manifestar o seu repúdio pelas «atitudes que este Governo tem vindo a assumir, não se importando com a salvaguarda dos postos de trabalho e com a recuperação da nossa economia, procurando pôr em causa por processos anticonstitucionais as conquistas alcançadas pelos trabalhadores com o 25 de Abril, com a intenção pura e simples de fazer regressar o País ao passado».

Metalúrgicos do Porto contra Governo

Reuniu a direcção do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto que «analisou a política antipopular do Governo Mota Pinto e das forças que o têm vindo a suportar no Poder». A ofensiva desencadeada pelo Governo contra o Movimento Sindical Unitário e demais organizações unitárias de trabalhadores foi, também, discutida, e referidos os casos das comissões de trabalhadores da Função Pública, a não cederância do Estádio 1.º de Maio para as comemorações do Dia Mundial do Trabalhador e da

ameaça de despejo das instalações do Inatel ocupadas desde o 25 de Abril pela CGTP-IN.

Aquela direcção sindical, que emitiu um comunicado sobre estas questões, «protesta firmemente contra as acções deste Governo dos grandes patrões, apela a todos os trabalhadores e a todas as camadas sociais atingidas pela política antipopular do Governo, para que reforcem a sua organização e unidade «no sentido de derrotar as intenções do Governo, dos grandes patrões e das forças que os apoiam e representam».

FMI examina o Orçamento antes dos representantes do eleitorado português

- Fiscalização das finanças antecederá negociações formais
- Revelada composição da delegação do FMI

Com uma composição bastante alterada em relação à anterior, encontra-se desde ontem em Lisboa a delegação do FMI que vem a Portugal analisar o estado da nossa economia, verificar se foram cumpridas as regras tutelares impostas e realizados os programas fixados na Carta de Intenções subscrita em 1977. Na sequência das conclusões da apreciação de todos esses factores, a delegação do FMI negociará com o Governo português um novo empréstimo de 50 milhões de dólares. Trata-se de uma importância exigua em relação às necessidades financeiras do País, mas este empréstimo funciona como uma espécie de chave para abrir as portas a outros empréstimos mais vultuosos de entidades internacionais.

A delegação do FMI é chefiada pelo belga Patrick Fontenay e composta por Brian Stuart, S.L. Ozumsad, Claire Teigeiro (Teixeira?) e Vivian Castro. Verifica-se, portanto, entre outras, a substituição de Hans Schmidt, que chefiou as anteriores delegações que estiveram em Portugal.

Segundo o «DL» pôde apurar hoje ainda não se iniciam as negociações, que serão precedidas por uma análise das condições actuais da nossa economia e, como já foi dito, à forma como foram cumpridos os programas fixados.

Como sempre tem acontecido os vários departamentos portugueses envolvidos nas relações com o FMI rodeiam todos esses passos de um incompreensível secretismo. Esta manhã por exemplo, as relações públicas do Banco de Portugal não conheciam, nem estavam em condições de informar os nomes dos componentes da delegação que ontem havia chegado a Lisboa.

Particularmente significativo é o facto de essa delegação ter acesso ao Orçamento Geral do Estado antes de os deputados, representantes legítimos da

Nação o poderem fazer. Factos como este traduzem uma situação de dependência, que, na opinião de muitos observadores nem sequer contribui para aumentar a capacidade negocial do Governo, mas sim para a diminuir.

O aspecto fundamental das negociações que vão decorrer é o estabelecimento do acordo de estabilização, materializado com o já citado empréstimo de 50 milhões de dólares, que será a luz verde para os mercados financeiros internacionais.

Como factores a dificultarem essas negociações apontam-se a ausência do Plano a Médio Prazo ou mesmo de um simples programa de investimentos.

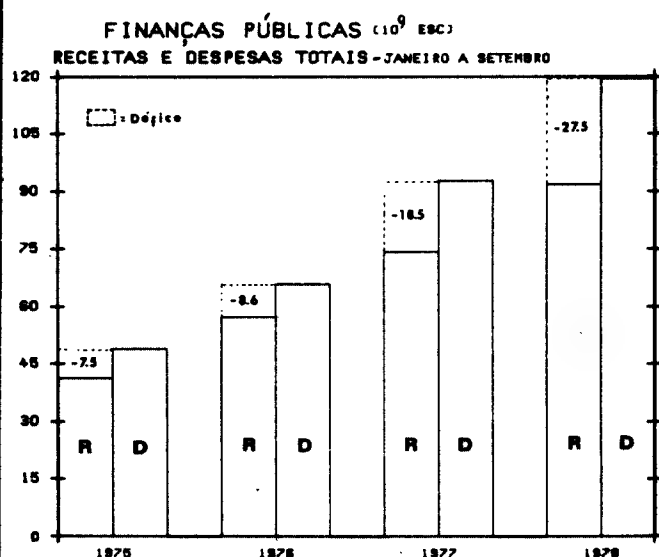
Congresso da Juventude Socialista Revolucionária

Efectua-se em Lisboa, durante o próximo fim-de-semana, o Congresso de Fundação da Juventude Socialista Revolucionária, organização de juventude do PSR.

Resultante da fusão dos organismos juvenis do PRT e da LCI, a nova organização trotsquista tem como objectivos «reforçar a intervenção revolucionária no seio da juventude portuguesa, pelo direito ao trabalho e ao ensino», e «contra as discriminações de toda a ordem».

A organização terá como porta-voz oficial o jornal «Contra-Corrente», que já vai no seu 10.º número.

Representantes do Partido Socialista e do Partido Comunista foram convidados a assistir ao Congresso.



Finanças públicas (109 esc.): receitas e despesas totais entre Janeiro e Setembro de 1978

A situação das finanças

Um dos problemas com que se deparam os negociadores portugueses nas reuniões com os técnicos do FMI diz respeito ao défice orçamental que, segundo estatísticas oficiais, nos primeiros nove meses do ano passado era superior ao de 1977 na ordem dos 49 por cento — isto quando as previsões iniciais apenas davam um aumento global de 0,6 milhões de contos face a 1977. Para este ano, como se sabe, o Governo propõe um corte orçamental de 23 milhões de contos com vista a obter um OGE sem défice. O gráfico que reproduzimos apresenta a evolução das finanças públicas desde 1975.

O "calão" do FMI

O que é uma «tranche ouro», o que são as «tranchas crédito», expressões que entram no quotidiano nacional desde que o I Governo constitucional iniciou negociações com o FMI?

Estas e outras expressões fazem parte do «calão» económico do FMI e ligam-se com os direitos de saque de que usufruem os seus 29 membros relativamente às quotas de que dispõem no capital total do Fundo. Estas quotas, variáveis de país para país, são realizadas 25 por cento em ouro e 75 por cento em moeda nacional, constituindo o seu somatório os 10 bilhões de dólares que é o capital do FMI. Através dos direitos de saque cada país membro pode adquirir divisas estrangeiras até certo montante e mediante as seguintes facilidades de crédito:

Tranche ouro — O país obtém automaticamente divisas até 25 por cento da respectiva quota, contra a entrega de moeda nacional.

Tranches crédito — Permite a obtenção de divisas até 145 por cento da quota contra

moeda nacional. A concessão de cada «tranche» já não é automática. O país que a requerer obriga-se a executar determinadas medidas de política económica preconizadas pelo Fundo. A primeira «tranche» obriga a um conjunto limitado de compromissos económicos. A segunda já impõe um plano completo de estabilização económica.

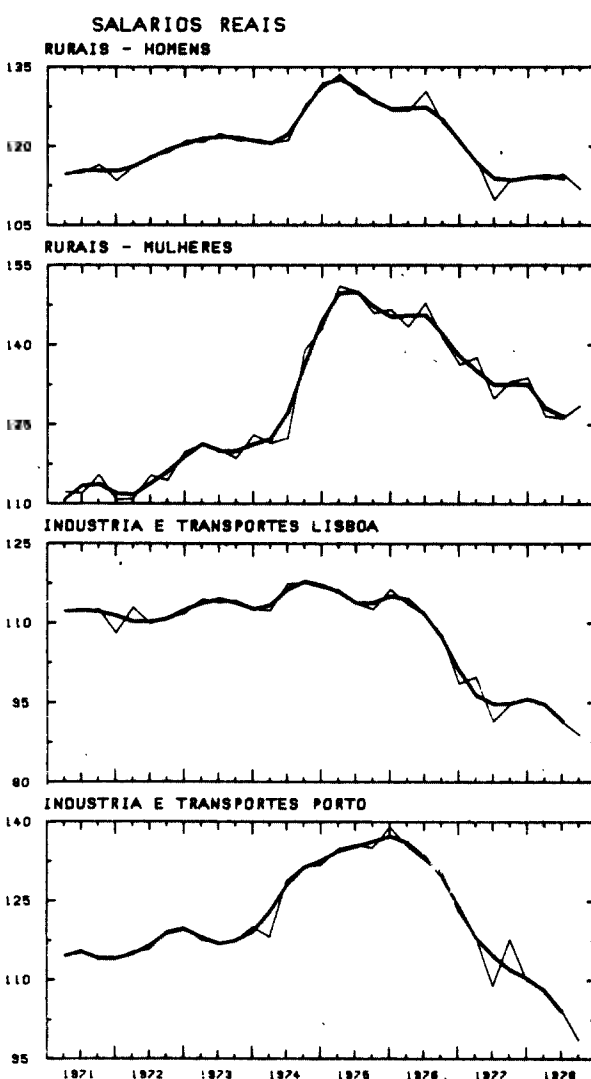
Oil facility — Permite a obtenção de divisas até 125 por cento da quota e destina-se ao financiamento dos «deficits» da balança de pagamentos, resultantes do aumento dos preços do petróleo.

Compensatory facility — Permite obter divisas até 140 por cento da quota e destina-se aos países vítimas de quedas bruscas e elevadas nas receitas das exportações. A concessão destes créditos implica a aplicação de um plano económico negociado com o FMI.

Buffer stock facility — Destina-se ao financiamento da constituição de «stocks» de matérias-primas de modo a permitir a estabilização de preços nos mercados internacionais.

Salários reais: queda em flecha desde 1974/1975

São elucidativos os gráficos elaborados pelo Ministério das Finanças e do Plano (Centro de Estudos e Planeamento) sobre os salários reais de largas camadas da população portuguesa: a queda acentua-se desde 1974/75 e atinge o seu valor mais baixo em finais do ano passado. Isto porque os aumentos verificados nos salários nominais deixaram de acompanhar a intensidade da subida dos preços pelo que nos últimos 3/4 anos se verifica uma diminuição generalizada dos salários reais. Os gráficos que publicamos os gráficos elaborados pelo Ministério das Finanças e do Plano (Centro de Estudos e Planeamento) sobre os salários reais de largas camadas da população portuguesa: a queda acentua-se desde 1974/75 e atinge o seu valor mais baixo em finais do ano passado. Isto porque os aumentos verificados nos salários nominais deixaram de acompanhar a intensidade da subida dos preços pelo que nos últimos 3/4 anos se verifica uma diminuição generalizada dos salários reais. Os gráficos que publicamos os gráficos elaborados pelo Ministério das Finanças e do Plano (Centro de Estudos e Planeamento) sobre os salários reais de largas camadas da população portuguesa: a queda acentua-se desde 1974/75 e atinge o seu valor mais baixo em finais do ano passado. Isto porque os aumentos verificados nos salários nominais deixaram de acompanhar a intensidade da subida dos preços pelo que nos últimos 3/4 anos se verifica uma diminuição generalizada dos salários reais.



Cadernos eleitorais começaram ontem a ser expostos

As Juntas de Freguesia de Lisboa começaram ontem a expor os cadernos eleitorais.

No entanto, nem todos os cadernos ficaram prontos a tempo, devido a problemas surgidos nas inscrições. Depois de uma breve volta por Freguesias de Lisboa, a ANOP informa que num posto de recenseamento os cadernos, embora terminados, não foram tornados públicos, admitindo-se que o mesmo tenha acontecido com outras circunscrições.

No caso presente a demora deve-se, segundo esclarecimento da comissão recenseadora, ao atraso do STAPE (Secretariado Técnico de Apoio ao Processo Eleitoral) em responder às dúvidas sobre alguns inscritos cujo recenseamento está condicionado à prova do local de nascimento ou que apenas deram endereços telegráficos (cerca de 40 pessoas, habitando em bairros degradados).

Estes dez dias ficaram preju-

dicados por um fim-de-semana e foram considerados pela maioria das Juntas contactadas como um prazo demasiado curto, nomeadamente para permitir respostas a tempo por parte das Conservatórias do Registo Civil a quem foram solicitadas informações.

Os cadernos eleitorais são constituídos por um conjunto de folhas dactilografadas nas quais o recenseamento dos eleitores está ordenado de forma numérica (e não alfabética). Uma vez terminado o período em que estarão patentes ao público — de hoje até ao dia 20 — os cadernos passam a valer e serão «intocáveis».

Os cadernos são fotocopiados, pelas Juntas de Freguesia. A Câmara Municipal de Lisboa terá aconselhado, segundo um membro da Junta da capital, à utilização dos serviços da empresa Rank Xerox, de que o Município é cliente.

Governo central vai apoiar reparação de prejuízos na Madeira

O Governo central vai apoiar as acções a desencadear na Região Autónoma da Madeira para reparar os prejuízos provocados pelo mau tempo.

Esta decisão, já tomada em Conselho de Ministros, foi agora ratificada durante a deslocação que o secretário de Estado das Obras Públicas fez àquele arquipélago, onde manteve contactos com as autoridades regionais e visitou as áreas sinistradas.

De acordo com o comunicado final da reunião efectuada ontem no Palácio de S. Lourenço, no Funchal, entre o secretário de Estado, o ministro da República e representantes do Governo Regional da Madeira, conclui-se que «será possível desencadear acções de apoio imediato por parte do Ministério da Habitação e Obras

Públicas, em particular no que respeita à intervenção do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e da Junta Autónoma das Estradas».

«Mediante a programação das diversas acções, continua o comunicado, «será feito o estudo dos aspectos financeiros que terão de ser considerados no plano de colaboração entre o Governo da República e o Governo Regional da Madeira».

O comunicado, embora reconheça «o trabalho notório» desenvolvido pelas autoridades regionais «no que toca a medidas imediatas tendentes a satisfazer as necessidades mais urgentes», é omissivo sobre o reivindicado auxílio de um milhão de contos pedido pelo Governo Regional ao Governo central.

GUINÉ-BISSAU ESPERA EANES

"Ligam-nos ao povo português laços históricos e de amizade"

— diz João Bernardo Vieira

As relações entre a Guiné-Bissau e Portugal são actualmente «uma realidade que corresponde ao pensamento de Amílcar Cabral» e «é de interesse mútuo o reforço cada vez maior da amizade entre os dois países» — afirmou ontem em Bissau o chefe do Governo guineense, João Bernardo Vieira.

João Bernardo Vieira falava em Empada, no Sul do país, por ocasião da inauguração duma ponte-dique no local, empreendimento considerado uma prova do empenho do seu Governo em criar cada vez melhores condições de vida para os guineenses.



João Bernardo Vieira (Nino)

ses. As declarações a respeito das relações entre a Guiné-Bissau e Portugal vêm a propósito da próxima visita do Presidente Eanes a Bissau.

A este respeito, e designadamente a propósito da necessidade de intensificar as relações entre os povos da Guiné-Bissau e de Portugal, diria ainda João Bernardo Vieira: «Ao povo português ligam-nos laços históricos e de amizade que devem reforçar-se cada vez mais».

A visita de Eanes começa no próximo dia 14 e, em Bissau — foi ontem revelado —, o Presidente português inaugurará uma Se-

mana de Cultura Portuguesa.

Trata-se designadamente duma exposição de livros (infantis, entre outros), um ciclo de cinema, uma mostra temática de pesca artesanal, e uma exposição de técnica de olaria.

Os filmes portugueses que o público de Bissau vai ver são, entre outros, «O Pai Tirano», «A Canção de Lisboa», «O Leão da Estrela», «Aniki Bobó», «Os Demónios de Alcácer Quibir», «A Fuga» e «Cântico Final».

Um realizador — Luís Rocha, autor de «A Fuga» — deslocar-se-á a Bissau para apresentar o seu filme e orientar um colóquio sobre cinema.



Governo não responde

● Mais abalado ainda

Com o FMI à porta, para nova negociação, o Governo prepara-se para apertar ainda mais o cinto dos portugueses, o que ficará evidenciado quando da próxima discussão do Plano e Orçamento a apresentar à Assembleia da República, que engloba reduções de 2,5 milhões de contos para um sector tão importante como é o da Saúde e prevê, no OGE, segundo fontes geralmente bem informadas, disposições no sentido de reverter a favor do Estado, a título de imposto especial, parte substancial do 13.º mês dos trabalhadores portugueses.

É natural que essa primeira importante batalha a travar pelo Executivo chefiado por Mota Pinto, em luta pela sua sobrevivência, seja também a última, já que parece pouco provável que os partidos que deram luz verde ao VI Governo no Parlamento continuem a avaliar medidas impopulares, quando novas eleições começam a perfilar-se no horizonte. Aliás, a busca de alternativas a este Governo já começou, mesmo antes da câmara legislativa concretizar a eventual rejeição do Plano e do OGE, recusando ao Gabinete Mota Pinto os meios necessários para poder governar. Ontem, por exemplo, nos Passos Perdidos do casarão de S. Bento, o tema de muitas conversas era a hipótese de vir a formar-se brevemente um Governo de coligação PS/PSD...

Da presença (minguada) do Executivo no Parlamento, onde ontem foi responder a nove perguntas de um lote de 50 que lhe foram endereçadas pelos partidos que ali têm assento, esperava-se mais do que aquilo que aconteceu. Com efeito, em lugar do aguardado teste às posições que partidos e Governo vão ensaiar a partir do dia 15, tivemos ontem uma espécie de diálogo de surdos, limitando-se os colegas de Mota Pinto a insistir em posições já conhecidas, nomeadamente repetindo «ipsis verbis» o conteúdo de algumas notas oficiais, e a maioria dos deputados a absterem-se de aprofundar a discussão, como se não valesse a pena gastar muita cera com tão ruins defuntos (salvo seja).

DA CUMPLICIDADE DO CDS À FRIEZA DO PSD

Estiveram ontem presentes em S. Bento os vice-primeiros-ministros Álvaro Monjardino (desastrado) e Jacinto Nunes (nervoso), o ministro da Comunicação Social, Proença de Carvalho («anjinho»), como lhe chamaram da bancada comunista), e o secretário de Estado da Reestruturação Agrária, Ferreira do Amaral (prestável e concorde), já que o seu único interlocutor foi o deputado centrista Carvalho Cardoso, ex-ministro-sombra do II Governo Constitucional, ou seja, a sombra de uma sombra). O sr. Primeiro-Ministro não se dignou pôr os pés na cadeira, não digamos «loca infecta», mas covil de ingratos.

Os três mosqueteiros (que como se sabe eram quatro) lá foram levando a sua cruz ao Calvário, sempre de olhos postos no relógio. Proença de Carvalho, por exemplo, logo que terminou o seu número, desapareceu para nunca mais ser visto.

Alguns sinais, no entanto, deixaram transparecer o que nos bastidores vai acontecendo, e desse modo não passou despercebida aos observadores a frieza distante do PSD, em contraste com a complicitade calorosa do CDS.

Verdade se diga que as perguntas dos social-democratas

foram para ali carregadas mais por dever de ofício do que por outra razão qualquer. Mesmo assim, pelas vozes de Sousa Franco e de Magalhães Mota, não deixaram de atazanar Monjardino com interpeleções sobre se o Governo pensa propor à Assembleia limitações à execução da Lei das Finanças Locais (e nesse caso que verbas tencionais afectar ao orçamento de capital das autarquias) e sobre a falta e o atraso nas reservas do Executivo aos requerimentos dos deputados, sinal certo e seguro de um propósito de subalternizar o Parlamento numa das suas prerrogativas fundamentais, que é a de fiscalizar os actos do Governo.

Monjardino (sem ofensa) meteu os pés pelas mãos e a certa altura, na ânsia de ler até ao fim, no tempo de que dispunha, as longas laudas que alinhavara, mais parecia um «robot» acelerado, com avaria nos circuitos de programação.

Se não ouvimos mal, depois de convidar os deputados a serem mais concisos nas perguntas que fazem ao Executivo, afirmou que o Governo assumiu «com o maior empenho» a obrigação de implementar as medidas administrativas e legislativas previstas na Lei das Finanças Locais (tem-se visto), referindo a propósito uma lista de dezoito estudos em curso necessários à «decisão, verdadeira e irreversível concretização de uma vida autárquica efectiva e consistente».

Deixando em suspenso o problema de saber como vão viver as autarquias até esses estudos estarem prontos, Monjardino informou que as matérias contempladas nesses trabalhos de investigação dizem respeito designadamente à adaptação às autarquias da Lei do OGE, a uma proposta de lei de investimentos, à regulamentação do imposto sobre veículos, regulamento dos empréstimos e do auxílio financeiro às autarquias.

Quanto à forma deficiente como têm sido respondidos pelo Governo os requerimentos apresentados pelos deputados, o ministro adjunto Álvaro Monjardino limitou-se a reconhecer que, com efeito, não tem sido «inteiramente satisfatória». Os deputados social-democratas não ficaram satisfeitos com a contestação do Governo às suas perguntas e, embora com punhos de renda, fizeram-no sentir.

As coisas já correram muito melhor, em calorosa atmosfera de complicitade e entendimento, no ameno diálogo travado entre o centrista Carvalho Cardoso e Ferreira do Amaral, especialista na destruição de UCP's e cooperativas agrícolas. Pretendia o deputado centrista saber quando começa o Executivo a aplicar o decreto-lei que regulamenta a entrega para exploração de terras expropriadas ou nacionalizadas ao abrigo da Lei da Reforma Agrária. Ferreira do Amaral disse que não sabia. Carvalho Cardoso ficou todo contente.

SÁ CARNEIRO, NO "POVO LIVRE"

"Será mau se este Governo cair"

● Renúncia do PR não seria útil nem clarificadora

«Será mau se este Governo cair por não ser aprovado o seu Orçamento» — afirma Francisco Sá Carneiro num escrito publicado na edição de hoje do jornal «Povo Livre», órgão oficial do PSD. O líder social-democrata toma posição acerca da actual situação política e pronuncia-se acerca de alguns problemas que pontualmente a caracterizam, e não apenas a hipótese que se põe de o actual Executivo cair, mas também as relações interpartidárias e suas perspectivas de futuro, a eventualidade o Presidente Eanes se demitir, a situação que neste caso se criaria, as eleições presidenciais de 81, e o perfil do Presidente que daqui deve resultar.

Diz Sá Carneiro sobre a situação em que o Governo vai encontrar-se dentro de dias, no Parlamento e com o Orçamento para ser discutido e aprovado: «É cedo para sobre ele (o Orçamento) nos pronunciarmos, porque não o conhecemos, como não sabemos ao certo o que vai passar-se em matéria de finanças locais. Mas acrescenta, se a queda do Governo se der, terá de ficar claro que ela se deve à sua própria fraqueza, política e aos eventuais erros das suas propostas orçamentais e não a quaisquer combinações partidárias».

Quanto às conversações interpartidárias, elas «vão realizar-se, quer o Governo caia, quer não» — diz Sá Carneiro. Tais conversações «inserem-se numa perspectiva de médio prazo e não têm intuíto imediatos. Visam o consenso nacional, a estabilidade, política, a clarificação e o desanuviamento do país».

O líder social-democrata garante que «quando chegarmos à fase das negociações e de eventuais alianças todos podem estar certos que o PSD não procurará impor-se nem impor os seus pontos de vista, mas também de que

não transigirá nos princípios que defende, respeitando sempre os alheios. O que se pretende — diz — é encontrar plataformas de entendimento para avançar com segurança nas direcções certas de harmonia com as circunstâncias históricas do país, sem rupturas democráticas e sem convulsões sociais».

A QUESTÃO DO PR

«É inegável que a questão da candidatura à Presidência da República está já hoje colocada com intensidade» — diz Sá Carneiro, lembrando que a hipótese de renúncia de Eanes foi admitida pelo próprio Eanes em 24 de Agosto do ano passado.

Para o presidente do PSD, «a renúncia e a recandidatura do actual Presidente da República não seria útil nem clarificadora» e «correria o risco de aumentar a indefinição, abalando a confiança dos portugueses no regime democrático». Mas «qualquer candidatura à Presidência tem de assentar num compromisso formal e claro do candidato com o partido ou partidos que o apoiem».



Sá Carneiro: à procura da liderança política nacional?

Importantes: para Sá Carneiro, nas próximas presidenciais «não deverá nem poder haver um candidato das Forças Armadas, seja ele civil ou militar. Não poderá sob esta forma, pelo menos com o PSD, ressuscitar-se qualquer tipo de pacto MFA-Partidos».

O líder social-democrata critica mais ou menos veladamente Eanes, parece, quando, dizendo que o PSD «deverá rejeitar uma candidatura pessoal desenvolvida à margem dos partidos ou contra eles», acrescenta que «não é mais possível aceitar o apoio dos partidos repudiando simultaneamente quaisquer compromissos com eles». «Se rejeitamos o monopólio da vida política pelos partidos, se recusamos que um ou mais partidos monopolizem e colonizem o Estado, tão-pouco aceitamos, a qualquer nível, uma solução ou um regime apartidário, militar ou civil, que de democrático só teria o nome e a aparência» — diz Sá Carneiro.

Vinho: vamos importar 40/50 milhões de litros para não perder mercados

A JNV vai importar este ano 40/50 milhões de litros de vinho da Argentina, Espanha, Grécia e Bulgária, a preços entre 20 e 36 dólares por hectolitro (CIF Lisboa) para não perder os seus mercados externos tradicionais. Isso porque, como é do conhecimento público, Portugal também é um país exportador de vinho. Sustenta a propósito a Junta Nacional dos Vinhos que «a perda dos mercados externos, cuja conquista, lenta e difícil, custou avultados investimentos em propaganda, tem não só o grave inconveniente de eliminar uma fonte importante de divisas para o País, mas sobretudo o de pôr em risco o equilíbrio existente entre a produção e o seu escoamento normal».

Divisas que se perderiam, divisas que serão utilizadas na importação de todos aqueles milhões de litros atrás referidos, para os quais há a apresentação de garantia bancária, e uma questão formulada pelo repórter do «DL»: haverá possibilidades de termos o litro de vinho mais barato entre nós?

Tomás Correia, presidente da JNV, foi taxativo (depois de dizer que não): «O vinho importado destina-se exclusivamente a possibilitar a manutenção dos mercados tradicionais externos e, portanto, a operação não tem qualquer objectivo de interferir directamente na regularização do mercado interno». Por outro lado, as qualidades a importar são as mesmas que exportamos e, sobre a primeira questão, adiantou ainda aquele dirigente que para o efeito houve reuniões na Junta com representantes da produção e do comércio.

O vinho importado será fornecido pela JNV aos exportadores em regime de reposição de «stocks» (disse o dr. Lopes Correia), e o preço de compensação a pagar pelos exportadores será calculado de forma a não originar prejuízos para a Junta nem lucros adicionais para os exportadores de um país que em 78 apenas produziu cerca de 6 milhões de hectolitros, o que corresponde a 60% da média do último decénio

CRUZEIRO DA PÁSCOA

De LISBOA a LISBOA

A bordo do moderno paquete

FUNCHAL

Classe única • Serviço de 1.ª cl.

MARROCOS E PORTOS FRANCOS

CASABLANCA-TANGER-GIBRALTAR

De 9 a 14/ABRIL/79

Preços excepcionais desde

9.600s

ISENTO DE AVERBAMENTO NO PASSAPORTE EXCELENTE OPORTUNIDADE! LUGARES LIMITADOS!

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341

PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921

COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2

FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6

FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

O SEBASTIANISMO NOS NOSSOS DIAS (6)

O encoberto de Santa Comba Dão

JOAQUIM PALMINHA SILVA

É avesso, o ditador, aos «banhos de multidão» por uma inconfessada modéstia? Não acreditamos. Um dia confessou António Ferro: «Quantas vezes me tenho impressionado pela indiscutível sinceridade de certas manifestações! Quantas vezes sacudido pelo desejo quase irresistível de gritar ao povo a minha gratidão! Porém, quando estou prestes a falar, uma voz interior diz-me: Cala-te. Estás a exceder-te... Se eu fosse arrastado por influências passageiras, se os meus hábitos e a minhas palavras fossem escravas do entusiasmo das multidões — ou simplesmente dos meus amigos — deixaria de ser eu. E então já não me pareceria honesto continuar a governar».

A CONTECE que a lúcida consciência da forma de governo adoptada por Salazar, sabia os seus limites, os quais se extravasados, correriam o risco de o «converterem» a formas «profanas» de poder. Assim, o ditador reprime-se, como todo o bom «cristão», não sem antes apelar para a ajuda que «uma voz interior» lhe daria em tais ocasiões. Na verdade, ele sabia quanto o seu poder «sobrenatural», para resistir ao tempo e à multidão, deveria assentar em bases diversas do populismo doutros seus parceiros, homens de aruaças, vindos da subversão, tais como Benito Mussolini e Adolfo Hitler. Salazar nunca fora um «subversivo reaccionário», nem a sua juventude académica o apresenta como tal, bem vistas as coisas, fora sempre um homem de «tranquilo» respeito pela «situação», ainda quando ela lhe não agradava. A sua «subversão» foi realizada através das cadeiras de S. Bento e, deste modo, legalizada. De resto, não afirma ele que nunca quis o Poder? E, por outro lado, não é verdade que foram militares e outros «senhores», preocupados com a situação financeira do País que lá o puseram? Está fora de discussão o cinismo da declaração acima transcrita. Salienta-se, todavia, que Salazar cultivou, entre muitas outras malas-artistas, com uma mestria notável, o cinismo. Por isso, tudo o que disse, e fez, ficou na meia verdade, sem consequência lógica, sem coerência dialéctica.

T ENTAREMOS demonstrar quanto ele tinha consciência da sua própria falta de «vocação» para chefe, figura de «popular» ditador. Tentaremos demonstrar quanto ele sabia que a sua permanência nos píncaros do Poder de Estado assentava num lamentável equívoco, que teria que ser constantemente subsidiado, alimentado, doseado para a «massa» a conta-gotas. Daí a necessidade constante em vestir a falta de aptidão para chefe numa humildade de anacoreta, como já iremos ver. E esse equívoco tinha que ser mantido a todo o custo, de modo a ressuscitar em seu redor eficaz auréola de predestinação insondável — o Encoberto criava-se... «(...) E eu torno suavemente: — Será então pela renúncia às mais simples alegrias que Salazar mantém o seu prestígio? — Julgo que sim — admite Ricardo Espírito Santo. Se os seres não têm a coragem para agir de acordo com os seus pensamentos, acabam, como

diz Bourget, por pensar de acordo com a sua maneira de viver. Não lhe parece? Pois bem, Salazar sempre quis e sempre soube aplicar à sua existência o rigor dos seus princípios. E é isto, na minha opinião, o que o torna respeitado até pelos próprios adversários (...).

A contradição entre a citação anterior e esta última é flagrante, embora aparentemente se respire um hábito de unidade entre ambas. Na anterior o ostracismo perante a multidão é apontado, pelo próprio ditador, como uma questão muito pessoal de princípios governativos, referentes estes à sua própria personalidade, à dicotomia que queria existisse, contrária, portanto, aos «banhos de multidão». Monástica dicotomia, diremos. Nesta citação que acabamos de transcrever, pelas palavras de Ricardo Espírito Santo — banqueiro e amigo íntimo de Salazar — já se admite que a renúncia «às alegrias mais simples» traz água no bico, isto é, obedece a um esquema pré-fabricado em ordem ao prestígio, em constante gestão, que o ditador se forjava. Quicá, compensação inevitável para quem não saiu da «rua» e da sua «agitação e propaganda» subversiva dos tempos do fascismo «revolucionário». Senão vejamos.

«(...) Há quem o censure amargamente em Portugal, senhor Presidente, por viver longe da multidão, por nunca se misturar com o povo, por não viajar e, por conseguinte, não poder comparar. Censuram-no por trabalhar como um sábio a matéria humana, mantendo-se todavia afastado dos homens. O isolamento é indispensável à sua acção?»

— Não é impossível, dentro de certa medida, conciliar o gosto ou os prazeres da solidão com os imperativos da acção governativa. Afirmando mesmo que o isolamento facilitaria por vezes a acção dos que governam. Torna-os mais serenos, mais independentes nos seus juízos, menos acessíveis às influências exteriores. Libertá-los-á do que inconvenientemente os possa embarçar (...).

«(...) Quer um exemplo? — Santa Teresa de Jesus, teóloga e doutora da Igreja, mística ardente, conselheira de reis, reformadora da Ordem e fundadora de conventos. Há quem se incline a descobrir no seu caso, como em muitos outros, a manifestação de qualidades múltiplas, desdobramento de uma rica personalidade. Quanto a mim, prefiro ver em Santa Teresa aquela forma de acção proveniente da excepcional intensidade da vida interior de

certas almas de eleição. Se é possível vida interior sem acção externa, sempre no plano puramente humano, não se afigura possível acção — entenda-se acção no mais largo sentido — sem forte vida interior».

S ALAZAR, dir-se-á, sabia empiricamente que tudo aquilo que os homens pensam da sociedade e do Estado nem sempre corresponde à verdade histórica objectiva, dessa mesma sociedade e Estado. Não é verdade que «aquilo que em política parece, é», segundo a fórmula decalcada de Goebels, o grande «António Ferro» da propaganda do Reich, entretanto vulgarizada por Salazar? Por outras palavras, a velha tese de que uma mentira, quando muitas vezes repetida no seio da multidão, de forma altissonante, acaba por se impor a essa mesma multidão como verdade pura, passando efectivamente a figurar na sua dinâmica abstracta, espiritual, como tal; pois bem, esta velha tese dos «melhores» anos da propaganda nazi, transpira nas entrelinhas da fórmula política do ditador, «aquilo que em política parece, é».

H AVIA, para Salazar, que parecer o enviado e, visto isso, necessário se tornava gizar um caminho específico — ostracismo arquitectado, devidamente enquadrado em ordem a uma política isenta de populismo e veiculadora do poder pessoal, esquematizada ideológica e politicamente a par e passo; recurso à interiorização mística, com comparações inevitáveis a modelos entretanto «santificados»; invocação sub-reptícia ao «facto» de cumprir um mandato «providencial», messiânico. O mistério em torno da sua pessoa, artimanha de arsenal completíssimo, organizada com esmero muito mais minucioso do que habitualmente os nossos historiadores pretendem, era pois o pilar «beatificado» de toda a sua «filosofia» do Estado, do seu «sacerdócio» do poder. No entanto — e disso dá-nos eloquente testemunho — esse sacerdócio do poder é mais representado, no sentido teatral do termo, do que vivido, havia que se parecer — *Acta est fabula!* É mais elaborado que espontâneo, como pretende que acreditemos. Salazar não foge às multidões, estas é que são, policialmente, afastadas do seu raio de acção. E a antiga máxima de todos os seus latinos pares, *hoc volo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas*, — quero-o, ordeno-o, que a minha vontade substitua a razão — vem à tona do discurso com força renovada.

H AVIA que se representar misterioso «enviado»; havia que explorar a abundância quimérica oferecida pelo arsenal sebastianista em seu favor e, atra-

vés da potencialidade «popular» que ele era — e é! — criar um ressurgimento do chefe-génio, sinónimo do «rei-divinizado», «inviolável», pairando neutral e tranquilo sobre a manta de retalhos deste pobre País estrangalhado e perdido de si mesmo. O cogito cartesiano falha aqui! A verdade do poder não é dada pelo próprio poder — ele pensa-se, mas através da bizarra forma de travesti que escolheu para existir! Temos de procurar a verdade do poder nos factos colectivos, tais como são a tradição supersticiosa, o subconsciente e (ou) — a falta de consciência; numa palavra, a alienação ancestral e colectiva pelo «chefe-génio», pelo «pai do povo». Todavia, esta máxima nem sempre se torna só eficaz para as formas de poder mais ou menos fascizantes. Está hoje confirmado que a manutenção do formalismo democrático, rotativismo parlamentar, conservação de estruturas de poder enleadas na administração burocrática de um laureado pluralismo ocidental, afastam da verdade do poder essas mesmas fórmulas de governação originariamente democráticas. Nesses casos, alguns defendem como verdadeiro antidoto, como efectiva verdade do poder, não a sua clássica representação democrática — amiúde afastada do cidadão comum —, outrossim o «poder» de estruturas de base «popular», numa palavra, a «democracia directa» como tratando-se de um estado de facto dentro do Estado de direito da burguesia parlamentar ocidental.

C ONTUDO, o contrário também é verdade. Há em todo o sudário do ostracismo sebastianista e messiânico de Salazar, a noção resumida da objectiva realidade que, entretanto, se havia imposto com a angústia «colectiva» — e o latente decandentismo da 1.ª República — da ausência gritante de um pensamento «uno e indivisível» de «salvação nacional» e «patriótica». E daí, desta necessidade urgente, tirou ele a pouca verdade do poder, frágil embora, que ao seu discurso urgia, de modo a emprestar-lhe alguma base não inteiramente fictícia.

A necessidade de «cerrar» fileiras — e aqui o como era difuso para a grande massa do «povo» — em redor de um projecto nacional consubstanciado em um «chefe» e «pai do povo», de acordo com as coordenadas «misteriosas» que vimos atrás, coordenadas que o ditador sabia, à partida, mais fáceis de desdobinar — as tradições supersticiosas do «povo» — conduziram inelutavelmente tal projecto e tal discurso do poder senão a que fosse entendido como divinizado, pelo menos como «enviado» pela «providência», de modo a resolver as contradições constantes do caos económico, político e de «identidade nacional». Em resumo, passara



«O encoberto da Santa Comba Dão». A jornalista Christine Garnier à mesa de Salazar, durante uma das suas entrevistas com o ditador. Foto publicada em «Férias com Salazar»

para muito «bom povo» a haver «alguém» para prevenir os «destinos nacionais»; admitindo que existe, individualmente, realidade subjectiva dos «destinos nacionais» à face da Terra e outros planetas, «habitados por qualquer forma parecida com gente».

A insistência com que este fenómeno foi fabricado, a par e passo, ao longo de todo o seu consulado; o seu carácter de ostensivo «mistério» envolvente, voluntário e programado; o facto deste último ser comumente entendido como manifestação obrigatória, e inerente à «verdade do poder», para todos, fossem quem fossem, assim como todas as manifestações de características culturais e (ou) artísticas de que, em paralelo, se veio a revestir e o nada pequeno sucesso de que foram portadoras — granjeando amiúde o concurso de literatos e artistas da oposição democrática, ainda que só pontualmente — têm talvez a ver não com a psicanálise, mas sim com a larvar psicologia religiosa no seio das camadas «mais desfavorecidas», incluindo os religiosos «ateus» da nossa praça que, «graças a Deus», eram contra a ditadura «Daquela» homem...

F AZ uso entre nós a ideia corrente da sensaboria cultural, da mediocridade seródia a todos os níveis que foi o corporativismo, havendo até quem entenda que, em certo sentido, intitular de fascismo ao corporativismo salazarista será elogiá-lo sobremaneira. Não perfilhamos a mesma opinião. Quanto a nós a questão põe-se doutra maneira.

A dinâmica falhada das sucessivas «élites» apologistas do progresso, da chamada inteligência portuguesa, com a sua incapacidade histórica para resolver científica e pedagogicamente, as tensões afectivas, hereditárias, no corpo das muitas e variadas organizações políticas da «Nação», enquanto projectos com um dinamismo sul generis de ascensão necessariamente desopiladora do «mau passado» e fortificadora do «bom passado», tem a ver com os dividendos que retirou o ditador. Desta falha e lacuna evidente, retirou Salazar, raposa entre galinhas, os sucessos de que se coroou o seu

«reinado», e, ao mesmo tempo, a relativa «felicidade» com que nos foi fazendo engolir a mentira de ser ele o Encoberto; o Encoberto de Santa Comba Dão! Por isso, para nós, a apregoada pobreza cultural do regime não resulta como justificação histórica é sim, pelo contrário, a prova de que a mediocridade — aparente — de que alguns se fazem descobridores, foi a «justa» medida necessária à exploração sistemática das «taras» nacionais, cuja resultante compensadora se pode chamar, com perfeita razão, uma das mais longas ditaduras da história da Europa! O orgulho oposicionista sempre «pecou» por menosprezar o inimigo e avaliar mal as suas capacidades de análise na questão do poder de Estado, daí que nos surpreendamos, volta não volta, com D. Sebastião entre nós!

A teoria de Salazar sobre o «chefe», o «eleito», completou-se aos poucos, até formar uma cadeia polivalente, multiplicada por pequenos «chefes», pequenos «condottiere», minúsculos encobertos instalados no seio das mais primárias instituições sociais; a saber, a família. Compreendendo que, nesta monstruosa diátribe de mentalidades, o amor ao «chefe», entendido no masculino — não esqueçamos, para além do mais, que estamos numa sociedade machista e com aguda bilis marialva — fazia — e faz — parte do núcleo familiar; compreendendo isto, dizíamos, o ditador realizou a emanção familiar do mesmo fenómeno, fazendo-o pulular ali, onde o Estado, por natural falta de vocação, costuma ausentar-se. A este propósito seja-nos autorizada a pertinente transcrição do Encoberto «doutor» de Santa Comba Dão.

«(...) A família — responde Salazar sem hesitações. Por felicidade, nós dispomos ainda em Portugal de um factor favorável embora insuficiente: a família conserva uma certa consistência ao lado da desagregação que por toda a parte se lhe nota. Afirmando que a educação é da competência e da alçada da família, a Constituição Portuguesa quis exprimir não só o pensamento de que o Estado não pode fazer obra educativa contrariamente ao espírito da família

O encoberto de Santa Comba Dão

Continuação da pág. 14

de que a criança proveio, mas o de que a educação se deve fazer principalmente no seio familiar.

NA imaginada, e paternalista, sociedade portuguesa do doutor Salazar, o amor que o chefe de família inspira, enquanto «responsável» pela alimentação dos filhos, etc., que é senão a grande «sementeira» nacional de condottieres por núcleo familiar?

O facto, é que não tem sido sem esforço titânico que a nova, e recente, revisão ao Código Civil foi finalmente dada à luz. De resto, é sintomático que o **passadismo** corporativo de alguns partidos políticos representados na Assembleia da República, nos prometa desde já uma «impecável» revisão desse pomo discordante; revisão mais conforme a uma orientação tradicionalista... naturalmente «cristã» e, até, se possível, «democrata»!

Há hoje, de parceria com o novo D. Sebastião, um evidente empurrar do liberalismo de direita para aquilo que um dirigente socialista já chamou de «marcelismo sem colónias»; e deste empurrar constante de que estamos sendo alvos, sentem-se as marcas deixadas pelos empurrões de «misteriosas» mãos, nas nossas frágeis costas democráticas...

POR estas e por outras, não podemos fazer mais do que sorrir, amarguradamente, a certos analistas do «mundo português»; analistas que vêm certas facetas do actual momento político prenhes de inusitado ineditismo. Talvez que na sua ocupação da história da elite, ou melhor dizendo, das histórias que as elites têm a contar sobre a História, não lhes tenha sobrado mais do que um pequeno canto do olho para a repetitiva actualidade que é D. Sebastião entre nós! Referimo-nos, precisamente, a uma citação feita em artigo de jornal — «A Capital»; 7.7.78 — por Maria Belo, de um extracto doutro artigo de jornal assinado por Eduardo Prado Coelho. Diz a citada psicóloga que o conhecido analista E.P.C., em uma crónica de 28.7.78, afirmou esta pequena barbaridade que se mete — como destituída de realismo — pelos olhos dentro do mais desprevenido dos desprevenidos amadores da política histórica e da his-

tória política «lusitana».

«Haverá também quem pense que esta indiferença é produtora de uma angústia, que tal angústia é transclássica e que ela só poderá desvanecer-se através de um poderoso movimento de **transfert** e é aqui que se radica o chamado processo do **presidencialismo** — que é, quer se queira ou não queira, a única inovação política recente no universo ideológico português (...).

IMPUSEMO-NOS demonstrar que a afirmação de Eduardo Prado Coelho é destituída de veracidade, mas fá-lo-emos indirectamente. Dizemos que nos impusemos tal, porque isso se torna imperativo sanitário, uma vez que um dos mais lidos e apreciados analistas, do «caso mental português», desliza assim, gratuitamente, que nem caído sobre a barra de sabão. Enfim, todos temos destes «pecados velhos» quando procuramos descobrir «arestas» originais para «limar» à pena...

Primeiro que tudo diga-se, alto e bom som, que acreditamos na História comparada. Todavia, sabemos que **nunca saberemos** o suficiente da História, mesmo com as armas da comparação. Já porque ela é um processo nunca acabado, e nisto referimo-nos tão-só ao passado histórico; já porque embora se consiga agrupar o maior número possível de documentação sobre o passado, essa mesma documentação é amiúde originária de fontes «oficiais» epocais, cuja visão da realidade de determinado tempo e espaço é, necessariamente, a visão do Poder ou, quando muito, a visão que alguns «iluminados» entenderam que o «povo» deveria ter de si próprio. Daqui resulta, **in loco**, que a História passada está dependente dos progressos científicos da História actual e, visto isso, ela mesma nunca estará definitivamente conhecida segundo a entenderam — e sofreram — os seus directos e indirectos protagonistas. Por isso, em certo sentido, a História deve ser realizada à força de muita «ciência» e, onde esta falta, à força de muita **imaginação** e probabilidade. A História tem uma dialéctica surpreendente que, não raras vezes, surpreende a «dialéctica» espartilhada dos compêndios de «materialismo-histórico» e «materialismo dialéctico», revisitos segundo os «ventos» soprados, a plenos pulmões, pelos «papas» «infalíveis» que prevêem tudo, inclusive

os erros «necessários», «justificados» pela «autocrítica», esse gato escondido com rabo de fora, **mea culpa** e **acto de contrição** do «jesuitismo» ateu...

Acreditamos na história comparada, isto é, levando tão longe quanto possível, para o fenómeno, de que nos ocupamos, a possibilidade de as grandes linhas da específica mentalidade messiânica, congénita a certo modelo de pensamento ideológico português, poderem tornar-se passíveis de pontos de comparação, de referência, desdobráveis, desde as origens, em actuais pontos de encontro e, assim, nós verificamos a sua multifacetada e duradoura existência para além da época que o viu nascer.

Aeste propósito, apetece citar mais uma vez, as declarações do ditador, com o seu habitual cinismo, ele deu a interpretação máxima da verdadeira existência do elitismo **sebastianista** — chamem-lhe hoje, «moderadamente», **presidencialismo** —, francamente disposto a tirar partido das mazelas ancestrais da doentia «mentalidade lusitana».

(...) — Por vezes, não existe outra forma de acreditar o Poder na alma do povo. Este, com efeito, precisa de exemplos vivos de desinteresse absoluto e de inteira devoção ao bem comum (...).

(...) É esta a dificuldade porque as preferências e os gostos pessoais, o peso dos ódios, a fadiga física e moral, a própria ânsia de libertação não podem sobrepor-se ao imperativo do dever. A confiança nacional impõe-nos «servir»; o bem da grei, com ela, apesar dela, momentaneamente contra ela, se for necessário.

É claro como água que conhecemos quem, mais assim ou mais assado, subscreveria estas mesmas palavras, senão soubesse qual a boca que as proferiu...

Após o derrube do corporativismo marcelista, continuador sem futuro do **Encoberto** de Santa Comba Dão, convém anotar que o chefe político perdeu todo o hábito de «mistério» envolvente. É um homem da rua, talvez ainda pouco mais que o cidadão eleitor, mas contestado e, ele mesmo, se o quiser, com direitos à contestação. A interrogação constante de que é alvo, de imparável, fez dele alguém impossível de se apresentar, para a maioria dos iniciados na democracia — essa **escola do inquérito** —, como o **Desejado** por todo o

«povo». E, se por razões do pandemónio laboral da actual Constituição Portuguesa, o **Desejado**, o «rei David» não está completamente arregrado da figura do presidente da República, levou a maior machadada que entre nós, a história já conseguiu dar.

DIZEMOS que o fenómeno **não está completamente arredado**, e dizemos bem, pois ele tem muitas vidas e, quando menos se espera, retoma essa «imperativa», e «necessária», «razão» «utilitária» de «nacional unionismo» de que temos vindo a fazer sintético historial. Dizia o ditador Salazar que «Casos há — e o caso português coloca-se provavelmente entre eles — em que o próprio exagero da abnegação e da entrega é necessário».

Lembremos que, hoje em dia, pode ainda ser uma forma de perpetuar o **sebastianismo** todo o empurrar autoritário, mais ou menos constitucional — segundo as possíveis leituras da dita cuja —, toda a «profissão de fé» de um candidato a «chefe único» e «árbitro» de partidos, uma vez convencional e ingenuamente acusados estes de se «não entenderem», sobre a «patriótica» questão da gerência do Estado, como se os partidos não representassem interesses contraditórios e, não raro, antagónicos na gerência deste mesmo Estado. Todos sabem que assim é, e por isso mesmo **são partidos**, mas convém-lhes fingir que não sabiam tal, para daí retirarem «razões» de sobra aos seus projectos de **ancestral má nota**. Por estas e outras nunca poderemos acreditar na possibilidade da existência de uma figura carismática, pairando no éter, fora da embrulhada política interpartidária ou outra, e apresentada pelos corifeus como o «candidato de Portugal»... Efectivamente, a nossa memória já conheceu um «candidato de Portugal» na pessoa do Prior do Crato, o tal que, segundo a legenda popular, **para salvar um matava quatro**. Livre-nos pois «Deus» — ou o «Diabo» —, desta **avis rara**!

E agora, diga lá E.P.C. que o **presidencialismo** é «a única inovação política recente no universo ideológico português», se é que **ainda tem despalante para tal**!

A SEGUIR:

**D. SEBASTIÃO
NA OPOSIÇÃO
DEMOCRÁTICA**



**Serviços Municipalizados
da
Câmara Municipal do Barreiro**

ANÚNCIO

**CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO
DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO CIVIL
DA ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DA QUINTA
DOS MORGADOS**

PREÇO BASE 687 862\$80
CAUÇÃO PROVISÓRIA 17 196\$60

ALVARÁ EXIGIDO: 5.ª subcategoria da V categoria da classe correspondente à proposta apresentada.

A entrega das propostas efectuar-se-á no dia anterior à abertura das mesmas, até às 17.30 horas, na Secretaria Técnica dos Serviços Municipalizados.

O acto público do concurso realizar-se-á 30 dias após a data da publicação do anúncio no «Diário da República» e terá lugar no Gabinete do Conselho de Administração, pelas 10.00 horas.

O exame do processo poderá fazer-se na Secretaria Técnica dos Serviços Municipalizados, durante as horas de expediente, a partir da data do anúncio.

Barreiro, 1 de Fevereiro de 1979

O PRESIDENTE DO CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO

Joaquim Manuel da Fonseca Matias

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA CONCURSO PÚBLICO N.º 34

Até às 15 horas do dia 1 de Março de 1979, aceitam-se propostas em carta fechada e lacrada para o seguinte material:

- 1— 1 Aparelho de electroencefalografia portátil, com acessórios pediátricos.
- 2— 3 Bombas de perfusão tipo IVAC, ou equivalente.
- 3— 2 Monitores de alarme/apneia, com acessórios pediátricos.
- 4— 1 Aspirador de secreções eléctrico, com acessórios pediátricos.
- 5— 2 Capsulas de biopsia intestinal.
- 6— 2 Nebulizadores ultrassónicos, com acessórios pediátricos.

- 7— 1 Bilirrubinómetro.
- 8— 1 Desfibrilhador com monitor e pacemaker, com acessórios pediátricos.
- 9— 1 Monitor de frequência cardíaca e respiratória, tipo Hewlett-Packard, ou equivalente, com acessórios pediátricos.

GRUPO A— posição 1

GRUPO B— posição 7

GRUPO C— posição 8 e 9

GRUPO D— posição 2, 3, 4, 5, e 6

As propostas a enviar deverão ser separadas consoante os grupos de material referidos.

As restantes condições estão patentes nos Serviços de Aproximamento— Hospital Pediátrico— COIMBRA.

OS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO



SENSACIONAIS DESCONTOS NA CAMPANHA

de PROMOÇÃO

da MATEUSCULIA

*Mobiliás Império, Séc. XVII, Luis XVI e Modernas,
Estantes, Maples e Sofás-camas
em todos os modelos em pele e tecido*

NÃO DEIXE DE VER OS NOSSOS SOFÁS-CAMAS EM PELE TIPO FRANCÊS

SEDE: Praça Paiva Couceiro, 1 Lisboa 1
Telefone 846839

SALÃO DE EXPOSIÇÃO: Rua Neves Ferreira, 4-A
Telefone 824840

DORMIDAS

Desde 200\$00, apartamentos independentes em Camarate Tel. 834033

CÃO

PERDEU-SE

Dia 6 em Benfica, castanho, peludo, com coleira antipulga. Dá pelo nome de Toy. Agradece-se o favor de entrar em contacto pelo telef. 701654.

**Batalha Ano
ESPAÇO**

A ESTRELA-DE-BATALHA

O 1.º volume da série

FICÇÃO CIENTÍFICA

Uma nova série de

ib Livros de Bolso Europa-América

AFRICA

PERTURBAÇÕES EM KINSHASA?

Para-quedaistas belgas enviados para o Zaire

Trezentos «paracomandos» belgas, dispostos de blindados ligeiros, estão preparados para partirem para a base militar de Kitona, a Noroeste de Kinshasa, indicou boa fonte em Bruxelas, ao passo que a oposição zairense na capital belga refere perturbações nos arredores de Kinshasa.

A passagem à situação de prevenção de tropas belgas, na perspectiva do seu envio para o Zaire, foi oficialmente confirmada pelo Governo. Em contrapartida, recusam-se a desmentir ou a confirmar oficialmente as informações circulando em Bruxelas acerca das perturbações que se registariam no Zaire.

O Governo belga tinha informado da sua decisão um certo número de responsáveis dos «mass media», na terça-feira de manhã, mas pedira-lhes que nada revelassem. A decisão foi conhecida ao princípio da noite, sem que, até agora, nada haja que permita descortinar com clareza as causas precisas destes preparativos militares que, oficialmente, se limitam a atribuir aos acordos de coopera-

ção existentes entre as forças armadas brlgas e as forças armadas zairenses.

Contudo, para os observadores, uma intervenção belga numa base militar no Zaire visa, como aconteceu anteriormente no Shaba, salvaguardar, por um lado, um perímetro onde poderiam concentrar-se os residentes brancos do Zaire, para serem eventualmente evacuados, e por outro lado, proteger uma pista de aterragem para transportes de tropas com reforços africanos, como sucedeu recentemente.

Por ora, nada se sabe sobre a situação exacta em Kinshasa, para além das afirmações, muitas vezes pouco seguras, da oposição zairense em Bruxelas.

Enquanto isto, um porta-voz oficial zairense desmentiu ontem o mais categoricamente possível, que tenham eclodido perturbações na capital e nos seus arredores, onde «a situação é calma», disse.

Este porta-voz precisou que é exacto que efectivos militares belgas chegarão dentro de pouco tempo ao Zaire, à base de Kitona, no âmbito dos acordos

de cooperação militar bilaterais, que prevêem o apoio da Bélgica à formação dum batalhão de infantaria motorizada zairense.

Afirmou ainda que o envio de

militares belgas para o Zaire, anunciado em Bruxelas, não tinha «relação nenhuma com pretensas perturbações em Kinshasa».

Conferência intergovernamental reunida em Bissau

Iniciou-se ontem em Bissau a segunda conferência intergovernamental da Guiné-Bissau e Cabo Verde, cujos trabalhos se prolongam até ao próximo dia 11.

Esta conferência diz respeito ao ano de 1978 e não se realizou na altura prevista, em Agosto, devido à morte do então comissário principal da Guiné Bissau, Francisco Mendes.

A criação nos dois países de um para ministério de Coordenação para a Unidade e Com-

plementariedade de todos os sectores da governação deverá constituir uma das principais decisões da conferência — segundo informou à ANOP uma fonte oficial próxima do Governo cabo-verdiano.

Na conferência participarão o comissário principal, João Bernardo Vieira, e vários outros ministros guineenses, bem como uma delegação cabo-verdiana chefiada pelo primeiro-ministro Pedro Pires.

Demitiu-se o presidente do Congo

O presidente congolês Joachim Yhombi Opango, entregou os seus poderes à Comissão Central do Partido dos Trabalhadores Congolese (PTC), único partido político do país, segundo informação transmitida pela rádio estatal.

O ministro da Informação, Jean-Pierre Gombe, disse à Rádio Brazzaville, a noite passada, que a transferência de poderes tinha tido lugar numa sessão da comissão central, que teve início ontem.

O presidente Yhombi Opango tomou posse, em Março passado, após o assassinio do seu predecessor, presidente Marien

Ngouabi.

A comissão militar do partido dirigente entregou também os poderes à comissão central, acrescentou o ministro.

A comissão central nomeou um «presidium» de quatro homens e pediu ao primeiro-ministro, Louis Sylvain Goma, que permanecesse em funções e tratasse dos assuntos correntes, informou Gombe.

A comissão nomeará agora um directório político provisório que governe o país até ao próximo congresso do partido, previsto para 26 de Março, acrescentou o ministro.

O anúncio da demissão do

MÉDIO ORIENTE

EUA preparam um mini-Camp David

O secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance, convidou o ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Moshe Dayan, e o primeiro-ministro egípcio, Mustapha Khalil, para uma minicimeira de Camp David ainda este mês — revelam hoje notícias em Telavive.

Fontes governamentais não comentaram estas notícias, dizendo que não foi ainda recebido qualquer convite oficial de Washington.

O jornal «Yedioth Ahronoth» noticia que o presidente Carter estará pessoalmente envolvido na cimeira e que, numa fase posterior, o presidente egípcio, Anwar Sadat, e o primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, poderão ser convidados a participar.

A notícia diz que a cimeira teria o seu início durante a semana que principia a 18 deste mês. O ministro israelita da Defesa, Ezer Weizman, recusará provavelmente participar — acrescenta o jornal — mas o gabinete deverá delegar a missão nos ministros da Justiça, Samuel Tamir, e do Interior, Yosef Burg.

O porta-voz da Secretaria de Estado, Hodding Carter, disse ontem que os Estados Unidos

convidaram formalmente o Egipto e Israel para retomar as conversações de paz com a mediação de Vance, mas não revelou datas nem locais.

DESMENTIDO

Um porta-voz do ministério dos Negócios Estrangeiros Omanês desmentiu terça-feira que os contactos que se multiplicaram nas últimas semanas entre os países árabes do Golfo «tenham por objectivo a conclusão dum pacto de segurança regional».

Num comunicado, o porta-voz desmente nomeadamente as informações publicadas pelo jornal «Arab News» do Qatar e critica-lo por haver reformado ou interpretado mal certas declarações de quais Al-Zawawi, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros de Omão.

Na sua declaração ao jornal, Al-Zawawi insistiu «na necessidade duma estreita cooperação entre os Estados do Golfo», mas em momento algum «votou qualquer ideia de um pacto de segurança», precisa o comunicado.

Oposição ugandesa reivindica atentados

Uma organização interna de oposição ugandesa, o movimento Salvem o Uganda (SUM), reivindicou os atentados cometidos no passado fim-de-semana em Kampala.

Numa declaração publicada ontem pelo quotidiano do Quénia, «Daily Nation», o porta-voz do SUM em Nairobi disse que três postes da linha de alta tensão que encaminha a electricidade para a capital foram destruídos a dinamite.

O porta-voz disse que o seu movimento era de criação recente e que tinha como objectivo eliminar o presidente Amin.

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA

14.º Juízo Civil de Lisboa
4.ª Vara Cível

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio.

Execução de Sentença n.º 2777/B 2.ª Secção

Exequentes — Metalúrgica Duarte Ferreira, S.A.R.L. — Executado — Clona-Mineira de Sais Alcalinos, S.A.R.L., com sede na Av. Duque de Ávila, 95-4.º Esq., Lisboa.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1979

O JUÍZ DE DIREITO,
a) Abílio Maria Peres

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) Henrique Pereira da Cunha

Sucessor de Boumediene tomará posse no dia 9

Espera-se que mais de oito milhões de argelinos elejam hoje Chadli Benjedid, de 49 anos, como seu novo presidente para suceder ao falecido Huari Boumediene.

O resultado será anunciado amanhã, e o novo presidente prestará juramento na sexta-feira. A sucessão ocorrerá deste modo dentro do limite de 45 dias estabelecido na Constituição.

Benjedid foi eleito secretário-geral do único partido político do país, a Frente de Libertação Nacional (FNL), em 31 de Janeiro, e tornou-se automaticamente o único candidato presidencial. Sob uma tradição argelina, abandonou ao mesmo

tempo o seu título militar de coronel.

Benjedid apareceu na noite passada na televisão por breves momentos e, lendo um texto preparado, declarou que tencionava assegurar firmemente a continuação da revolução.

Prometeu aos eleitores mais habitações, escolas e assistência médica gratuita — pilares do programa socialista, mas que anda escasseiam.

Insistiu também na necessidade de preservar as riquezas do país e de as utilizar para benefício das massas.

Sobre política externa, Benjedid — que substituiu Boumediene na pasta da Defesa quando o presidente adoeceu com uma afecção sanguínea no Outono passado — insistiu que a Argélia desejava acima de tudo ser independente.

O ex-coronel tornou-se um elo-chave entre o exército e a FLN durante o período que se seguiu à morte do presidente.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

AutoExpresso

Lisboa
Guarda

Apenas por 250\$00
(para carros com menos 4,42 m.)

Partidas diárias com início em 20-12-78
com levantamento na estação de destino
no dia imediato ao da expedição

Consulte as secções de informação

Caminhos de Ferro
Portugueses

VIAGENS
EM FIM DE SEMANA
E UMA SEMANA
PARA GRUPOS E INDIVIDUAIS
Londres desde: 5.500s
Amsterdão .. 8.340s
Paris .. 6.550s
Mito .. 9.050s
Bruxelas .. 8.700s
Frankfurt .. 9.460s
Colónia .. 10.530s
Dusseldorf .. 10.590s
Hanover .. 11.810s
FÉRIAS REPARTIDAS
FÉRIAS NA NEVE
OUTROS PROGRAMAS
Informações e reservas:
MUNDIRAMA
R. DO CRUCIFIXO, 33
LISBOA 2 TELEFS.
363294 328856
372093 37471
MUNDIRAMA
PASSAPORTES
Estab. 1948

Diário
de Lisboa
vende-se no
**CAFÉ
CENTRAL**
António Batista Paquete
Rua Serpa Pinto, 58-60-62
Telef. 42172
CUBA Alentejo

EUROPA

RFA

Divergências na coligação governamental

A existência de critérios opostos no Governo de Bona, em relação ao desarmamento, poderá conduzir a uma crise no gabinete do chanceler Helmut Schmidt.

A polémica entre sociais-democratas e liberais chegou ontem a um novo ponto de tensão. A causa foi a divulgação de uma crítica do chefe da facção social-democrata, Herbert Wehner, ao ministro dos Negócios Estrangeiros e chefe liberal, Genscher.

Em entrevista ao diário holandês «NCR Handelsblad», o presidente do grupo parlamentar do SPD responsabilizou Genscher pelo marasmo em que se encontram as conversações de Viena sobre o desarmamento na Europa Central.

Wehner acusou a diplomacia alemã federal de ser «um travão» ao avanço da negociação e declarou, abertamente, não estar de acordo com «os métodos» do ministro dos Negócios Estrangeiros.

Nem os liberais, nem o próprio Genscher quiseram até agora comentar as críticas que lhes foram feitas.

O líder parlamentar dos deputados do PSD, partidário de uma maior flexibilidade nas relações com o Leste, escandalizou há alguns dias os seus correligionários e adversários ao declarar que o potencial militar soviético é «defensivo».

Entretanto, a oposição democrata-cristã aproveitou a oportunidade para solicitar, com carácter urgente, um debate parlamentar sobre as declarações de Wehner.

Na opinião da minoria parlamentar o político da facção governamental deu um «cheque em branco» à União Soviética e debilitou a posição ocidental em relação a Moscovo.

Explosão em Bremen

Mais de uma dezena de trabalhadores estavam hoje dados como desaparecidos depois de uma potente explosão destruir a noite passada um armazém de farinha no porto de Bremen na RFA.

Diz-se que 17 pessoas foram levadas para o hospital com ferimentos graves.

Perante as críticas da oposição democrata-cristã e o silêncio dos liberais, os deputados sociais-democratas parecem decididos a rejeitar a opinião de Wehner.

Negociações Andreotti-PCI

O primeiro-ministro designado Giulio Andreotti inicia hoje conversações com líderes do Partido Comunista Italiano com vista à formação dum novo Governo.

Os contactos terão início numa altura em que se encontram extremadas as posições entre comunistas e democratas-cristãos. Enquanto os primeiros anunciam que, pela primeira vez em dois anos e meio, irão para oposição caso não obtenham cargos no novo Gabinete, a Democracia-Cristã afirma-se contrária à participação do PCI nesse mesmo gabinete.

Em círculos políticos, a situação é definida com poucas palavras: nas presentes condições, será impossível governar a Itália com os comunistas na oposição parlamentar.

Esta trigésima nona crise de

A explosão destruiu completamente a fábrica de moagem, um silo e um edifício vizinho. Os danos foram avaliados em milhões de marcos. Polícias, soldados e bombeiros estavam a procurar corpos entre um montão de destroços com cerca de 20 metros de altura.

Governo desde 1944 aparece desligada das realidades para todos os que não estão familiarizados com o mundo da política em Itália.

A própria Imprensa, longe de dramatizar a crise, consagra mais espaço à situação no Irão e à doença misteriosa de Nápoles do que à situação política.

POLÍCIA CONTRA DESEMPREGADOS

A Polícia travou hoje recontros com manifestantes para dispersar cerca de mil desempregados que tentaram cercar o município de Nápoles, exigindo emprego.

Pelo menos três manifestantes foram presos e outros ficaram feridos após alguns manifestantes terem estilhaçado vidros de montras e danificado um autocarro.

ASIA

IRÃO

EUA afastam-se de Bakhtiar

O apoio dos EUA ao primeiro-ministro Chapur Bakhtiar está a diminuir desde o regresso do «ayatollah» Khomeiny ao Irão — escreve o jornalista Philippe Debeusscher da AFP, o qual acrescenta que os desmentidos oficiais a esta verificação. O certo é que o porta-voz do Departamento de Estado, Hodding Carter, confirmou ontem que o Governo de Washington está em contacto com todas as partes em conflito, incluindo o velho dirigente religioso. Os observadores notam que os EUA pouparam todas as críticas ao primeiro-ministro nomeado por Khomeiny, Meddi Bazargan. Este é considerado uma personalidade moderada e Washington parece considerá-lo uma figura de compromisso possível no caso de uma solução pacífica vir a ser encontrada entre o Governo do Irão e o do dirigente chiita.

De facto, Bazargan está longe de ser um «revolucionário» propriamente dito. Na própria oposição religiosa, o «ayatollah» que o designou para chefiar o seu Governo é considerado uma figura de centro, havendo outros dirigentes chiitas mais à sua esquerda.

Os EUA parecem estar muito impressionados com o «plebiscito de rua» dado pelo povo iraniano ao «ayatollah» e estão muito distantes das suas anteriores afirmações, quando consideravam o Irão um mérito democrata em luta contra 35 milhões

de «totalitários». O general Robert Huyser, que passou um mês em Teerão, para tentar manobrar os cordelinhos militares e civis do país, regressou novamente ao seu posto de comandante adjunto das forças americanas na Europa. Segundo o porta-voz da Casa Branca, a sua missão ao Irão esteve longe de ser satisfatória.

Seja como for, o Governo de Bakhtiar parece um caso arrumado, sendo previsível que não resista às grandes manifestações de rua marcadas para amanhã. Fontes chiitas revelaram que agora nem já o próprio Bakhtiar consegue trabalhar, pois os seus funcionários entraram em greve como forma de forçar a sua demissão.

Hoje Khomeiny deverá anunciar o elenco governativo, contando-se que ele seja integrado por conhecidos opositores do Irão e por um ou dois chefes militares na reserva, mas muito considerados no Irão. Círculos políticos planeiam fazer destituir Bakhtiar pelo que resta do Parlamento e constituir depois um Governo de coligação entre Bazargan e o último primeiro-ministro nomeado pelo Irão.

Continuam, entretanto, a registar-se deserções maciças nas FFAA, cuja coesão é cada vez menor. Apesar disso, ontem, os militares mataram mais três pessoas e feriram trinta na província do Baluchistão.

Ao mesmo tempo, surgiram dois novos partidos: um, que se

diz marxista-leninista, e que preteende constituir uma alternativa para o Partido Comunista (Tudeh), que ele acusa de ser demasiado «seguidista em relação à URSS», e outro, a Frente de Unidade Nacional do Irão, que vai hoje proclamar publicamente a sua fidelidade à Constituição monárquica.

As hipóteses de guerra civil continuam, entretanto, a ser apontadas como possível na Imprensa iraniana. Qualquer golpe de estado militar, para impor a fidelidade ao Irão, acabaria num banho de sangue sem paralelo. Na verdade, as multidões iranianas já mostraram que não temem a morte e têm enfrentado os tanques e as metralhadoras de mãos nuas (ou armadas de pedras e paus). Morrer hoje no Irão é coisa que não assusta os partidários da revolução. Certos correspondentes ocidentais salientam o estoicismo impressionante com que os manifestantes vêem a morte cercá-los. Quando alguém tomba, vítima das balas dos servidores do Irão ou de Bakhtiar, os companheiros mergulham as mãos no sangue da vítima e inscrevem nas paredes palavras de ordem, com essa tinta vermelha que os oprimidos tão prodigalmente gastam. Com essa determinação e com as armas que se sabe estarem ao alcance da população, um golpe de estado produziria necessariamente uma guerra civil, uma carnificina de dimensões inconcebíveis.

Diário de Lisboa

É VENDIDO EM
S. PEDRO DO ESTORIL
POR

PORFÍRIO DA SILVA
CARREIRA

HABILITAÇÃO NOTARIAL

Terceiro Cartório

Notarial de Lisboa

Notário

Lic. António Manuel
Rodrigues Hespanha

CERTIFICO para efeitos de publicação que, por escritura lavrada em 22 de Dezembro do ano findo de fls. 73 a 74 do livro de notas para efeitos de publicação n.º C-91 deste Cartório e rectificada por escritura lavrada em 25 de Janeiro do ano corrente, lavrada de fls. 92 a 92 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º E-38 deste Cartório, foi habilitada como única herdeira de BENJAMIM DE CASTRO LUZES SANTOS — natural da freguesia de S. Sebastião da Pedreira, de Lisboa, casado, falecido a 27 de Maio do ano findo, com a última residência habitual na Rua Coelho da Rocha, n.º 111, 3.º andar, esq.º, freguesia de S. Domingos de Benfca desta cidade — sua mulher MARIA SILVA LUZES SANTOS, viúva, residente habitualmente na Rua D. Estefânia, n.º 81, 4.º andar, em Lisboa.

ESTÁ CONFORME.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1979.

O NOTÁRIO,
António Manuel
Rodrigues Hespanha

SOCIÉDADE GUILHERME COSSOUIL

AV. D. CARLOS I, 61, LISBOA

GRUPO DE TAMPOLIBÉ

A SAPATEARIA PRODIGIOSA

F. GARCIA LORCA
MENÇÃO ESPECIAL
DO JURI DA CRÍTICA

DIAS 8 - 9 - 10
Quinta - Sexta - Sábado
às 21.30
Dia 11 - Domingo
às 16 h

Espectáculo notável
Uma festa - Um registo

HABILITAÇÃO NOTARIAL

Terceiro Cartório Notarial de Lisboa

Notário — Lic. António
Manuel Rodrigues Hespanha

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 23 de Janeiro findo lavrada de fls. 36v.º a 37v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º G-UM deste Cartório, foram habilitadas como únicas herdeiras de HENRIQUE MÁRIO PEREIRA PARREIRA — natural da freguesia de Nossa Senhora da Expectação, concelho de Campo Maior, viúvo, falecido a 7 de Agosto de 1977, com a última residência habitual na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 7, 3.º andar nesta cidade — suas filhas Maria Clotilde Pereira Parreira Antunes, casada, residente habitualmente na Rua Eiffel, n.º 2, 5.º andar e Maria Teresa Pereira Parreira Zincke dos Reis, casada, residente habitualmente na Rua Conde Redondo, n.º 93, 2.º andar, dt.º ambas em Lisboa. Está conforme. — Lisboa, 2 de Fevereiro de 1979.

O NOTÁRIO
António Manuel Rodrigues
Hespanha

ALBERTO

P. de ESPANHA (metro: PALHAVA)

telefone: 77 09 69

grupo 4

APRESENTA



TODAS
AS NOITES
ÀS 21.45

SÁBADOS
E
DOMINGOS
TAMBÉM
ÀS 15.30

DESCANSO
À 2.ª FEIRA

Crónica atribulada de ESPERANÇOSO FAGUNDES

de LUIS DE STTAU MONTEIRO

HÁ 2 MESES EM CENA

Nas 4 noites de Carnaval
Em fim de festa:
Uma hora com Paulo de Carvalho

Matinées infantis pelo T.I.L.
VIVA O CARNAVAL

FRANCO NERO

CORINNE CLERY



AUTOSTOP ALUCINANTE

"HITCH-HIKE"
DAVID HESS

FILMITALIA

um filme de PASQUALE FESTA CAMPANILE

música de ENNIO MORRICONE TECHNICOLOR

AMANHÃ
ESTREIA

IMPÉRIO
CINEMA

O famoso DETECTIVE "COLUMBO" PETER FALK

na grande paródia aos filmes de HUMPHREY BOGARD

Ann-Margret	Marsha Mason	Dom DeLuise
Sid Caesar	Abe Vigoda	John Houseman
James Coco	Nicol Williamson	Fernando Lamas
Louise Fletcher	Eileen Brennan	Phil Silvers
Madeline Kahn	Stockard Channing	Paul Williams



Uma comédia de humor desconcertante escrita por NEIL SIMON na tradição de "UM CADAVER DE SOBREMESA" e "GOODBYE GIRL"

6 MULHERES PARA UM DETECTIVE

(The Cheap Detective)
A RAY STARK PRODUCTION OF NEIL SIMON'S "THE CHEAP DETECTIVE" A ROBERT MOORE FILM
com PETER FALK
ANN-MARGRET • EILEEN BRENNAN • SID CAESAR • STOCKARD CHANNING • JAMES COCO
DOM DELUISE • LOUISE FLETCHER • JOHN HOUSEMAN • MADELINE KAHN • FERNANDO LAMAS
MARSHA MASON • PHIL SILVERS • ABE VIGODA • PAUL WILLIAMS • NICOL WILLIAMSON
Música de PATRICK WILLIAMS • Director of Photography JOHN A. ALONZO A.S.C.
Written by NEIL SIMON • Produced by RAY STARK • Directed by ROBERT MOORE • from RASTAR

6.ª Feira Estreia

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Dramática expectativa
no fundo do oceano.
Submarino nuclear
em perigo.
S.O.S. a 500 metros
de profundidade!



A MIRAGE CORPORATION apresenta
CHARLTON HESTON
DAVID CARRADINE · **STACY KEACH**
"GRAY LADY DOWN"

NED BEATTY · RONNY COX
STEPHEN MCHATTIE · ROSEMARY FORSYTH

Argumento de JAMES WHITTAKER HOWARD SACKLER
Adaptado por FRANK P. ROSENBERG Música de JERRY FIELDING
Realização de DAVID GREEN Produção de WALTER MIRAGE
TECHNICOLOR PANAVISION

UNIVERSAL CINEMA INTERNATIONAL CORPORATION

NÃO ACONSELHÁVEL MENORES DE 13 ANOS

EDEN 6.ª FEIRA ESTREIA
ÀS 21.30 **CALEIDOSCOPIO**

1978: Que teatro em Lisboa?

Durante o ano de 1978, as companhias ou grupos de teatro que pagaram direitos de autor à Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) realizaram 951 sessões de teatro para 100.887 espectadores, segundo dados fornecidos pela SPA.

Essas companhias ou grupos de teatro que pagaram à SPA em 1978 direitos de autor foram as seguintes: Nacional D. Maria II; Teatro Aberto; A Barraca; Sociedade Nacional de Belas-Artes; Grupo de Teatro Hoje; Teatro Maria Matos; Teatro do Bairro Alto; Teatro da Trindade e São Luís. Deduzidos os respectivos pagamentos do direito de autor estas companhias ou grupos arrecadaram na sua totalidade 8.300.149 escudos e cinquenta centavos.

Em 1978, o Teatro Nacional D. Maria II apresentou duas peças, não estando incluído neste ano a sua última estreia, «As Alegres Comadres de Windsor». Na primeira peça apresentada, a da inauguração do teatro, «Auto da Geração Humana-Alfageme de Santarém», foram realizadas 53 sessões para um público pagante de 8.916 espectadores (média de 168 por noite). Total arrecadado de 570 mil e 500 escudos. A peça estreou-se no dia 11 de Maio indo até 2 de Julho. Do segundo espectáculo, «Felizmente há Luar» foram apresentadas 69 sessões para um público de 12.858 espectadores (média de 186 por sessão). Total da receita: 1.046.222 escudos e cinquenta centavos. A peça estreou no dia 30 de Setembro e prolongou-se até ao dia 3 de Dezembro.

O Teatro São Luís apresentou em 1978 somente um espectáculo, «Jesus Cristo em Lisboa», peça que esteve em cena de 22 de Junho a 30 de Julho, numa primeira fase, para regressar depois das férias, em 15 de Setembro, até 19 de Novembro. No total foram feitas 103 sessões para um público pagante de 3.736 espectadores (média de 36 por sessão). Receita arrecadada: 321.750 escudos.

A BARRACA: 119 SESSÕES

Quanto aos grupos independentes, A Barraca, com a peça «Zé do Telhado» realizou até 30 de Dezembro 119 sessões para um público de 9.659 espectadores (média de 81 por sessão). A peça estreou em 23 de Junho e



Ninguém - Frei Luís de Sousa



Tordo e Paulo em «O Caso da Mãozinha Misteriosa»

até ao dia 30 de Dezembro tinha arrecadado 645.340 escudos.

Já o Grupo da Cornucópia apresentou em 1978 três peças, sendo duas no Teatro do Bairro Alto e uma na Sociedade Nacional de Belas Artes. O grupo entrou em 1978 com a peça «Ah Q», da qual realizou 37 espectáculos para 6.240 espectadores (média de 168 pessoas por sessão) e arrecadou 244.963 escudos, de 18 de Fevereiro a 26 de Março de 1978. O seu segundo espectáculo «Woyzeck», estreou em 18 de Julho e prolongou-se até 22 de Outubro. Teve uma receita de 561.730 escudos em 74 espectáculos para um público de 7.117 espectadores (média de 96 pessoas por sessão). Do outro es-

pectáculo da Cornucópia, «Música para Si» a Sociedade Portuguesa de Autores somente tem numerosos referentes à temporada da peça na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Nesta sala a peça

foi apresentada para 2.122 espectadores em 41 espectáculos (média de 51 pessoas por sessão). Arrecadou 108.140 escudos, depois de estar em cena de 22 de Maio a 4 de Junho e de 27 de Novembro a 16 de Dezembro.

Por sua vez, o Grupo de Teatro Hoje realizou «À Porta Fechada» de 3 de Julho a 3 de Setembro de 1978. Deu 47 espectáculos para 1.677 espectadores (média de 35 pessoas) e conseguiu uma receita de 117.460 escudos.

TEP REALIZOU 27 SESSÕES

Logo em seguida foi apresentada no Teatro da Trindade a peça «Zumbi», estreada em 25 de Janeiro e que se manteve em cena até 12 de Fevereiro. Realizou 17 sessões para 1.961 espectadores (média de 115 por sessão). Conseguiu uma receita de 76.370 escudos. O Teatro Experimental do Porto apresentou neste teatro a peça «Os Emigrantes» de 17 de Fevereiro a 19 de Março. Realizou 27 sessões para 6.052 espectadores (média de 224 pessoas por sessão) e obteve de receita 227.107 escudos. Os Cômicos regressaram ao Teatro da Trindade de 24 de Junho a 13 de Julho para apresentar a peça «L'Eden Cinema», da qual realizaram 17 sessões para 872 espectadores (média de 51 pessoas por sessão). Conseguiu arrecadar 34.674 escudos e 50 centavos. A 27 de Dezembro estreou no Teatro da Trindade a peça «Ninguém» - Frei Luís de Sousa, das produções Cine-Teatro. Até ao dia 31 de Dezembro este espectáculo tinha arrecadado 55.762 escudos. Realizou 5 sessões para 911 espectadores (média de 182 pessoas por sessão).

De todas as peças que pagaram direitos de autor em 1978 apenas duas continuam ainda em cena em 1979: «Crónica Atribulada de Esperançoso Fagundes», no Teatro Aberto, e «Ninguém» - Frei Luís de Sousa, no Teatro da Trindade.

É de salientar que, devido a vários motivos, como seja a SPA não representar o autor da peça, muitos espectáculos realizados em 1978 não viram os seus dados estatísticos elaborados, mas tiveram a sua importância no espaço teatral do ano que passou.

TEATRO ABERTO: 4 ESPECTÁCULOS

O Teatro Maria Matos, por seu lado, mostrou «O Crime do Padre Amaro» em 119 sessões para 18.165 espectadores (média de 152 pessoas por sessão). Estreou-se em 2 de Fevereiro e prolongou-se até ao dia 18 de Junho, arrecadando 1.299.358 escudos.

O Teatro Aberto apresentou em 1978 quatro espectáculos, sendo três produções do próprio grupo e uma (Zumbi) de um grupo independente. O primeiro espectáculo de 1978 foi «Os Macacões», de 1 de Janeiro a 7 de Fevereiro. Realizou 42 sessões para 5.716 espectadores (média de 136 pessoas por sessão) e arrecadou 493.705 escudos. Logo em seguida apresentou «Zumbi», de 16 de Fevereiro a 12 de Março, tendo realizado 20 espectáculos para 1.590 pessoas (média de 79 pessoas por sessão). Conseguiu 96.505 escudos. Em 21 de Abril e até 15 de Agosto o Teatro Aberto apresentou «O Caso da Mãozinha Misteriosa», do qual realizou 131 espectáculos para 21.254 pessoas (média de 162 pessoas por sessão). Arrecadou 1.993.654 escudos. A sua última peça é a «Crónica Atribulada de Esperançoso Fagundes», que estreou no dia 15 de Dezembro e até 31 de Dezembro tinha arrecadado 339.820 escudos. Realizou neste período 21 espectáculos para 3.595 (média de 171 pessoas por sessão).

Finalmente, no Teatro da Trindade, segundo a SPA, estiveram quatro grupos de teatro: Os Cômicos (por duas vezes), Zumbi, TEP e as Produções Cine-Teatro. Os Cômicos estrearam em 1978 com a peça «O Conde Barão», peça que esteve em cartaz de 11 a 21 de Fevereiro. Realizou 9 espectáculos para 1.937 espectadores (média de 193 por sessão). Arrecadou 67.088 escudos e cinquenta centavos.

O DIABO À SOLTA NO CONVENTO!

O HÁBITO NÃO FAZ A FREIRA

«Nasty Habits»

VEJA, MAS... NÃO DIGA AO PADRE QUE VIU!

com:

GLENDIA JACKSON MELINA MERCOURI
GERALDINE PAGE SANDY DENNIS
ANNE JACKSON ANNE MEARA
SUSAN PENHALIGON Edith Evans
Jerry Stiller Rip Torn Eli Wallach
Mús. John Cameron Arg. e Prod. Robert Enders
Real. Michael Lindsay-Hogg Technicolor

RIVUS Não Acons. menores de 13 anos

Hoje às 21h.30 estreia no

CASTIL



Canal da Crítica

Festival, assim não vale

Alguns amigos, reunidos em casa da nossa leitora Ana de Sousa durante a primeira emissão do eurofestival cá do sítio, atiraram várias sugestões que, depois, Ana de Sousa compilou e nos remeteu. Seguem.

O festival da Televisão, tal como nos habituamos a vê-lo dividia-se formalmente em duas partes: na primeira, a atenção do espectador era solicitada para uma audição muito atenta e muito passional das músicas e das letras (que o novo-riquismo chamava poemas).

A segunda parte era um espectáculo com outra motivação: uma vez feita a sua aposta pessoal, o espectador confrontava-a com a do júri nacional e esperava o resultado para saber se ele próprio tinha ganho. Qualquer das atitudes para que o espectador era solicitado primeiro a da audição muito atenta, depois a da implicação numa aposta, faziam do espectáculo do Festival, por meios elementares que nada tinham a ver com a qualidade da realização, um espectáculo de êxito garantido e de audição assegurada.

Este ano a estrutura do espectáculo alterou-se qualitativamente e produziu um resultado completamente novo, com uma inversão da mensagem televisiva.

Sequindo mal o bom exemplo da Comédia — o de um júri que era parte do espectáculo — o realizador do Festival trouxe o júri para a boca de cena. Aparentemente, a encenação do Teatro Villaret e o tratamento do palco, apontavam para um espectáculo de variedades; mas a realização televisiva deu mais tempo às intervenções do júri do que às canções; mais primeiros planos ao júri do que aos intérpretes e mais atenção às declarações de voto que às frases musicais; e desta inextricável trapalhada resultou, de propósito ou sem querer um programa teórico amenizado com alguma música. Uma mesa-redonda com intermezos. Não foi o Festival da Canção, foi o Festival do Júri e o tema do programa o seu critério. Por isso, declarando desde já que não sei nada de música — declaração desnecessária visto que não é disso que se trata — me permito dar a minha opinião sobre a mesa-redonda de critério a que assisti na noite de sábado. E faço-o porque acho que é preciso que espectadores como eu, que são avisados diariamente por comissões de pessoas bem intencionadas de que os programas não devem continuar a ser tão politizados e que a Comunicação Social é uma coisa que serve para distrair devem mostrar a esses paternais conselheiros

que estão atentos e que o conselho não caiu em saco roto.

Um dos processos mais clássicos de manipular a opinião pública por processos estritamente «democráticos» é o de apresentar como óbvia, razoável e consagrada — e portanto não polémica — uma opinião qualquer e a partir daí discorrer à vontade, polemicamente se for preciso, nas questões de pormenor.

Foi este o sistema do júri. A afirmação axiomática — não polémica — foi a de que iria votar, não exactamente de acordo com a sua opinião mas em função do que será o critério do júri internacional do Festival de Telavive. Subsidiariamente, foi-se afirmando que, segundo este critério, a letra não contava; que uma música era má, mas a letra era ótima; que outra música, por ser de raiz popular, era melhor para Cuba, etc. Como dos 5 musicólogos (?) ali presentes, quatro confirmavam sempre este critério, serviam de argumento de autoridade uns dos outros e o axioma ficou estabelecido.

Não é todos os dias que se vê um tal estendal de parolice engravatada, segura de si, activista, europeia. Perante estes musicólogos europeus que transformaram um programa de variedades numa mesa-redonda, o espectador que subcreve, protesta. Não me politizem o programa.

Mas já que este foi um festival de palavras e não de música, analisemos as palavras:

Vejam os: — Se a opinião destes senhores procura adequar-se à do júri internacional porque é que não se demitem e sugerem senhores estrangeiros para virem constituir um júri? Senhores de várias nacionalidades, que gostem de mudar de ambiente e tenham tolerância pelo exótico nacional.

— Se a expressão «critério internacional» é, não pode deixar de ser, o somatório dos critérios internacionais dos anos anteriores, não estaremos nós a concorrer ao festival do ano passado?

— Se a língua portuguesa não interessa, porque é que as músicas têm letras?

— Se a «folk music», e a «country music», e o «jazz» e o «rock», e o samba, e o «pop» interessam, porque é que não interessa a música popular portuguesa de contexto rural («country») ou urbano («pop»)?

— Se a única música apresentada que tem que ver com música popular portuguesa só era «boa para Cuba» eu, que sou portuguesa e gosto de música portuguesa, não terei outro remédio senão virar as costas à Europa e deverei ser obrigado-

riamente socialista? É isto que o júri me quer dizer?

— Se os júris nacionais dos vários países concorrentes vão defender os seus «Love Come Back to Me» nós somos obrigados a escrever o nosso «Amor Salta para as Minhas Costas»?

— Está este júri de musicólogos a sugerir que os portugueses escrevam o «Love Come Back to Me»?

— Pensam os cinco portugueses do júri internacional de sábado que a produção comercial musical portuguesa tem alguma possibilidade de ganhar o Festival? Em caso afirmativo, acham que o conseguirá mais facilmente produzindo canções parecidíssimas com outras? — ou, por outras palavras, pensa que uma música inglesa escrita em Portugal tem possibilidades de ganhar a uma canção inglesa escrita em Inglaterra? E, em caso de resposta negativa, acha o júri que vale a pena não ter opinião, por causa tão fracativa?

As perguntas podiam continuar. Mas o que é verdadeiramente deprimente é ver um júri, com a autoridade que qualquer júri tem, usar a bitola do pacóvio: o estrangeiro é que é bom; «onde mija um cão francês, mija logo um português». Por favor, «madame», tire as patas, «que lindo que é o estrangeiro», «o cliente tem sempre razão».

Neste país em que Aveiro era Veneza e Sintra era a Suíça, e Sacavém é a Escócia sem que o «whisky» melhore por isso; neste país em que o escudo tem que ver com o FMI, o orçamento nacional com a NATO, a pesca com a Espanha, e há uns senhores, nada pacóvios, que procuram convencer-nos que isto é que é a última palavra em civilização.

Neste país em que se torna óbvio que tudo que é nosso corre o risco de ter cada vez menos a ver connosco; não será possível, ao menos num campo tão restrito, tão privado, tão aleatório como o triste caso duma musiqueta nova, a pretexto dum festival qualquer, não será possível tirar dali cinco senhores que se dizem musicólogos, cinco senhores do estrangeiro que falam português, cinco pacóvios pseudo-cosmopolitas que têm opiniões sobre as opiniões dos musicólogos da CEE (que, esses sim, estão a defender os seus interesses) e que possam escolher uma música nossa, para nós?

— Não compreenderão estes senhores que uma música portuguesa ou seja lá o que for, só interessa aos outros se for suficientemente portuguesa para não se ficar só por cá.

Não haverá cinco senhores suficientemente seguros de si e sem complexos que se estejam nas tintas para a opinião que outros possam ter sobre a opinião deles e que civilizadamente elejam uma cançãozinha pela simples razão de que gostam mais dela que das outras?

ANA SOUSA

Hoje



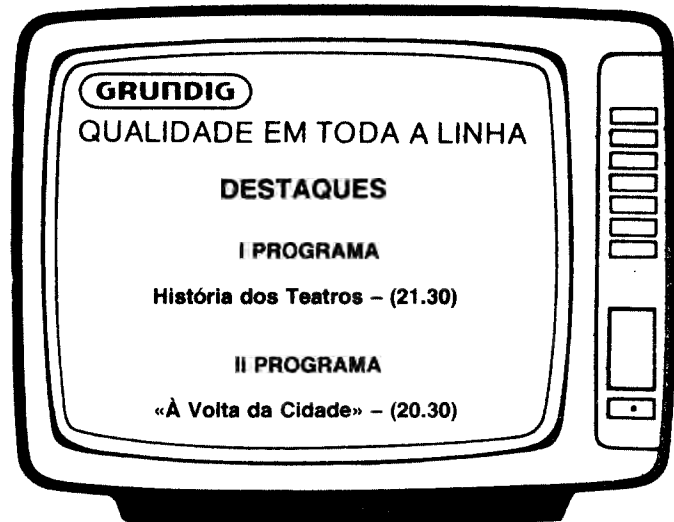
As actrizes Eloisa Mafalda e Elizabeth Savala, intérpretes da telenovela «O Astro»

I PROGRAMA

- 18.30 **Sumário.** Títulos da actualidade nacional e internacional.
- 18.35 **Jardins Zoológicos.** Jardim Zoológico de St. Louis (nos Estados Unidos).
- 19.05 **Pais, Pais.** A notícia e a reportagem regionais.
- 19.30 **Caldo de Pedra**
- 20.00 **Jornal RTP-1.** O país e o estrangeiro através da notícia e da imagem e o Boletim Meteorológico.
- 20.30 **O Astro.** (Episódio n.º 83).
- 21.15 **Vamo Jogar no Totobola.** Os prognósticos para o próximo concurso.
- 21.30 **História dos Teatros.**
- 22.20 **O Planeta dos Macacos.** «A Médica». Intérpretes: Roddy McDowall, Ron Harper, James Naughton. Realizador: Arnold Laven.
- 23.10 **24 Horas.** As notícias mais importantes das últimas 24 horas.
- 23.25 **Fecho.**

II PROGRAMA

- 18.45 **Ano Propedéutico.**
- 20.32 **A volta da Cidade.** — Ecologia e urbanismo
- 22.00 **Directíssimo** — 1.ª parte.
- 22.15 **Informação-2**
- 22.30 **Directíssimo** — 2.ª parte
- 23.30 **Fecho.**



Amanhã

I PROGRAMA

- 09.15: Ano Propedéutico; 13.25: Ciclo Preparatório TV; 18.30: Sumário; 18.35: Clube do Rato Mickey; 19.05: Pais, Pais; 19.25: A Arte de Ser Português; 20.00: Jornal RTP-1; 20.30: O Astro, episódio n.º 84; 21.10: Eurovisão Paz Missão Impossível? 23.15: 24 horas
- 23.30: Fecho.

II PROGRAMA

- 18.45: Ano Propedéutico; 20.32: As Grandes Batalhas do Passado; 22.00: Informação-2; 22.30: Holocausto; 23.30: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

2.ª Publicação

Doutor Adriano Gonçalves de Moura, Meretíssimo Juiz do QUINTO JUZO do Tribunal de Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pela PRIMEIRA SECÇÃO, deste Tribunal correm seus termos uns autos de Execução de Sentença com o número 108/76, em que é exequente MARIA ISABEL DA CUNHA e LORENO PERESTRELO VASCONCELOS, residente na Rua Comandante Carvalho Araújo, n.º 34-LOURES, e executada MAGAL-MADEIRAS DE PORTUGAL, LDA, com sede no Largo do Gato Preto-RIO MAIOR, para pagamento da

quantia de VINTE E TRES MIL NOVECIENTOS E QUARENTA ESCUDOS e neles correm editos de vinte dias, citando os credores desconhecidos da referida executada, para no prazo de DEZ DIAS, findo que seja o dos editos, que se contará da segunda e última publicação deste anúncio, deduzirem os seus créditos nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1979

O Escrivão, a) Porfírio de Almeida Velez
O Juiz, a) Adriano Gonçalves de Moura

Carnaval em SETÚBAL!!!

- com 1 CORSO POPULAR na Av. Luisa Todt (25 e 27 de Fevereiro) à tarde
- e JOSE VIANA no Inatel (24,25,26 e 27 de Fevereiro) à noite!

Câmara Municipal da Moita

EDITAL

Para os devidos efeitos se torna público que pelo prazo de 23 dias, se encontra aberto concurso de classificação para atribuição, por venda, de 16 fogos sítios no Bloco E — lotes n.ºs 1 e 2, na Rua A-1, em Baixa da Banheira.

O preço de venda é o seguinte:

T1 (2 assoalhadas) 450 000\$00

T2 (3 assoalhadas) 510 000\$00

Os adquirentes assegurarão o direito ao fogo mediante uma entrada mínima correspondente a 10 ou 15% das importâncias acima referidas, consoante o seu escalão de rendimento.

O restante deve ser pago no acto da escritura.

Serão condições de admissão:

1.º — Serem os concorrentes trabalhadores ou residentes no concelho da Moita;

2.º — Terem os concorrentes família constituída;

3.º — Os concorrentes não terem rendimentos que ultrapassem o limite máximo fixado para o concurso de classificação estabelecidos no Decreto Regulamentar n.º 50/77 de 11 de Agosto.

Os interessados deverão dirigir-se aos S.M.H. desta Câmara nos dias úteis das 9,15h às 12,30h e das 14h às 18h onde poderão consultar o respectivo programa de concurso donde constarão as condições respectivas ao mesmo.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor que irão ser afixados, nos lugares de estilo.

Moita, 5 de Fevereiro de 1979

O Presidente da Câmara,
(Fernando José Madeira Ribeiro)

O CENTRO CULTURAL DA CARRIS

APRESENTA PARA TODOS



O.T.C.

De 3.ª a sexta às 21,40
Sábado às 16,30 e 21,40
Domingos às 15 e 18 h.

Edifício do Elevador da Bica a S. Paulo Tel. 365035

Música Alberta

Segunda-feira 22 h

Dia 12/2/79
Segreís de Lisboa
Poesia por Rui Mendes

FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL

NÓRDICOS POR CÁ

Sporting perde com holandeses do AZ 67

Em lutas sucessivas, estão a vir até Portugal equipas estrangeiras que, nos seus países, não podem actuar devido à invernada que assola a Europa. Primeiro foram escoceses: Aberdeen e Celtic. Depois holandeses: do AZ 67. Logo de enfiada dinamarqueses: a selecção olímpica lá do sítio. Por último, o Utrecht (da Holanda) que já mora em Cascais.

Ontem, o AZ 67 esteve em Alvalade, perante o Sporting, em jogo-treino. Os holandeses, face a uma defesa a actuar muito mal, não tiveram dificuldades em vencer, por 3-1. Por seu turno, os dinamarqueses olímpicos empataram (1-1) com o Atlético, na Tapadinha.

Em Alvalade, foi assim: SPORTING — Botelho; Artur, Laranjeira, Bastos (Meneses) e Inácio; Ademar Cerdeira, Fraguito e Zandonade (Baltasar); Manoel (Jordão), Manuel Fernandes e Keita.

AZ-67 — Vooyo; Darntz, Spelbos, Metgvd e Hovnkamp; Peters, Ressel e V. Hanegen; Kist («Bota de Ouro»), Nygaard (internacional «A») e Toil.

A sessão teve a duração de 80 minutos, divididos em duas partes de 40 cada. No primeiro período os holandeses obtiveram dois golos sem resposta, ambos da autoria de Nygaard. Keita obteve o tento «leão» e o «Bota de Ouro» Kist marcou o terceiro da sua equipa.

Holandeses: magnífica preparação físico-técnica, muita velocidade e jogo de conjunto bem sincronizado. Sporting: desinteresse, defesa muito instável e apatia na frente atacante.

No campo de treinos (pelado) da Tapadinha, Atlético e selecção olímpica da Dinamarca empataram a um golo. As formações:

ATLÉTICO: Quintino; Portela, Fernando Martins, Domingos (Jacinto) e Almeida; Alcides (Rosolino); Sardinheira e Moura (Monteiro); Fernando Santos, Gerúcio e Rogério e Rogério (Moca).

DINAMARCA: Larsen; Jorgensen, Rahbeck, T. Knutsen e P. Knutsen; K. Jristensen, Hansen (F. Jansen) e Troelsen (Kierulff); Biel, Weber e F. Kristensen (Madsen).

Marcadores: Biel, aos 75 m, e Rosalino, aos 83.

De técnica rudimentar, os dinamarqueses oferecem, em contrapartida, uma pujança física verdadeiramente notável.

O Utrecht realiza amanhã, pelas 10 horas, um jogo-treino com o Desportivo da Cuf, no Barreiro.

CALENDÁRIO ALTERADO

A Federação, acedendo a pedidos de clubes, marcou para sábado os seguintes jogos da 1.ª divisão: Sporting — Estoril e Boavista — Famalicão, ambos para as 15.30 horas.

Na II Divisão: Fafe — Tadim e Torriense — Caldas, ambos às 15 horas.

Na 3.ª Divisão: Prado — Joane Tirsense — Abambres, ambos às 15.30 horas; e Beja — Sesimbra, às 15 horas.

Alterações introduzidas nos jogos de domingo na 1.ª divisão: Belenenses — FC Porto, a transmitir na TV, às 18.30 horas.

Na 2.ª: Aliados Lordelo-Desp Aves, no campo das Laranjeiras, em Paredes, às 15 horas.

No escalão: Mondinense — Forjães, no campo da Cruz, em Celorico de Basto; e Mangualde. «Os Vilanovenses», no campo

Municipal da Cerca, em Penalva do Castelo.

Para o Nacional, de juniores: FC Porto — Vizela, no campo da Constituição, no Porto; Boavista — Foz, no campo da Pesteleira, no Porto; Varzim — Monção, no campo de treinos do Estádio do Varzim; Leixões — Rio Ave, no campo de treinos do Estádio do Mar; Cuf — Belenenses, Lavradio; e Vitória de Setúbal — Estoril, no campo de treinos do Estádio do Bonfim.

JUNIORES PREPARAM-SE

A selecção nacional de juniores que, entre 25 de Agosto e 9 de Setembro, estará no Japão a disputar o «Mundial» da categoria, treinou num dos «pelados» anexos ao Estádio Nacional.

A sessão foi orientada por Peres Bandeira, e dos jogadores convocados faltaram Almeida (Chaves), Samuel (Rio Ave), e Monteiro (Atlético), os dois primeiros por estarem lesionados, e o último por razões desconhecidas. Santana, do Estoril, esteve presente, mas não treinou, queixando-se de uma lesão.

O treino de conjunto durou cerca de 80 minutos, e o marcador foi favorável à formação que

vestia de «vermelho», por 3-0 (1-0 no primeiro período), com golos de Vitinha, Diamantino e Meireles.

Grupos no período inicial: «Vermelhos» — Fachada: Simões, Bastos Lopes, Tomás e Artur, Vitinha, Nogueira e João Santos; Diamantino, Grilo e Galhofas.

«Azuis» — José Beto; Pena, Francisco Fernandes, Eduardo e Gouveia, Silva, Quim e Biscaia; José Fernandes, Gaspar e Galvanito.

No segundo tempo os conjuntos formaram assim:

«Vermelhos» — Beto; Simões, Francisco Fernandes, Bastos Lopes e Cabrita; Quim, Silva e Rafael; Meireles, Alvaro e Diamantino.

«Azuis» — Fachada; Pena, Pio, Eduardo e Gouveia; Jorge Carvalho, Paulo e Pedro Galvanito, Gaspar e José Fernandes.

A selecção voltará a concentrar-se em Março, seguindo-se novo período que vai ocupar parte de Abril e de Junho, para, a partir de 15 de Julho, se iniciar a concentração final até à partida para Tóquio.

«MAGRIÇO» DISPENSADO

João Morais, que integrou o grupo de «magriços» que esteve

no mundial de 1966, foi dispensado do lugar de treinador do Foz (regional portuense).

CONHÉ PROSSEGUE EM BRAGA

Conhé guarda-redes do Sporting de Braga, revalidou o contrato com o clube minhoto por mais dois anos. Entretanto, Chico Faria e Paulo Rocha deverão igualmente renovar os seus contratos até ao final desta semana.

VARZIM É NOTÍCIA

Em relação a Chico Faria, notícia controversa chega da Póvoa: o Varzim, batendo o Famalicão na corrida, assegurou o concurso do «Internacional» bracarense por duas temporadas.

Alfás, em relação aos varzinistas, já se sabe do interesse em manterem (quarto ano consecutivo) António Teixeira no comando da formação futebolística, para o que decorrem negociações que beneficiam (logicamente) o antigo jogador das Antas, agora técnico de valor saliente.

ESTRANGEIROS NO FUTEBOL ESPANHOL

Damas é um dos 14 «excelentes»

Somente 12,73% dos futebolistas estrangeiros contratados por clubes espanhóis oferecem um rendimento «excelente» na temporada em curso, enquanto 64,54% oscilam entre o «regular» e o «mau».

Dos 110 futebolistas «importados» que militam na I e II divisões unicamente 14 — entre os quais o português Damas — oferecem um rendimento justificativo dos seus elevados contratos, enquanto 42 qualificados como «regulares» e 29 «maus» dão razão aos que defendem a «nacionalização» do futebol espanhol.

Dentro do grupo de pior rendimento nesta temporada encontram-se o argentino Mario Kempes, o alemão Rainer Bonhof e o holandês Johan Neeskens.

Jornais desportivos espanhóis, que semanalmente classificam os jogadores com base nas suas actuações nos jogos do campeonato permitiram à agência EFE elaborar um estudo estatístico, de que resultou um balanço desolador: apenas 35,46% dos importados estão dentro de uma linha de tendência «excelente», ou «boa» e os restantes pertencem ao grupo dos «regulares» ou «maus».

«LISTA DE HONRA»

Essas estatísticas, simplificadas, são as seguintes: «Excelente» — 14 jogadores, 12,73%; «Bom» — 25, 22,73%; «regular» — 42, 38,18%; e «Mau» — 29, 26,36%.

Nove argentinos, dois paraguaios, um austriaco, um português e um jugoslavo integram a lista de Honra da temporada futebolística espanhola.

São eles: o guarda-redes português Vítor Damas, o goleador austriaco Hans Krankl, o jugoslavo Niograd Kustodic, os paraguaios Orlando Jiménez e Cris-

pén Maciel, e os argentinos Hans Jorge López, Jorge Fenoy, Enzo Ferrero, Ricardo Rezza, Miguel Brindisil Carlos Moreta, Daniel Carbevali, todos da I Divisão, Hugo Cabezas e Daniel Killer, da II.

Estes nomes ilustres fazem parte de uma minoria, o que leva a pensar que no final da temporada se verificará uma «dispensa em massa» de jogadores estrangeiros. Na verdade, cerca de uma centena poderá deixar de jogar em Espanha.

Existem casos surpreendentes, para os quais alguns entendidos não conseguem atinar com explicações mais ou menos lógicas, de jogadores de alto nível que estão a decepcionar.

Um caso exemplar encontra-se nas fileiras do Valência, onde ao mau trabalho realizado por Mário Kempes, que em poucos meses perdeu o engodo pela baliza, se unem os seus compatriotas Luís Fellman e Cabral e o alemão-federal Bohnoí.

Dos 110 futebolistas referidos, repete-se, muitos terão de procurar «novos ares» a partir de 30 de Junho, quando terminar o actual torneio.

Os clubes contratantes procuram geralmente que os «importados» ensinam algo aos mais novos do seu clube ou tapem momentaneamente brechas, mas os números são tão claros que não dão lugar a dúvidas: presentemente são mais os que participam na «sangria económica» do que os que conferem algum benefício.

Na extensa lista dos jogadores «regulares» e «maus», (71 nomes) surgem, além dos valencianos já referidos, o holandês Neeskens, os brasileiros Leivinha e Bino, o holandês Muhren e o argentino Rubén Ayala, Enrique Wolff e Juan Carlos Heredia.

Os «contratos fabulosos» vão ser, sem dúvida analisados atentamente pelos dirigentes dos clubes espanhóis.

De momento os números apontam para um «não» rotundo à continuação de muitos deles, que pelo seu baixo rendimento fecharam as portas não só a eles próprios mas a muitos dos seus conterrâneos que pensam no futebol «milionário» de Espanha.

Wembley: Inglaterra-Irlanda do Norte

Emlyn Hughes, o veterano defesa do Liverpool, foi novamente chamado à selecção inglesa de futebol que defronta hoje, em Wembley, a Irlanda do Norte, em jogo do campeonato da Europa. Hughes (que será o «capitão») integra-se nos planos do treinador Ron Greenwood, que quer apresentar uma equipa experiente.

A Irlanda do Norte comanda o grupo um, com 5 pontos, em 3 jogos, enquanto a Inglaterra tem 3 pontos em 2 jogos.

As duas equipas devem alinhar:

Inglaterra: Ray Clemence Phil Neal, Emly Hughes («capitão»), Dave Watson e Nick Mills; Trevor Brooking, Kevin Keegan, Tony Currie, Steve Coppell, Bob Latchford (Tony Woodcock) e Peter Barnes.

I. Norte: Pat Jennings («capitão»), Pat Rice, Jimmy Nicholl, Chris Nicholl e Sammy Nelson, Bill Cochrane, David Mcree,ry,

Futebol parisiense anda à deriva

O futebol parisiense encontra-se perfeitamente à deriva na última jornada do campeonato as duas equipas da capital francesa, além de perderem, sofreram nada menos de onze golos.

As suas posições na tabela classificativa são modestíssimas. O Paris St. Germain está



Zandonade não chega a conhecer os cantos à casa?

Alvalade: hora de saídas

A cinco meses da encerramento da temporada futebolística, o Sporting confere a casa e prepara contratos de revalidação ou dispensas com alguns dos seus jogadores.

Baltasar, cuja proposta para continuidade não foi aceite pelos «leões», deve assinar pelo Belenenses: ontem, o médico de Alvalade (na companhia de Inácio e do sogro do defesa verde-branco) jantou com um dirigente «azul», acordando os últimos pormenores de contrato por três temporadas, que ficou de ser rubricado pelas 10 horas de hoje. Todavia, até à hora em que encerramos esta edição não nos foi possível confirmar se a assinatura de

Baltasar já estava colocada em contrato formal com o grémio do Restelo.

Porém, de fonte fidedigna, chega a informação que os «leões» estão desinteressados do futuro concurso dos brasileiros Ailton e Zandonade, mais do defesa Murça e do dianteiro Vítor Manuel, primeiros nomes que (oportunamente) serão avisados de que devem procurar novo patrão.

Recorda-se que também Botelho (segundo declaração pública: «porque a casa que o Sporting lhe arranhou fica num local muito barulhento») parece disposto a mudar de ares, ainda que aos verde-brancos o seu trabalho interesse por mais uma época.

Sammy McIlroy; Martin O'Neill, Gerry Armstrong, Billy Caskey.

DESFORRA MEXICANA

A selecção mexicana de futebol venceu a sua congénere soviética (por 1-0) em jogo particular disputado à noite no Estádio Universitário de Monterrey, no Norte do México. Deste modo, os mexicanos desforram-se da derrota sofrida (por igual marca, na semana passada) perante a equipa soviética que efectua uma digressão pelos Estados Unidos e México.

CHILE: OUTRO «BURACO»

Um novo problema foi acrescentado ao futebol chileno, que desde há dias está envolvido num escândalo de grandes proporções, ao descobrir-se o extravio de elevados fundos destinados à construção de um estádio. A anomalia registou-se na cidade de Concepcion. Todos os

chefes regionais da Direcção-Geral dos Desportos e Recreio encontram-se suspensos dos seus cargos, enquanto se investiga «a apropriação indevida de fundos» no total de 350 mil dólares. Destinados à construção de um estádio e à modernização de outras instalações desportivas.

Entretanto, na capital chilena prosseguem as investigações do juiz instrutor sobre a falsificação das idades dos integrantes da selecção junior de futebol do Chile, que participou no recente campeonato sul-americano do Uruguai. Onze jogadores foram declarados réus sob a acusação de «uso malicioso de instrumento público falsificado». A defesa dos desportistas solicitou a liberdade sob fiança, esperando-se que a petição seja hoje discutida. Uma solicitação similar formulada anteriormente pela defesa do treinador Pedro García e do coordenador da selecção Enrique Jorquera (também detidos) foi recusada pelo juiz na semana passada.

em 15.º lugar e o Paris F. C. em 18.º entre 20 conjuntos.

Na derradeira jornada o Paris St. Germain perdeu com o St. Etienne por 4-1 e o Paris F. C., jogando em casa, foi goleado (7-1) pelo Mónaco ante pouco mais de 10 mil pessoas.

Os resultados alarmantes po-

derão eventualmente acelerar a fusão das duas colectividades, o que parece ser do interesse do presidente da Municipalidade, Jacques Chirac.

Esta, aliás, é a única solução que se perfila como válida para salvar o futebol parisiense de uma bancarrota que cada vez mais surge como inevitável.

NA SUA AGENDA

Hoje pode ver

Andebol. Torneio Internacional da Costa do Sol: Dinamo de Pancevo - Benfica, às 21 e 30; Cascais - Paço de Arcos, às 20, ambos no pavilhão de Cascais. Campeonato de Lisboa da 1.ª divisão (seniores masculinos): Cova da Piedade - Atlético, no pavilhão D. António da Costa (Almada), às 22. Campeonato de Lisboa da 2.ª divisão (seniores masculinos): Académica da Ajuda - Cabanas de Viriato, na Ajuda às 21 e 15. Campeonato de Lisboa da 4.ª divisão (seniores masculinos): Academia Santo Amaro - U. Pontinha, às 20, e Universidade - Rio Seco, às 22 e 30, ambos na Ajuda.

Basquetebol - Campeonato Nacional da 2.ª divisão. Zona Sul: Queluz - Carnide, às 20 e 30, e Cruz-Quebradense - Estrelas de Alvalade, às 22, ambos na Ajuda; Montijo - CDUL, no Montijo às 21 e 30; Luso - Nacional, no pavilhão do primeiro, às 22; CUF - Sacavenense, no pavilhão do Lavradio, às 21 e 30.

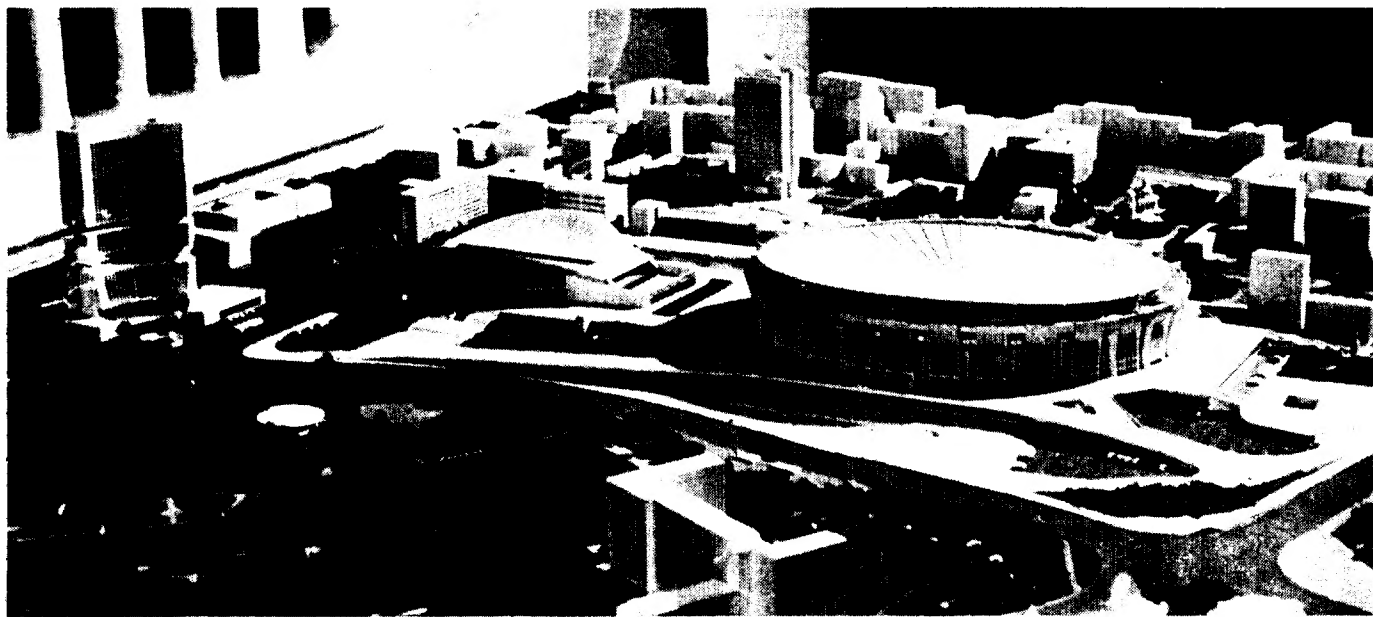
Ciclismo - Sessão solene comemorativa do 35.º aniversário da Associação de Ciclismo do Sul, na Praça da Alegria, 65, 3.º, a partir das 21 e 30, com distribuição dos prémios respeitantes às provas integradas nas comemorações.

Futebol - Taça de Portugal (desempate): Amora - U. Santarém, no Campo da Medideira, em Amora, às 15. Campeonato Nacional da 3.ª divisão (jogo em atraso) Vale-Cambrense - Vila-Novense, em Vale de Cambra, às 15. Campeonato Distrital de Lisboa de reservas (clubes da 3.ª divisão): Sintrense - Odivelas, Estrela da Amadora - Pêro Pinheiro, Unidos - Oriental e Vitória de Lisboa - Alverca, nos campos dos primeiros às 21 e 30. Campeonato Distrital de Faro de reservas: Esperança de Lagos - Olhanense, Portimonense -

Torralta e Fuzeta - Farense, nos campos dos primeiros, às 21 e 30. Sintrense - Selecção Olímpica da Dinamarca em jogo-treino, na Portela de Sintra, às 15. Atlético - AZ 67 (Holanda), na Tapadinha, em jogo-treino, com início às 16.

Ténis de Mesa - Liga Europeia da 3.ª divisão: Portugal - Islândia, às 9 e 30; Portugal - País de Gales, às 14 e 30; Portugal Suíça, às 19, em Cardiff. Taça de Portugal (fase regional de Faro) - seniores masculinos (1.ª jornada - 1.ª eliminatória): Monchique - Algez e Benfica. Os Olhanenses - Náutico do Guadiana, Farense - Escola Secundária de Loulé e Esperança de Lagos - Bonjoanenses, nas mesas dos primeiros a partir das 21 horas. Taça de Portugal (fase regional de Faro) - Juniores masculinos (1.ª jornada - 1.ª eliminatória): Náutico do Guadiana - Farense, Escola Secundária de Loulé - Os Olhanenses, e Algez e Benfica - Esperança de Lagos, nas mesas dos primeiros a partir das 21.

Voleibol - Campeonato Nacional Feminino da 1.ª divisão: ACM - Benfica, na Escola Manuel da Maia; ISEF - Liceu D. Amélia, no pavilhão de Esteiros (Cruz Quebrada), ambos às 21 e 30. Campeonato Nacional masculino da 3.ª divisão Série S/2: Liceu D. Leonor - Liceu de Queluz no ginásio do primeiro, às 20. Campeonato Nacional de juniores masculinos - Série S/1: Nacional de Ginástica - Gil Vicente, na Escola Secundária de Cascais, às 20; Benfica - Liceu Pedro Nunes, na Escola Manuel da Maia, às 21 e 30. Série S/2: CDUL - Sacavenense, no pavilhão universitário, às 21 e 30; Liceu de Oeiras - Operário de Futebol no ginásio do primeiro, às 19 e 30. Campeonato de juniores femininos: Liceu D. Amélia - S. João de Brito no ginásio do primeiro, às 19. Campeonato Nacional de iniciados femininos: Instituto de Odivelas - Vôlei de Salvaterra, no ginásio do primeiro às 19 e 30.



Maqueta do complexo olímpico que vai ser erguido na Avenida da Paz, em Moscovo

Moscovo: Olimpíadas ponto a ponto

Moscovo prepara-se para receber os participantes e hóspedes da «Olimpíada-80». O brusco afluxo de gente que os Jogos provocarão, levantará obviamente problemas de trânsito, relacionados não só com a segurança do tráfego automóvel como com a dos peões. Desta questão se encarregará a GAI (iniciais em russo da Inspeção Estadual de Trânsito).

Com os seus 8 milhões de habitantes e os seus 3600 quilómetros de estradas (constantemente atravessadas por uma corrente ininterrupta de automóveis, camiões, autocarros e por milhões de transeuntes) Moscovo espera receber (em 1980) mas de 600 mil turistas estrangeiros e soviéticos, boa parte dos quais virão de automóvel. Isto criará, sem dúvida, problemas. Outro aspecto da «questão automobilística» olímpica será o do escoamento do trânsito entre a Aldeia Olímpica e os diferentes complexos desportivos.

Lujniki ficará separado da Aldeia 7 quilómetros. Krlitskoe, 11. As salas desportivas de Izmailovo, 26 e Mitiski, 40. Para o transporte de turistas serão postos em serviço 7 mil autocarros

e outros 500 estarão à disposição das delegações. O tráfego efectuar-se-á por certas estradas (com uma extensão de 400 quilómetros) que unirão os lugares das competições e treinos com o Centro Olímpico de Imprensa, o complexo de Rádio e Televisão, a Aldeia e os Hotéis. Por essas rotas, o transporte será garantido pela GAI sem quaisquer inconvenientes.

O Plano da GAI para 1977-80, aprovado pelo Soviète de Moscovo, previu a instalação de um sistema teleautomático para a direcção e coordenação do trânsito. Trata-se da instalação de 40 câmaras televisivas de detecção, que determinarão a quantidade de automóveis nas principais artérias da cidade (em primeiro lugar nas estradas olímpicas), ligadas aos departamentos da GAI.

Este sistema já funciona parcialmente. Até 1980, será incluído ao sistema «Start», que porá debaixo do controlo de computadores, todos os semáforos do centro de Moscovo. O computador programará a regulação óptima para cada situação concreta nas estradas. Se, aí acontecer algo imprevisto

(avaria de um carro, por exemplo) as câmaras de televisão informarão o operador que introduzirá os dados necessários no computador. Além disso, quando se der um engarrafamento, o computador transmitirá sinais para a utilização de vias alternativas.

Quem chegar a Moscovo de carro para assistir aos Jogos Olímpicos, encontrará mais de 200 indicadores com os símbolos das modalidades desportivas. As estradas olímpicas serão também assinaladas com indicadores a cores e os emblemas da Olimpíada.

Juntamente com o Comité organizador dos Jogos, a GAI editará instruções nos principais idiomas europeus para o turista automobilístico com a indicação dos parques de estacionamento, garagens e estações de serviço. Num mapa serão assinalados os complexos olímpicos e as estradas para eles.

Até 1980, serão arranjados parques de estacionamento (tanto na Aldeia Olímpica como nos complexos desportivos) para 28 200 automóveis e autocarros.

ENCICLOPÉDIA

A agência TASS acaba de noticiar que se encontra em preparação, pela **Enciclopédia Soviética**, uma **Enciclopédia Olímpica**.

Trata-se de uma obra com mais de 500 páginas, que terá uma tiragem de mais de 100 mil exemplares. Está a ser redigido, desde 1976, por cerca de 100

autores, sob a chefia do presidente do Comité Olímpico Soviético e presidente do Comité do Estado para a Cultura Física e para os Desportos da URSS, Serguei Pavlov.

A obra, com mais de 1200 artigos, engloba vários dados sobre a história do movimento olímpico internacional e soviético, bem como sobre as cidades organizadoras dos Jogos Olímpicos, biografias de todos os campeões olímpicos soviéticos e de mais de 150 campeões olímpicos de outros países. Será ilustrada com numerosas fotografias a cores, diagramas e quadros.

Entretanto, até 1980, serão ainda editadas, em russo e em 24 línguas estrangeiras, mais de 600 obras sobre os Jogos Olímpicos.

PISCINAS

O maior complexo de piscinas da Europa encontra-se em adiantada fase de construção, em Moscovo, para ser utilizado nos Jogos Olímpicos de 1980.

O complexo compreenderá numerosas piscinas para as diferentes competições, entre as quais uma de 50 x 25 metros (provas de natação) e outra de 30 x 25 (para provas de salto). Os desportistas disporão (igualmente) de piscinas de treino e aquecimento e, ainda, de um ginásio. Estrão previstos locais, para os treinadores, árbitros e médicos.

Quanto aos jornalistas, estes vão dispor de 126 cabinas de reportagem e uma sala de conferências. As tribunas poderão acolher 16 mil espectadores.

MODALIDADES EM DESFILE

XADREZ

O «grande mestre» Viktor Korchnoi, candidato derrotado no último campeonato do Mundo de xadrez, foi galardoado com o «Oscar Mundial de Xadrez» de 1978, atribuído pela Associação Internacional de Jornalistas da Especialidade. Na votação participaram 64 jornalistas de 22 países.

O «Oscar», patrocinado por uma firma comercial espanhola, consiste numa estatueta em prata representando uma figura feminina com um chapéu de chuva, símbolo de Barcelona.

No total, Korchnoi (apátrida de origem soviética) recebeu 707 pontos, seguido de Anatoly Karpov, actual campeão do Mundo, com 689 pontos. Salienta-se que Karpov recebeu os «Óscares» dos cinco últimos anos e que em 1977 obteve mais quatro pontos que Korchnoi.

O jovem holandês Jan Timman ficou em 3.º lugar (com 587 pontos), seguindo-se depois o húngaro Lajos Portisch (541) e o soviético Boris Spassky (432). Os lugares imediatos foram atribuídos a Bent Larsen (Dinamarca), 208; Dzindzihavili (Israel), 193; Ulf Andersson (Suécia), 182; Anthony Miles (Inglaterra), 159; e Mikhail Tal, (URSS), 152.

Os anteriores vencedores do Oscar foram: Larsen (1965), Spassky (1968 e 1969), Bobby Fischer, EUA, (1970, 1971 e 1972) e Karpov (1973, 1974, 1975, 1976 e 1977).

O «grande mestre» búlgaro Nikolai Padevski, que se encontra em Portugal a convite da Federação de Xadrez (com a colaboração da Associação de Amizade Portugal - Bulgária) está

novamente em Lisboa, após pequena visita ao Norte do País. Padevski esteve, sucessivamente, em Coimbra e na Figueira da Foz (onde conduziu «simultâneas»), na Guarda (onde disputou uma partida «às cegas» com o júnior António Ferreira e realizou uma palestra subordinada a temas técnicos) e no Porto, onde conduziu duas «simultâneas» e realizou uma palestra.

O «grande mestre» búlgaro estará em Portugal até à próxima 3.ª-feira, dia em que partirá (com Joaquim Durão) para um torneio em Malaga. Entretanto, participará ainda num torneio que se disputa na sede do Ateneu Comercial de Lisboa, com alguns dos mais fortes jogadores portugueses, entre os quais Luís Santos, João Cordovil, Pereira dos Santos e António Fernandes. Está ainda previsto que Padevski conduza mais algumas «simultâneas», entre as quais a de hoje, em Sesimbra.

TÉNIS DE MESA

No campeonato europeu de ténis de mesa, Portugal venceu as Ilhas Guernsey (por 6-1) e perdeu perante a Dinamarca (0-7).

BOXE

Alan Minter, campeão da Europa dos «pesos médios», derrotou Ruddy Robles (pugilista de Los Angeles de origem mexicana) aos pontos, num duro combate de dez «assaltos», no Wembley Conference Center, de Londres. Foi um excelente combate de preparação para Minter, que deve enfrentar Hugo Corro, para o título mundial, no próximo Outono.

Por seu lado, Colin Powers reconquistou o título britânico dos «super leves», ao bater aos pon-



Alberto Matos: um regresso de recordista nacional ao atletismo do Sporting

tos, em 15 «assaltos». Clinton Mackenzie, que era titular desde Outubro passado. Powers (23 anos) tinha abandonado o seu ceptro em 1977, para disputar o campeonato da Europa, que ganhou derrotando o francês Jean Baptiste Piedvache. Devia ceder em seguida a sua coroa ao espanhol Fernando Sanchez. Depois desta vitória, Powers volta-se novamente para o campeonato da Europa.

AUTOMOBILISMO

A edição de 1979 do «Rali de Portugal», prova pontuável para o «Mundial de Ralis», conta com mais um atractivo: a presença de dois carros inscritos pela «Audi».

As máquinas, de grupo 2, debitam 160 cavalos e serão pilotadas por Harald Demuth/Michael Schwagerl e Freddy Kotulinsky/Arwed Fischer, que já treinam em Portugal.

Por outro lado, a prova de estrada encontra-se totalmente estruturada, prevendo-se a montagem de 210 postos de controlo, que compreenderão não apenas as 45 provas de classificação como também todos os controlos horários e passagem.

Interlagos: défice de 100.000 dólares

A Confederação Brasileira de Automobilismo perdeu 100 000 dólares (cerca de 4700 contos) com a realização do Grande Prémio do Brasil de Fórmula 1, disputado no domingo em Interlagos, e anunciou que em 1980 a corrida terá lugar no Circuito de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

As despesas com a organização da prova atingiram o milhão e meio de dólares e não puderam ser cobertas com as receitas provenientes da publicidade, venda de bilhetes e direitos de televisão.

O presidente da entidade, Charles Nacache, observou que a instabilidade do tempo (com ameaças de chuva) provocou uma menor afluência de público do que se esperava, assinalando que algumas tribunas não encheram sequer metade.

Relativamente à troca de Interlagos por Jacarepaguá em 1980, Nacache declarou que existem dois motivos, um de carácter económico, derivado de uma maior afluência de público, e outro de cariz desportivo.

«Na realidade, a pista de Interlagos está arruinada pela utilização constante, enquanto a do Rio de Janeiro, construída há ano e meio, se encontra em estado quase perfeito, porque raramente é utilizada» - salientou.

Medicina desportiva em congresso

Decorre em Roma o primeiro «Congresso Mundial de Medicina Desportiva Aplicada ao Futebol», o qual conta com a participação de numerosos especialistas internacionais. A iniciativa tem a organização da Federação italiana de Futebol e o patrocínio da Federação Internacional de Futebol. A sessão inaugural dos trabalhos (que se prolongarão até ao dia 9) foi presidida pelo brasileiro João Havelange.

Os temas a debater pelos congressistas abarcam os aspectos médico-biológicos da actividade física, os progressos recentes nos campos da actividade cardiocirculatória e respiratória, problemas relacionados com a traumatologia, dores musculares e aspectos psicológicos do futebol, e, ainda, o exame do questionário médico elaborado no último campeonato do mundo de futebol.

Lord Killanin preocupado com «doping» e política

Lorde Killanin, presidente do Comité Olímpico Internacional, anunciou estar deveras preocupado com a intromissão da política no desporto, como no caso da África do Sul. Mas a sua preocupação suprema é o «doping».

«O «doping» é o pior inimigo do desporto, mais do que a política ou a comercialização» - afirmou

o responsável máximo do COI.

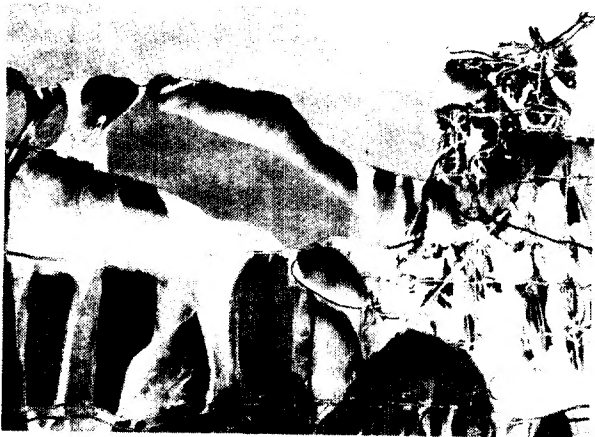
Quanto às questões políticas que presentemente atingem o desporto, Killanin considerou a da África do Sul como a mais perigosa, «porque levanta a possibilidade de que os Governos apliquem sanções directas aos desportistas, fora da jurisdição do COI e das suas Federações».

ROTEIRO CULTURAL

Como tínhamos previsto, a inauguração da exposição de Mário Cesariny abriu à Galeria Tempo mais gente do que cabe nessa galeria e momentos houve, no decorrer da noite, em que alguns amadores de pintura tiveram de ir para a rua estudar o catálogo. Ainda bem. Tudo isto é sinal de que o sector das belas-artistas — ao menos esse... — tem um público cada vez maior. Como temos dito várias vezes, este Roteiro não tem, não quer ter e nunca terá, pretensões críticas, de forma que os comentários que nele surgem não têm senão um objectivo: chamar a atenção dos leitores para os principais acontecimentos culturais que ocorrem no País. Quando fazemos um comentário «crítico», esse comentário incide sobre a organização da exposição ou sobre qualquer detalhe referente à mesma e nunca, como é óbvio dada a nossa posição, ao mérito ou à falta de mérito, das obras dos artistas. A exposição de Cesariny peca, em nosso entender, de um defeito: tem quadros a mais para o espaço da galeria e nenhum deles, por isso, tem o espaço de que carece para se «isolar» dos outros e obter, aos olhos dos visitantes, a sua verdadeira dimensão. Quem chega à galeria — isto perturba sobretudo, a gente nova que co-

meça, agora, a visitar exposições — esbarra com uma autêntica barreira de pinturas que se confundem umas com as outras e que «pisam o terreno visual» umas das outras. Nada disto é grave e esta deficiência, que até podemos ter sido os únicos a notar, não afecta, como é evidente, o mérito intrínseco da exposição. Antes quadros a mais do que quadros a menos... Para ultimar: a exposição de Cesariny tem de ser vista por todos os leitores deste Roteiro que se interessam pelo sector das belas-artistas e mais: por todos os leitores deste Roteiro que se interessam pelo evoluir da cultura portuguesa.

Para além desta exposição que ontem abriu as suas portas ao público e que, por isso, tem o carácter aliciante de tudo o que é «novinho em folha», outra há que é preciso ir ver. Uma destas é, sem sombra de dúvida, a de Hunderwasser, a que já temos feito muitas referências e que está, ainda patente ao público na Galeria das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian. Vítor Fortes e António Sena continuam a expor as suas obras na Galeria Nacional de Arte Moderna (Avenida Brasil, junto ao Mercado do Povo) e não há dúvida de que vale a pena fazer o sacrifício implícito na «viagem» até à Avenida Brasil para ver estas duas exposições. Continuam em exposi-



«Aquamoto», de Mário Cesariny, cuja exposição foi ontem inaugurada na Galeria Tempo

ção, na SNBA, desenhos de Rocha Pinto. Do Do, leva a cabo a sua primeira exposição na «Opinião». Helena Almeida e Alberto Carneiro expõem livros-objects na «Presença» (antiga Grafil) e no Museu Nacional de Arte Antiga está, presentemente, uma exposição de colchas bordadas que não hesitamos em afirmar que é necessário ver. Como é evidente, o facto de muitas destas exposições não atraírem senão camadas muito restritas do público, é um triste sinal do «estado cultural» do País. Temos notado vezes sem conta que muitos dos lisboetas que se tomam medianamente cultos vivem completamente à parte de tudo o que no País se passa em matéria de cultura e

assentam os seus «pergaminhos culturais» unicamente no facto de lerem os jornais e, de quando em quando, um livrinho de divulgação política mais ou menos condicionado às concepções de quem o edita. Triste? Tristíssimo e, pior ainda, sinal de que ainda falta muito tempo até que comecemos a sair da bruma de palavrado e de «sloganismo» em que vivemos e que nos impede de ver claro.

Os leitores deste Roteiro que gostam de música (distinguímos os que «gostam» e, portanto, «precisam» de música, dos que «falam» de música mas que não a ouvem) não têm tido, ultimamente muita sorte, mas aqueles, dentre eles, que apreciam

ópera, têm hoje uma magnífica oportunidade de «fazer o gosto ao dedo». Referimo-nos à possibilidade de ir a S. Carlos assistir à primeira representação da «Welsh National Opera» que interpreta hoje, às 21 horas, a ópera «Billy Budd», de Benjamin Britten. Trata-se de um acontecimento musical de primeira grandeza, dada a reputação da companhia do País de Gales. Interpretam a ópera a que nos vimos referindo, Russell Smyth, Geoffrey Moses, Julian Moyle, Nigel Douglas, David Gwinne, Henry Newman, Forbes Robinson, Arthur Davies e Frank Olegario. A orquestra é dirigida por Richard Armstrong, a ópera é encenada por Michael Geliot e o cenógrafo do espectáculo é Roger Butlin.

O grupo de teatro «Os Saltitões» inicia hoje, na Escola Manuel da Maia, uma série de seminários para professores em que será tratado o enquadramento da expressão artística dramática para crianças do meio escolar.

Em matéria de teatro, não temos grandes novidades. As peças que entendemos dignas de uma visita dos leitores deste Roteiro são, como temos vindo a dizer, «As Alegres Comadres de Windsor» (D. Maria II), «Avareza, Luxúria e Morte n'Arena Ibérica» (TNT) e «A Crónica Atribulada de Esperançoso Fagundes»

(Teatro Aberto). Não incluímos a peça «A Família» nesta lista porque, infelizmente, ainda a não vimos, mas o facto de esta peça ser, como é costume dizer-se, «comercial» não nos assusta nada nem deve assustar ninguém. Comerciais eram as peças de Shakespeare, de Molière e de quase todos os dramaturgos cujas obras fazem parte integrante da nossa cultura. Comerciais são, bem vistas as coisas, quase todas as peças que conseguem atrair o público suficiente para os contribuintes deste pobre País (sejam eles do Douro, do Alentejo ou de outras zonas longínquas e condenadas portanto, a não as ver) não sejam excessivamente onerados em benefício de uma reduzidíssima camada do público lisboeta que se dá ares de intelectual. Que o rótulo de «comercial» não assuste ninguém — antes o comercialíssimo Hamlet do que algumas das intelectualíssimas peças «não comerciais» que de quando em quando sobem à cena. Um dia destes vai surgir alguém nos meios teatrais, capaz de dizer que o rei vai nu. Vai ser um grande dia!

Prosseguem, no D. Maria II, os ensaios da peça de Gorky que se seguirá à presentemente em cena. O grupo de actores que saiu da Comuna continua, no cinema Europa, a preparar o seu próximo espectáculo.

TRINDADE INATEL

Texto de Almeida Garrett
Frei Luís de Sousa
Ninguém

Maria Velho da Costa e Alexandre O'Neill
Música de Carlos Zingaro
Espaço cénico
António Lagarto e Nigel Coates
Um espectáculo de RICARDO PAIS

3.ª feira a Sábado às 21.30 h.
Domingo só as 16 h.
2.ª feira descanso.

S. J. de Cultura - Fundação Gulbenkian
AV. REPÚBLICA

Os sócios do INATEL, dos CCDs, CPTs, e Sindicatos beneficiam de 50% de desconto em todos os lugares (não acons. men. 13 anos)

Diário de Lisboa

NA VANGUARDA DA INFORMAÇÃO

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado, o vento era fraco de sudoeste e chovia ou choviscava em algumas regiões do Norte e Centro.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	14°
BRAGANÇA	9°
VILA REAL	10°
PORTO	14°
P. DOURADAS	5°
COIMBRA	14°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	14°
ÉVORA	12°
SINES	16°
BEJA	14°
SAGRES	16°
FARO	16°
PONTA DELGADA	16°
FUNCHAL	18°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.51 1,8 m	
12.18 3,4 m	18.07 1,7 m
Dia 8	
0.46 3,6 m	6.44 1,6 m
13.11 3,5 m	18.52 1,6 m
Dia 9	
1.34 3,7 m	7.24 1,5 m
13.56 3,6 m	19.30 1,4 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu muito nublado com algumas abertas durante a tarde; vento fraco; períodos de chuva ou aguaceiros nas regiões a norte do Tejo; agravamento do estado do tempo a partir do fim do dia de hoje com céu encoberto; vento moderado de sudoeste e períodos de chuva ou chovisco.



DIA 12 DIA 20 DIA 26 DIA 5

rádio

1.º Programa

17.35 Orquestras; 18.00 Música portuguesa; 18.30 Temas de Saúde; 18.45 15 minutos com...; 19.00 Música Variada; 19.45 Fados de Coimbra; 20.00 «Jornal da Noite»; 20.30 Melodias; 21.00 Sinal Horário — 24.º Episódio do Folhetim «Os Fidalgos da Casa Mourisca», de Júlio Dinis, numa adaptação de Irene Gomes da Silva; 21.20 Música; 22.00 e 23.00 Sinal horário — Noticiário; 02.00 Conjuntos instrumentais 00.35 Ao vivo com...; 01.00 Música na Noite.

2.º Programa

17.50 Obras de Mozart: Sonata em Dó Maior, K. 545, — 2.ª Aíria de Ópera, — Divertimento K. 270, — Concerto n.º 9, em Mi bemol Maior, para piano e orquestra; 18.55 Música de Vanguarda: — Intensitat, de Stockhausen. Gravação efectuada nos Estúdios da Rádio da Alemanha Ocidental, em Colónia. Realização de Karlheinz Stockhausen; 19.30 Tempo Literário, um programa da Direcção Geral do Ensino Básico; 20.00 Música Sinfónica: — Concerto n.º, em Fá menor, de Chopin; — Suite Sinfónica «O Mar», de Debussy; 21.00 Ópera: — 1.º e 2.º actos de «Rigoletto».

3.º Programa-Nacional e Regional (290 m)

18.00 VERTICAL: 18.40 Prevenção e saúde, pelo Dr. José Matilides; 18.50 Temperaturas do ar; 19.05 Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 20.15 «Quando o Telefone Toca»; 22.00 «Suplemento»; 24.00 «Suplemento» (continuação); 00.05 Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer; 00.15 «Dia a dia com o passado»; 01.05 Tempo internacional; 01.10 Ver Cinema, por Pedro Costa; 02.00 Fecho.

3.º Programa-Local (187,5 m)

16.00 «Convite»; 18.00 «Compasso»; 18.15 Sal e pimenta (repetição); 18.30 Ídolos do cinema; 19.00 e 20.00 Sinal horário — Noticiário; 20.10 Hoje convidamos...; 20.40 Serviço de Agenda; 21.00 Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em estereofonia

17.00 «Hora de Ponta»; 19.00 «Em Órbita»; 20.00 «Forum» — Realização de Jorge Lopes; 22.00 «Auditório»; 22.05 A RDP Divulga Jazz, com a colaboração de «Hot Clube de Portugal»; 00.00 «Prisma» — Realização de Fernando Quina «A Idade do Rock» (repetição); 02.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

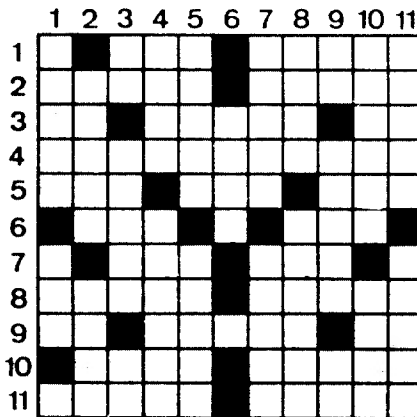
18.08 Apelos; 18.15 Igreja em Notícia — Palavra do dia; 18.30 Transmissão do Terço do Externato do Parque; 19.00 Programa da Liga dos Amigos de R.R.; 20.00 Objectivo; 20.55 Apelos 21.05 Pentagrama; 21.30 O Som da Noite; 22.00 Quando o telefone toca; 23.30 Temas Vivos; 23.30 Textos e Pretextos; 23.55 Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12.257

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Pronome demonstrativo. Entrada (fig).
- Adeje. Alegrias.
- Alumínio (s.q.). Tostar. Duas consoantes desiguais.
- Começante novamente.
- Freguesia do concelho de Alenquer. Fedor. Agência telegráfica de imprensa hoje ANOP.
- Mulher de baixa estatura. Vende a crédito.
- Sinal ortográfico. Rio de Portugal.
- Formar as abas a. Divide em ruas.
- Cinquenta e um em romano. Alé. Niquel (s.q.).
- Casamento. Intervalo.
- Simple. Restos mortais.



VERTICAIS:

- Afio. Semelhante.
- Asa do nariz. Espécie de avental que se veste às crianças para lhes resguardar o vestuário.
- Pronome pessoal. Retruca (pop). Sufixo que designa estado.
- Jarro (planta). Desvairada.
- O mesmo que lesmia. Atas.
- Arido.
- Mercado. Açougue.
- Dá oiro a. Penetrais.
- Reis. Fulgir. Artigo definido.
- O mesmo que tolá. Banha de porco por derreter.
- Tostai. Indivíduos ingénuos (bras).

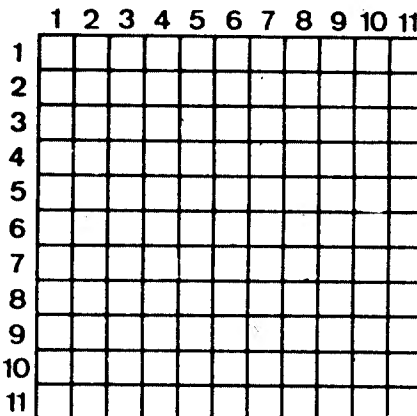
Resolheu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8316

HORIZONTAIS:

- Recuam. Limpar com água.
- Oferecer. Dá massagens a.
- Dera pequenos saltos.
- Ente. Arara.
- Nota musical. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Átomo.
- Ilha do golfo Pérsico que em 1506 foi tomada por Alfonso de Albuquerque. Velho.
- Curso de água natural e abundante. (pl). Quelma.
- Senhoras. Rado (s.q.).
- Serra de Portugal. Baú.
- Conjunção. Telegrafia sem fios (abrev). Chiste.
- Vasilha com asas. Nota musical. Letra grega.



VERTICAIS:

- Preposição latina que designa movimento. Impulso. Gosta muito de.
- Cabelos brancos. Areento (fem. pl).
- Larvas das feridas dos animais. Demorada.
- Ve. Empregar.
- Igreja principal de uma localidade. Basta.
- Post scriptum.
- Palmeira do Brasil. Frâncio (s.q.).
- Gostar muito de. Romance de Emílio Zola.
- Atravessa. Ósmio (s.q.). Reis.
- Fedor. Caluniar.
- Batráquio. Leva à toa. Para barlavento.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12.256

HORIZONTAIS:

- A. BOA. FOME.
- Selamos. Rã.
- Nora. Araras.
- Ama. Tu. Cais.
- Ser. Massa.
- Sana.
- Haiti. Crava.
- Açai. Teor.
- Cair. Api.
- Hera. Re. Saa.
- Asas. Amo. Or.

VERTICAIS:

- NAO. Há. Ha.
- Som. Tacões.
- Beras. Ia. Rã.
- Olá. Esticas.
- Aa. Trai.
- MAU. Tira.
- For. Macerem.
- Osaca. Ro.
- Rasparas.
- Erais. PAO.
- Assa. Aviar.

HORIZONTAIS:

- Calar. Tolda.
- Ab. Sumo. Aar.
- Brasil. Arma.
- Rimo. Regas.
- Água. Giro.
- Amar. Este.
- Rã. Sina. Rs.
- Rã. Sina.
- Amar. As. Apó.
- Matreiros.
- Au. Luar. Asa.

VERTICAIS:

- Cabra. Aramã.
- Abriavam.
- Amura. Am.
- Assoam. Aral.
- Rui. As. Tu.
- ML. Gritara.
- To. Ri. Ser.
- Aéreas.
- Largos. Iara.
- Dama. Trapos.
- Arasses. Oso.

Provérbo: À boa tome, não há mau pão.

Lisboa

Permanente

MENDES GOMES — Calçada da Ajuda, 222 (Ajuda); **ESTADOS UNIDOS** — Av. Estados U. da América, 16-B (Av. Gago Coutinho); **FIGUEIRAS** — Av. Marquês de Pombal, 20-22 (Avenidas Novas); **SI-MOES** — Calçada do Tojal, Rua Conde Monsaraz, 17-B (Penha de França); **RENASCENÇA** — Rua Damas de Matos, 104-AB (Graça); **DIMAR** — Rua Conde de Monsaraz, 17-B (Penha de França); **MARLUZ** — Calçada da Picheleira, 140-B e C (Picheleira); **CUNHA** — Rua Escola Politécnica, 18 (Rato); **PINHEIRO** — Rua Presidente Artur Aguiar, 16 (Rocha); **BRANCO** — Av. Com. G. Guerra, 29 (Alfama); **CENTRAL** — Av. Cardoso Lopes, 25 (Amadora); **TAVARES DE MATOS** — Rua 8, Lote 308 (Branda); **BANHA** — Av. Moscavide, 22-A (Moscavide); **CATELA TAVARES** — Rua Prof. Dr. Aug. Abreu Lopes, 29-A (Odivelas); **NOVA** — Rua Guiné, 15-B (Olivais).

REFORÇO

OURIQUE — Rua Freitas Gazu, 32-B (Alameda e Sousa - cont.); **TELES** — Rua João de Barros, 2 Frente (Alto Santo Amaro); **ZIL** — Av. da Igreja, 9-D (Alvalade); **ONILDA** — Av. João XXI, 13-A (Areeiro); **AZEVEDO FILHOS** — Rossio, 31 (Baixa); **ZEMA** — Rua Gen. Justiniano Padrel, 21-A (Calçada Barbadinhos); **CENTRAL DO LUMIAR** — Alameda Linhas de Torres, 254-B (Lumiar); **LATINA** — Av. Ant. Augusto Aguiar, 17-A (Parque Eduardo VII); **VITEX** — Estrada de Benfca, 373-B (São Domingos Benfca).

Outra Banda

ALMADA — Megalhões — R. Capitão Leão, 8-B (Tel. 2750242); **COVA DA PIEDADE** — Louro — R. Alexandre Herculano, 6-B (Tel. 2763517); **LARANJEIRO** — Felô — R. Borges Rego, 7 (Tel. 2490911); **COSTA DA CAPARICA** — Higienica — Av. da República, 23 (Tel. 2400020); **AMORA** — Matos Lopes — R. 1.º de Maio, Lote 401 (Tel. 2216355); **SESIMBRA** — Leão — Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **BARREIRO** — Pizarra — Av. do Bocado, 65-A (Tel. 2074771); **SEIXAL** — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560); **MONTIJO** — Diogo — R. Almirante Reis, 50 (Tel. 2310032); **MOITA** — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS** — Gueifão — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); **ALCOCHETE** — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 211 ALCAIDE-CHE — Carvalho — Até 21 horas; **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos — Até 21 horas; **CAXIAS** — Nova — R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839), até 22 horas; **CARCAVELOS** — Central — Até 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS** — Vilar — Até 22

horas; **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho de Silveira — Av. Sabaio, 29-B (Tel. 260085), até 21 horas; **OEIRAS** — Alcântara Guerreiro — P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Tel. 2430691), até 24 e das 0 às 21 horas; **NOVA OEIRAS** — Leão — Até 21 horas; **PAEDE** — Leão — Av. da República, 77-C (Tel. 2471054), até 24 e das 0 às 9 horas; **PAEDE** — Junqueira-Mendes — Até 21 horas; **S. PEDRO DO ESTORIL** — S. Pedro — R. 9 de Abril, 24 (Tel. 263052), até 24 e das 0 às 9 horas; **AMOREIRA** — Amoreira — (Tel. 262313/267314), até 22 horas; **CASCAIS** — A. Costa — R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214), até 21 horas; **Cordelro** — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170), até 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Central — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210), permanente; **Melo** — R. D. João I, 9-B (Tel. 932756), até 22 horas; **DAMAIA** — D. João V — Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461); **QUELUZ** — Simões Lopes — Av. Lopes Garcia, 51 (Tel. 950123); **CAMARATE** — Batalha — R. Avelino S. Oliv., 5 (Tel. 2518669); **CACÉM** — Garcia — Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181); **MEN MARTINS** — Miranda Garcia — Est. Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103), permanente; **AGUALVA** — Cacém — Mira Sintra-P. N-Torre, 310, até 20.30 horas; **MERCES** — Claro Russo — Até 21 horas; **RIO DE MOURA** — Rionouro — Av. Óscar Mont., 9 (Tel. 2960194), até 23 horas; **SINTRA** — Simões — Estefânia (Tel. 2930832), permanente; **COLARES** — Abreja — (Tel. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CONTUMIL — Rua de Contumil, 540, Tel. 485755; **VAZ TEIXEIRA** — Rua do Heroísmo, 56, Tel. 52851; **BORRACHA** — Pr. da Liberdade, 125, Tel. 20463; **COSTA LIMA** — Av. da Boavista, 855, Tel. 60606; **MARQUES DE MENDONÇA** — Rua do Ameal, 251, Tel. 487118; **MAFALDA** — R. do Monte Cativo, 444, Tel. 461617; **CARDONA DOS SANTOS** — Rua D. Manuel I, 90, Tel. 315051; **ORIENTAL** — Rua do Jardim, 727, Tel. 27878; **SAÚDE** — Avenida Combatentes Grande Guerra, 689.

(De dia e toda a noite)

PASTELEIRA — Rua André de Resende, 92, Tel. 687011; **ALMEIDA CUNHA** — Rua Formosa, 327, Tel. 24874; **SAMPAIO** — Rua de Cedofeita, 636, tel. 21782; **SÃO JERÓNIMO** — Rua Santos Pousada, 622, Tel. 54526.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

LOPES RODRIGUES — Rua Fern. Tomás, 41, Tel. 22634; **OLIVAIS** — Rua Bernard de Albuquerque, 159, Tel. 72904.

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A — 18 anos
14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
PIRANHA

SALA B — M. 13 anos
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45 horas
O REGRESSO DOS HERÓIS
Com: Jane Fonda

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 15.15, 18.15 e 21.30 horas
Interdito a men. 13 anos
ZAMANAT
Com: Jeetendra e Reena Roy
Hoje estreia

APOLO 763319

Av. João Dinis, 10-A

Atenção: 5 sessões diárias
13.30, 16.15, 19, 21.30
MORTE NO NILO
Int. men. 13 anos
Um filme de John Guillemin
Às 24.00 horas — Não ac. m. 13 anos
MONTY PYTHON E O CALICE SAGRADO

AVIS 547163

Av. Duque D'Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Maiores de 10 anos
UM JUSTICEIRO
FRIJO E IMPLACÁVEL
ESTRELA NEGRA
Robert Woods — Elga Andersen

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Interdito a menores 13 anos
Dino de Laurentis apresenta
A CARGA DO BUFALO BRANCO
com Charles Bronson, Jack Warden.

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Para todos
John Weissmuller e Maureen O'Sullivan em
TARZAN EM NEW YORK
um filme de Richard Thorpe

CASTIL 580194

Rua Castilho

Estreia às 21.30 horas — Não acons. m. 13 anos
O diabo à solta no convento!
O HÁBITO NÃO FAZ A FREIRA
Com: Glenda Jackson e Melina Mercouri
Um filme de Michael Lindsay, Hogg
Às 15.30 e 18.30 — Últimas de
DUAS VIDAS EM PERIGO

CINEBOLSO 573407

Rua Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Int. men. 18 anos
-A pornografia de grande qualidade
DESEJOS LOUCOS
PORNOGRÁFICO

Às 24 horas — Não ac. m. 13 anos
AS AVENTURAS DE ULISSES
Com: Bekim Femi e Irene Papas

CINE CAMÕES 324194

Rua de Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30 horas
Dois são iguais como duas gotas de água, um inocente... outro criminoso!
O VERDADEIRO E O FALSO
Hatiz, Mohamadali, Shabnam e Rusna
Não acons. men. 13 anos
Às 18.45 — Int. men. 18 anos
BRUCE LEE VOLTA AO ATAQUE
Não acons. men. 18 anos

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. men. 13 anos
Altamente espectacular!
O CHOQUE DAS ESTRELAS
Com Christopher Plummer
Às 23.45 h.
A RAÇA DOS SENHORES

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
A FÚRIA
Com: Kirk Douglas e John Cassavetes
2.ª Semana

DOIS MIL 2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés

Às 15.30, 18 e 21.30 h
O VALE DO AMOR
Int. men. 18 anos

D. JOÃO V 971794

Praça Centro Comercial - Damai

Amanhã às 21.15 horas
MONTY PYTHON, E O CALICE SAGRADO
Comédia histórica das aventuras e desventuras do rei Artur!

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14.30, 16.30 e 21.30 h.
Interdito menores 13 anos
Shashi Kapoor, Zeenat Aman em
AMOR SUBLIME
A última grande obra de Raj Kapoor
TECHNICOLOR
3.ª Semana

ESTÚDIO 555134/5

Av. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Int. men. 18 anos
Um libelo actual!
Quando a juventude revela no abismo...
HISTÓRIA DA VIDA E DA MÃE VIDA
Um filme de: Carlo Lizzani
3.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 63

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
DUAS VIDAS EM PERIGO
Mariene Jobert
Num filme de grande suspense de
Yves Boisset

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35

Às 15.15 e 21.30 — Para todos
É uma loucura de rir sem parar!
O INCORRIGÍVEL TEIMOSO
Louis de Funès e Annie Girardot
Amanhã às 18.15
— Quinta-feira à tarde —
Não acons. men. 18 anos
ENSINA-ME A VIVER
Um filme de Hal Ashby — Canções de
Cat Steve

Os espectadores deste cinema poderão ver na televisão que se encontra no foyer a telenovela «O Astro»

IMPERIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos

Clint Westwood como nunca o viram antes. Apaixonado, briga numa comédia de acção amor e muito humor!
UM INDOMÁVEL REBELDE
(Every which way but loose)
Últimos dias

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

VAMOS TODOS PARA O PARAISO
Não acons. men. 13 anos
Com: Jean Rochefort, Claude Brasseur e Guy Bedos

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30 h.
Int. men. 13 anos
Uma comédia que é um grande pitéu!
ALGUÉM ANDA A MATAR OS GRANDES CHEFES DA EUROPA
Robert Morley, Jacqueline Bisset, George Segal, Philippe Noiret

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 15.15, 18.30 e 21.30 h.
Int. men. 18 anos
CLUBE DE ASSASSINOS
(The Big Racket)
Um filme de choque
A violência e audácia deste filme tornaram-no desaconselhável a pessoas nervosas

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Peter Weir
PIC-NIC EM HANGING ROCK
Com: Rachel Robert, Dominic Guard, Helen Morse
2.ª semana

NOVOCINE 840678

Av. General Roçadas, 7

Às 15.15 e 21.30 horas
Não acons. men. 18 anos
O BORRACHINHO
Com: Antnesca Nemour e Helienne Chanel

ODEON 326283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15.15, 18.15 e 21.15 h.
Não acons. men. 13 anos
RECOMPENSA
Realização de Arthur Duarte
Com: Fernanda Lapa, Rogerio Paulo, Maria Adelinha, Fernando Curado, Ribeiro e outros conhecidos artistas
Aviso — O filme é projectado no início da sessão

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos.
As dentadas eróticas de uma vampira
OS APETITES DE LADY DRÁCULA

POLITEAMA 326305

R. Portas de St.º Antão

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
O DRAGÃO ATACA
Bruce Lee... é vedeta

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1 — Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h.
Não acons. men. 18 anos
A FÚRIA
Realiz.: Brian de Palma
SALA 2 — Às 15, 17, 19, 21 e 23
Int. m. 13 anos
VIA LACTEA
SALA 3 — Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h.
(Interdito men. 18 anos)
com cenas chocantes
PORNO POP
SALA 4 — Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h.
(Não acons. men. 18 anos)
O EXPRESSO DA MEIA-NOITE

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém

Int. men. 13 anos
Às 15.30 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
em 6.ª semana
HOLOCAUSTO 2000
Com Kirk Douglas, Simon Ward, Anthony Quayle, Virginia McKenna e Alexander Knox

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB

Às 15.30, 18.30, 21.30
Não acons. men. 18 anos
Sylvia Kristel em
ADEUS, EMMANUELLE
O adeus da mais bela carícia do cinema francês
2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

14.30 — 18 e 21.30 h
Interdito menores 13 anos
Shashi Kapoor, Zeenat Aman em
AMOR SUBLIME
A última grande obra de Raj Kapoor
TECHNICOLOR
3.ª semana

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

Às 15.15, 18.30 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos
Grande Prémio de Cannes para o melhor actor!
O REGRESSO DOS HERÓIS
(Coming Home)
ATENÇÃO — As sessões iniciam-se com a projecção do filme

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 13.30, 16.15, 19 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos
A mais célebre história de amor e mistério de Agatha Christie
MORTE NO NILO
Peter Ustinov, Jane Birkin, Mia Farrow, Projectão do filme imediatamente após o início das sessões

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45 horas
Não acons. men. 13 anos
Considerado pela crítica o melhor filme do ano!
O SEGREDO DE FEDORA
William Holden, Marthe Keller, Henry Fonda — 11.ª semana

TERMINAL 371573

Estação de Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.
Não acons. men. 13 anos
No mais alegre de todos os filmes musicais!
HOLLYWOOD DE ONTEM
(Lucy Mammé)
Em 2.ª semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Technicolor — Para todos
Agora aventura no espaço em Sensurround!
BATALHA NO ESPAÇO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.45 h.
Não acons. a men. 13 anos
Um extraordinário filme de antecipação científica
O CHOQUE DAS ESTRELAS
Com Christopher Plummer, Caroline Munro
5.ª semana

PALÁCIO FOZ 367831

P. Restauradores

Ciclo «Made in USA — 3.ª Western» — 2.ª série

ACONTECEU NO OESTE
Sergio Leone
Maiores de 14 anos
15.15 e 21.15 horas
Iniciativa da Direcção-Geral da Acção Cultural.

Lisboa

CAPITÓLIO — «A Batalha do Colchão», 21.30 (13 anos)
VARIEDADES — «Felizardo e Companhia», 21.30 (13 anos)
TRINDADE — «Ninguém», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA — «E Tudo São Bento Levou», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO ABERTO — «Crónica Atribuída de Esperançoso Fagundes», às 21.30 (13 anos)
A.B.C. — «Direita Volver», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA II — «As Alegres Comadres de Windsor», às 21.30 (13 anos)
MONUMENTAL — «Um Zero à Esquerda», às 21.15 (13 anos)
TEATRO DO NOSSO TEMPO — «Aventura, Luxúria, e Morte N'Arena Ibérica», às 21.30 (18 anos)
MARIA MATOS — «A Família», às 21.30 (13 anos)
LAURA ALVES — «O Risiolucionario», às 21.30 (13 anos)

Outros Espectáculos

Lisboa

OLIMPIA — «As Hóspedes do Sexo» sessões permanentes, (18 anos)
CINEARTE — «Kinara», às 21.30 (13 anos)
LUMIAR — «Amar e Viver», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA — «O Maior Espião da História», às 21.15 (14 anos)
ROYAL — «Lutadores Implacáveis», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «O Governador de Ferro» (18 anos)
ESTORIL — Palácio — «Barafunda no Farostel», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL — Casino — «Tubarão 2», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS — S. José — «Os Três dias de Condor», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS — Impala — «Febre de sábado à noite», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS — Oxford — «Médica na Inspeção Militar», às 21.30 (18 anos)
Linha de Sintra
AMADORA — Cine Plaza — «Piranha», às 21.30 (13 anos)
AMADORA — Lido — «Febre de Sábado à Noite», às 21.30 (13 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Amor no Nilo», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «3 Mulheres», às 21.15 (13 anos)
ALMADA — Incrível — «Alta ansiedade», às 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO — Instrução e Recreio — «Mulheres e Recrutadas», às 21.15 (10 anos)

Outros Espectáculos



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

• ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 185-1 •
TELEFONES 30421/2/3

• REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUIZ SOBRINHO, 44
TELEFONES 3215/6, 32071/2/3 32072/3 32178/9
PUBLICIDADE 36740

• SERVIÇO MONTI (DEPOIS DAS 21)
PORTUGAL 321154
MENSAGENS GRÁFICAS 32072/3

• FOTOCOPIA TELEFONICA OMNI. TELER 12363
LISBOA PORTUGAL

• DELEGACAO DO PORTO
RUA DO ALMADA 30-2 • TELEFONES 29954/5

ESPAÑA Começou a campanha eleitoral

Começou hoje em Espanha a campanha para as eleições de 1 de Março. Cerca de 9000 candidatos disputarão 558 lugares no Parlamento, 350 no Congresso e os restantes no Senado.

Trata-se do quarto sufrágio nacional em Espanha, um pouco mais de dois anos e há sintomas de que é possível um grande número de abstenções.

Quase um terço do eleitorado não foi às urnas na última votação nacional, em 6 de Dezembro — num referendo para aprovar a nova constituição democrática do país, que acabou com as leis franquistas.

Desta vez a opção vai desde a unidade nacional, da extrema-direita, chefiada pelo franquista Blas Pinar, até aos nacionalistas bascos, da extrema-esquerda, da coligação de Herri Batasuna, que apoia a luta armada da ETA por um país basco marxista e independente.

Contudo, o interesse principal centra-se na luta entre a União do Centro Democrático, do primeiro-ministro Adolfo Suarez, que ocupa o poder e o Partido Socialista Operário Espanhol de Felipe Gonzalez.

As sondagens, cujos resultados foram publicados ontem, mostram que os socialistas se acham à frente, embora o grande número de indecisos possa virar os resultados para qualquer dos lados.

O jornal monárquico «ABC» revela duas sondagens efectuadas por organizações francesas. Uma dá ao PSOE 29%, comparado com os 19% da UCD. A outra coloca os socialistas à frente apenas por 20 contra 19%, com 38% do eleitorado indeciso.

Um inquérito no jornal liberal «El País» apresenta os socialistas à frente por 21% em relação aos 18,4 da UCD.

A maioria dos comentadores políticos de Madrid concorda no entanto com a opinião expressa pelo secretário-geral do Partido Comunista, Santiago Carrillo, de que as eleições de um de Março poucas mudanças trarão à actual cena política.

(Hoje 24 páginas)

Tem falta de espaço em sua casa?

APRESENTE-NOS UMA SIMPLES IDEIA OU DESENHO, POIS NÓS EXECUTAMOS MÓVEIS DE TODOS OS MODELOS OU MEDIDAS
REQUINTE — MÓVEIS E ESTOFOS
(FABRICANTES)

AV. ALMIRANTE REIS, 110. TEL. 822891
(DEFRENTE DA CERVEJARIA PORTUGALIA)

Fronteiras marítimas da Guiné serão tema do encontro Eanes-Cabral

BISSAU (por Xavier de Figueiredo, da ANOP) — Em 1960, Salazar concluiu secretamente com a França um acordo nos termos do qual uma parcela das águas territoriais da então Guiné portuguesa seriam colocadas sob a jurisdição do Senegal.

Dois anos mais tarde, em 1962, seria, por sua vez, a República da Guiné (Conakri), que unilateralmente, mas sem qualquer oposição de Portugal, alterava a seu favor o traçado da linha de delimitação das suas fronteiras marítimas com a antiga colónia portuguesa.

Com a concessão de Salazar e o acto unilateral da República da Guiné, as águas territoriais da antiga colónia portuguesa não só foram reduzidas a menos de metade da superfície que tinham, como passaram a ter a insólita configuração que ainda hoje têm: as suas linhas de demarcação, partindo dos limites norte e sul das fronteiras terrestres, convergem uma em direcção à outra, até se tocarem, formando um triângulo num ponto situado a pouco mais de 30 milhas da costa.

Como entretanto o Senegal e a República da Guiné criaram as suas próprias zonas económicas exclusivas (220 milhas), passou a acontecer que o triângulo a que confinam as águas territoriais da Guiné-Bissau, ficou como que completamente incurtado na vastidão dessas zonas, que se estendem muito para além do seu vértice. Na prática — trata-se de um outro cenário destinado a visualizar melhor o absurdo da situação — nenhum barco, venha em que sentido vier, pode entrar nas águas territoriais da Guiné-Bissau, sem ter de passar pelas zonas económicas exclusivas do Senegal ou da República da Guiné — que a partir das 30 milhas (ou do vértice do triângulo), conseguem ter uma fronteira marítima comum... Quando entre ambos os países se situa a Guiné-Bissau.

Em Bissau continua a haver uma aposta total na legitimidade e na justeza das suas reivindicações, que consistem ou na reposição das antigas fronteiras ou

pelo menos na correcção das actuais — e neste caso de modo a que os seus direitos deixem de ser lesados. Invocado desde os tratados do direito marítimo internacional — estabelecem eles que as fronteiras marítimas devem ser perpendiculares ao sentido geral da costa, mas tal regra não é observada, em desfavor da Guiné-Bissau — até aos vícios jurídicos do acordo negociado entre Salazar e a França, passando pela ilegalidade aparente da decisão unilateral de Conakri, que terá violado o princípio da carta da OUA, a qual consagra a inalterabilidade das fronteiras herdadas do colonialismo. Por tudo isto, os guineenses de Bissau parece ter boas razões para apostar no seu próprio cavalo.

FRIEZA COM CONAKRY

Mas a verdade é que não se pode dizer que esta disputa entre os três países esteja em vias de se resolver. Se, no caso do Senegal se caiu agora num impasse, de que só se poderá sair, como de resto vai acontecer, mas não sem que alguns meses passem entretanto, com a intervenção de instâncias internacionais (o Tribunal de Haia), no caso de Conakry, a relativa abertura com que até certo ponto corresponde às reivindicações da Guiné-Bissau, deu recentemente lugar a uma irredutibilidade que começa por pôr em causa o princípio da negociação do diferendo.

O número não é rigoroso, mas deve ter havido pelo menos seis reuniões entre as autoridades guineenses, e senegalesas, tendo em vista a discussão do diferendo. Em Setembro do ano passado, os presidentes Luís Cabral e Leopold Senghor chegaram mesmo a encontrar-se em Dakar com a finalidade de se chegar pelos menos a uma solução de compromisso. A última tentativa foi feita em Dezembro, quando a Grande Comissão Mista Guiné-Senegalesa se reuniu em Dakar, mas também aí não se chegou a acordo. A dis-

puta entre os dois países acabará assim por ser resolvida pelo Tribunal Internacional de Haia, para o qual o Senegal já recorreu, embora não agradando com isso à Guiné-Bissau, que preferia uma arbitragem internacional.

Aparente boa vontade demonstrada pelo Senegal tendo em vista a resolução definitiva do problema, contrasta com uma certa inflexibilidade da parte da República da Guiné, que pode bem considerar-se um dos fulcros da frieza que caracteriza as suas relações actuais com Bissau. Mas é curioso notar que será certamente a República da Guiné que passará por maior dificuldade para demonstrar a legalidade da sua jurisdição sobre águas territoriais retiradas à Guiné-Bissau.

Uma coisa é certa: de cada vez que as autoridades guineenses (quase sempre o presidente Luís Cabral), se referem ao problema fazem-no empregando uma linguagem severa, mas ao mesmo tempo, insistindo na necessidade da sua resolução por meios pacíficos, de forma «adequada ao espírito de amizade e boa vizinhança que marca as nossas relações», como se diz a propósito. Por isso (mas por outras razões mais), ninguém acredita em Bissau que as disputas com o Senegal e a República da Guiné possam algum dia vir a desembocar para um conflito armado — «Pura fantasia», como lhe chamam. No entanto, também não escapa aos observadores que, sobretudo, no caso de Conakri, as relações bilaterais, quando foram muito cordiais, podem vir a passar em breve por uma fase de certa tensão, exactamente por causa do impasse em que caíram as conversações.

HERANÇA DO COLONIALISMO

Conclusão a que facilmente se chega é a de que a Guiné-Bissau está envolvida num problema que no fundo se radica numa situação herdada inteiramente de Portugal, antiga potência colonial. Até agora, ainda que prestando uma certa assistência à

Guiné-Bissau, sobretudo no aspecto de preparação de dossiers, Portugal tem-se remetido a uma posição que se confunde com uma certa neutralidade.

Em Bissau, a posição de Portugal é compreendida mas só até certo ponto. Os guineenses esperam, na verdade, mais de Portugal e parece que é isso mesmo que farão sentir ao presidente Eanes, quando ele visitar o seu país no próximo mês.

Do acordo por troca de cartas (o que quer dizer quando houve negociações directas), nada souberam os portugueses.

Em si mesmo ele constituía uma flagrante negação da política de Salazar, razão pela qual o ditador nunca o submeteu à ratificação da Assembleia Nacional, nem nunca o mandou publicar. Mas (do mal o menos), não foi mau de todo que Salazar tivesse escondido o documento no fundo de uma gaveta: por não ter sido

ratificado nem publicado, os guineenses, apoiados pelos pontos de vista de juristas internacionais de renome, não o consideram, nem válido nem vinculativo.

A existência de petróleo na faixa Norte das antigas águas

territoriais da então Guiné Portuguesa foi a questão à volta da qual se movimentaram os interesses que conduziram à negociação do acordo. Interessada na exploração dos jazigos, a França viria a conseguir convencer Salazar a colocar sobre a jurisdição do Senegal os paralelos 270 e 240. Nunca se soube qual foi a contrapartida que Portugal recebeu ou mesmo se ela existiu, mas parece que a iminência do desencadeamento da luta de libertação nacional e a miragem que apresentava o Senegal como uma «base» que o PAIGC nunca viria a utilizar, explicam tudo.

Foi assaltada a estação dos CTT de Queijas

Hoje às 9 e 30 da manhã, quatro jovens, com a cara coberta por meias, assaltaram a estação de Correios de Queijas onde estava só a empregada Maria Luísa.

Um ficou no carro, os outros entraram no edifício e, sob a mira duma arma um ameaçou a empregada: «Fique quietinha que não lhe fazemos mal». O outro saltou o balcão, e o terceiro cortou o fio ao telefone.

Entretanto, uma vizinha do prédio em frente assiste à cena e começa a gritar. O assaltante que estava no carro aponta-lhe uma arma.

A vizinha recolhe-se para dentro de casa e manda a filha de 7 anos avisar uoa outra vizinha, que tem telefone, para que alerte a Polícia.

Entretanto, os assaltantes põ-

em-se em fuga num carro creme, deixando no local uma meia e uma luva.

Levaram 1500 escudos do porta moedas da empregada, selos e dinheiro, avaliado em escassas dezenas de contos.

É, em 15 dias, o quarto assalto a estações de Correios que, pela sua situação e falta de segurança, são objectivos mais fáceis para os gatinos.

Recorde-se que num mesmo dia foram assaltadas as estações dos CTT de Alfragide e do Sabugo. Daquela, levaram 50 contos; desta, 80.

No terceiro assalto, efectuado, na estação de Pombal, levaram 40 contos e mais mil de um prospecto bancário que entretanto se encontrava no interior do edifício.

Controlo de estrangeiros

Continuação da pág. 1

deverão acrescentar-se ao que dispõem a Constituição, o Código Penal e a vária legislação avulsa existente.

A nova legislação visa uma actuação «realmente eficaz» sobre todos aqueles que se «aproveitam das amplas liberdades» que existem no nosso país para o desenvolvimento de «actividades ilícitas». Sem novas leis, sem a criação do tal «Serviço de

Informações», que funcionaria não só para o caso dos estrangeiros mas também para outros campos, designadamente o sector económico (só?), o Serviço de Estrangeiros poderá ser sempre «furado». Basta para isso que um cidadão que acolha um estrangeiro não comunique esse facto, não atendendo assim ao apelo do coronel Ramiro Ramos.

Dirigentes estrangeiros pedem clemência para Ali Bhutto

A vida de Ali Bhutto tem sido motivo de repetidos e variados apelos de líderes de todo o mundo, para além de manifestações em diversas cidades do Paquistão pressionando no sentido do seu perdão.

O presidente James Carter, dos Estados Unidos, o primeiro-

ministro James Callaghan, da Grã-Bretanha, e os líderes da Suécia, Dinamarca, Noruega e Austrália, apelaram para que o presidente Mohammed Zia Ul-Haq lhe poupe a vida. Um apelo no mesmo sentido foi endereçado pela Amnistia Internacional.

SINDICATO DOS MÉDICOS?

A saúde deverá ser um dos sectores mais «falados» nos próximos tempos. As populações exigem condições, como o caso dos Centros de Saúde do Norte do País, que foram suspensos perante a reacção vigorosa das autarquias locais, o corte no Orçamento Geral do Estado (dois milhões de contos) previsto para a Saúde, a Previdência e Hospitalização num estado caótico. Perante isto, a Ordem dos Médicos reage como organismo de classe.

Seis mil policlinicos sem carreira

«Sem carreira médica, sem Serviço Nacional de Saúde ou lá o que lhe quiserem chamar, o problema dos policlinicos não se resolverá. Há 24 meses que esperamos uma solução para o nosso caso» — afirmaram esta manhã em conferência de Imprensa, alguns dos elementos da Comissão Coordenadora Nacional dos Médicos Candidatos ao Internato das Especialidades, mais conhecidos por P-5.

Nesta situação encontram-se 620 médicos. No entanto regressaram há dias do Serviço Médico à Periferia mais mil Policlinicos, P-4. E assim por diante. Pensa-se que cerca de seis mil médicos se encontram nesta indefinição de carreira. Começaram, agora, a organizar-se com o objectivo de exigir uma rápida solução para o seu problema.

Neste caso concreto, os P-5, terminaram o curso de Medicina em Novembro de 1974. Iniciaram o internato de Policlinica em Dezembro do mesmo ano. Após dois anos de preparação pós-graduada passa a poder exercer a Medicina não-tutelada.

Em Fevereiro de 1977 iniciam o Serviço Médico à Periferia, condição necessária para o acesso ao grau seguinte da Carreira Médica.

Nessa altura, já se desenvolvia o conflito com os colegas do curso anterior que viria a ser resolvido por despacho do então ministro Arnaut. Foi-lhes, então, também assegurada a resolução do seu caso, com a criação do «clínico geral» e de uma rápida concretização do SNS.

Nada disso, porém, aconteceu e hoje 620 médicos aguardam uma decisão para o seu caso. Integrados na Letra I do Funcionalismo Público (12.600\$00) exigem o início do Curso de Especialidade, já que as outras soluções parecem estar afastadas para os tempos mais próximos. Na próxima sexta-feira, a Comissão Coordenadora entregará um abaixo-assinado ao Secretário de Estado da Saúde, com as reivindicações dos Policlinicos. Se a solução não vier, serão analisadas em assembleia de curso outras formas de luta.

A Ordem dos Médicos tem uma posição muito próxima da

ULTIMAS NOTÍCIAS

A Ribeira inundada

PORTO, 7 — O rio Douro transbordou e começou a inundar a zona da Ribeira, no Porto, entrando as águas pelas casas e estabelecimentos ribeirinhos.

A população ribeirinha, já acostumada a estas inundações, repete acções de outros anos, pondo a salvo os seus haveres e tentando minimizar as conse-

quências da entrada das águas nos seus domicílios.

Segundo informações aqui recolhidas, foi a seguinte a evolução do nível das águas na Ribeira: às 5 horas, 10,50 metros; 8 horas, 11,60; 9 horas, 12,30; e 10 horas, 12,80.

A tendência é para o aumento do caudal das águas.